

Branco e Negro



A NYMPHA CAÇADORA; desenho de Rejchan

PREÇO 50 REIS

N.º 101

OBRAS
DE
MARCELLINO MESQUITA

Na azenha, contos, 1 vol. br. 500 rs.
Dôr suprema, tragedia burgueza, 2.^a edição,
1 vol. br. 400 rs.
O Regente. tragedia historica, 2.^a edição,
1 vol. br. 400 rs.
O velho thema, drama, 1 vol. br. 400 rs.
Pérola, comedia em 3 actos (no prélo).

A. M. PEREIRA, editor — 50, Rua Augusta, 54 — Lisboa

Obras de Alberto Pimentel

Editor A. M. PEREIRA — 50, Rua Augusta, 54 — Lisboa

A GUERRILHA DE FREI SIMÃO

Romance historico, 1 vol. br. 500 réis, enc. 700 réis.

VIDA MUNDANA D'UM FRADE VIRTUOSO

Estudo historico, 1 vol. br. 300 réis.

VINTE ANOS DE VIDA LITTERARIA

1 Vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

AS NETAS DO PADRE ETERNO

Romance humoristico, 1 vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

NOITES DE CINTRA

1 Vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

SANGUE AZUL

(Estudos historicos) no prélo, 1 vol.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 101

LISBOA, 6 DE MARÇO DE 1898

2.º ANNO

Dr. Campos Salles

Novo Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil



EXCAVAÇÕES LITTERARIAS

A CENSURA DRAMATICA EM 1860

UMA CARTA DE SILVA TULLIO

Es aqui o parecer da commissão de censura dramatica, que hontem prometí publicar, por copia authentica.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Rogo a v. ex.^a se digne enviar-me hoje mesmo copia authentica do parecer da commissão de censura dramatica, que internamente estou presidindo, dado a respeito da peça intitulada — *Revista de 1859*, o qual se acha archivado na secretaria da inspecção geral dos theatros, a cargo de v. ex.^a

Deus guarde a v. ex.^a, 13 de fevereiro de 1860.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. inspector geral dos theatros. — *A. da Silva Tullio*.

I. G. dos Theatros, l. 2.^o, f. 6, n.^o 9.

Revi com todo o escriptulo a *Revista do anno de 1859*, peça original em 3 actos, que se destina para o theatro do Gymnasio, e sobre ella direi o seguinte :

Sendo o argumento de taes composições, o chamamento a juizo, de todos os successos notaveis occorridos durante o anno, e julgados pelo lado comico, cumpre que o poeta, visto não ter que foblar, jámais descaia para o terreno em que Aristophanes tão escandalosamente li-ongeou a insolencia democratica dos athe-teses, escarnecendo e calumniando, perante o povo, os homens mais dignos e benemeritos da Grecia.

O auctor da *Revista* desviou se, quanto lhe era possivel, d'este escolho; mas ainda assim, a censura não pôde admitir algumas allusões e phrases que a malicia ha de aproveitar para fazer do apologo satyra, e que realmente teem o inconveniente de se poder transformar a personificação licita em personalidade prohibida. Todos esses logares aponte e *reprovo*; mas como o auctor conceiu de boamente na alteração, feita ella, dou lhe conscienciosamente o meu voto.

Feito isto, e havendo egual prudencia na caracterização das figuras, entendo que a *Revista do anno de 1859* está nos termos legaes de se representar em qualquer theatro de segunda ordem, por se conformar, depois de emendada, com as prescripções do decreto de 22 de setembro de 1853. Este é o meu voto. — Lisboa, 30 de janeiro de 1860. — *A. da Silva Tullio*.

Concordo plenamente com o parecer do meu collega, excepto n'uma allusão, *patha*, que melindre pessoal, me obrigava a reprovar, no que estou certo, ha de concordar o auctor. — Lisboa, 9 de fevereiro de 1860. — *Ernesto Biester*.

DESPACHO

A commissão de censura dramatica é de parecer que esta peça se pôde representar, uma vez que o auctor a corrija e altere nos *rigorosos* termos do parecer junto dos vogaes que a reviram. — Lisboa, 9 de fevereiro de 1860. — O pro secretario, *A. da Silva Tullio*.

Está conforme. — Secretaria da Ins. ecção Geral dos Theatros, em 14 de fevereiro de 1860. — Pelo secretario, *Joaquim Thomaz Monte.ro de Seixas*.

A' vista de tal parecer, pôde acaso fazer-se alguma imputação á censura dramatica?

Estão alli os preceitos que ella tem seguido sempre, e a sua applicação á comedia que lhe foi presente.

E note-se que assim a respeito d'esta peça, como de quasi todas, a commissão de censura para auxiliar os srs. inspector geral dos theatros e commissario regio dos subsidiados, não só exerce a censura puramente litteraria e artistica de sua attribuição, mas tambem a moral

e religiosa até onde pôde chegar, porque não está constituida de fórma que possa desempenhar cabalmente esta parte importante da censura theatral.

A *Revista de 1859*, além da censura por que passou no manuscripto, ficou sujeita á inspecção na scena, e essa não pertence á commissão cujo vogal sou. E essa inspecção em taes peças é importante, porque sómente lidas, não revelam o que depois de vestidas e caracterizadas as figuras, podem representar ou symbolisar. E tanto que muitas vezes só depois da primeira recita, é que a auctoridade, segundo as interpretações do publico, manda fazer suppressões ou retirar a peça.

Ignoro se na representação da *Revista* se observaram ou não as indicações da commissão de censura, porque não a vi em scena. O que sei é que nós cumprimos o nosso dever, sem severidade, quanto á parte litteraria, porque a lei assim manda que procedamos, a respeito das peças destinadas aos theatros de segunda ordem.

Eis aqui as explicações que julguei dever dar ao publico, por parte da commissão de censura. Agora, para que os meus collegas não tornem a padecer por mim, cumpre-me dizer, que os escarcéos que certos politicos levantaram contra a commissão de censura, e que levou o ministerio do reino a expedir uma portaria fulminante á Inspecção Geral dos Theatros, nasceu de ter eu sido o relator e primeiro censor da *Revista*, que por alguns foi considerada como uma satyra politica, e que por *despeitado* a approvasse redondamente.

Este é o facto.

Devo declarar que isto é uma vilissima calumnia. Nem approvei a *Revista* absolutamente, nem sou despeitado. Despeitados chamam aos que solicitam sem receber, e que ordinariamente não regeitam nem um osso, por mais lambido e cariado que esteja.

Nunca solicitei nenhum logar nem favor ministerial. Devo porém confessar que me julguei offendido gravemente pelo actual ministro do reino, quando elle ousou confundir-me com os intriguistas e mexeriqueiros que zumbem sempre em volta dos enxames novos, distribuindo-me o mais ridiculo papel do actual drama politico. Desaffrontei-me dignamente, sem hesitação nem reboço — regeitando essa parte comica com hombridade, e acaso com altivez. Mas nem isso influiu nas minhas inalteraveis opiniões politicas, nem sou tão improbo que me prevalecesse das funcções officiaes para vindictas pessoas.

Tanto é certo o que affirmo, que havendo na *Revista de 1859* um personagem denominado *D. Magnifico*, o mandei logo riscar, por saber que tal cognome dão os dicazes ao sr. Fontes Pereira de Mello.

Bem sei que com a arma do ridiculo, da maledicencia e até da calumnia, é que muitos batalharam para chegar aos altos logares que hoje desfructam, mas por ora ainda o diabo me não tentou para ahi. Por isso não consinto que os descarados que me não conhecem, ou que me desconhecem, julguem que me pareço com elles.

Em conclusão, sei que a censura dramatica está mal constituida, que é mister queimar toda a legislação theatral, e refazela. Parece incrível haver quem zelosamente exerça estas funcções gratuitamente. O anno proximo passado foram enviadas á censura 195 peças dramaticas! E não foi dos de melhor safra.

O ultimo presidente da commissão, o sr. Mendes Leal, fez mui sensatas propostas a este respeito. Lá está tudo sepultado no ministerio do reino ha tres annos.

Não tenho a dizer mais, senão que sou inalteravelmente — De v. amigo e collega, *A. da Silva Tullio*.



COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — O CARROCEIRO, aguarella de Roque Gameiro

O SEGREDO DO TIO CORNILLE



RANCISCO Marmai, um velho tocador de pifano, que de tempos a tempos vinha passar a noite a minha casa beber um copo de vinho, contou-me um pequeno drama rustico, de que ha bons vinte annos foi theatro o meu moinho. A historia do bom homem commoveu me e procurarei contar-vol-a tal qual a senti. Imaginae por um instante que estaes sentados deante de um copazio de vinho e que é o velho tocador de pifano que vos fala.

I

A nossa terra nem sempre foi tão tranquilla e ignorada como hoje.

N'outro tempo, as collinas que a circumdavam estavam cobertas de moinhos de vento: á direita e á esquerda não se viam senão as suas grandes azas desdobradas, cortando o mistral que soprava rijo. De dez leguas em redondo vinham os aldeãos trazer alli o trigo para moer. Aquelles moinhos faziam a alegria e a riqueza da nossa aldeia! Desgraçadamente, alguns francezes de Paris, tiveram a ideia de ir fundar uma fabrica de moagens a vapor na estrada de Tarascon. A novidade attráe! Todos se habituaram a levar alli o seu trigo, e os pobres moinhos de vento, que tentavam luctar em vão com a força do vapor, nunca mais tiveram trabalho e viram-se obrigados a parar. Por mais que o mistral soprasse, elles ficavam immoveis. Depois, um bello dia, a municipalidade mandou os deitar abaixo e no seu lugar plantou vinhas e oliveiras.

Um moinho, um só, tinha ficado de pé e continuava a girar corajosamente: era o do tio Cornille, de quem lhe vou contar a historia.

II

Tio Cornille tinha então sessenta annos e desde pequenino que se podia dizer que vivia na farinha; a nova fabrica de moagens tinha-o deixado boqui-aberto. Nos primeiros oito dias tinham-o visto correr para a aldeia, reunir a gente em torno de si, gritando que se queria dar cabo da Provença.

— Não vão lá — dizia elle; aquelles ladrões para fazer o pão servem-se do vapor que é uma invenção do diabo, enquanto que eu trabalho com o mistral e a tramontana, que são a respiração do bom Deus!...

Achava um mundo de bonitas palavras a favor dos moinhos de vento, mas ninguém o escutava.

Então o velho metteu-se no moinho, vivendo alli sózinho, como um animal feroz. Não quiz ficar com a pequena Violeta, uma rapariguinha de quinze annos que, depois da morte de seus paes, não tinha no mundo senão seu tio. A pobre creança viu-se obrigada a ganhar a vida, trabalhando a dias, por toda a parte, nas ceifas e nas colheitas. E no entanto, o tio Cornille parecia amar muito a pequena, porque fazia ás vezes cinco leguas e mais para a ir beijar onde quer que ella estivesse; e quando a tinha proximo de casa, ia passar com ella dias inteiros, chorando sempre.

Dizia-se na terra que o velho moleiro, afastando Violeta, o tinha feito por avareza, o que certamente lhe não dava muita honra. E no entanto, criticava-se que um homem como o tio Cornille, tão conhecido, andasse nas estradas como um verdadeiro zingaro, descalço, o barrete cheio de nodoas, a capa em farrapos.

III

Havia na vida do tio Cornille alguma coisa de mysterioso. Nunca mais ninguém lhe levára trigo para moer,

mas o seu moinho girava sempre. A' tarde, encontravam-o atraz do seu burrico, carregado com grandes saccos cheios de farinha.

— Salve-o Deus, tio Cornille, gritavam-lhe os aldeãos; então o moinho lá continúa a trabalhar?

— Sempre, meus amigos! respondia o velho; graças a Deus, o trabalho não falta.

Perguntavam-lhe d'onde diabo lhe podia vir tanta fortuna; e elle, mettendo um dedo na cara do collete, dizia gravemente:

— O meu trabalho é para exportação.

E não se podia saber mais nada, porque ninguém mettia o nariz no seu moinho, nem tão pouco Violeta que não tinha ordem de lá pôr os pés.

Quando se passava por deante d'elle, via se a porta sempre fechada, as grandes azas sempre em movimento, o velho burrico a pastar no prado proximo, e um grande gato, magro, accoradado á janella, a tomar o sol e a olhar sinistramente quem passava.

Tudo isto era mysterioso e fazia murmurar toda a gente; cada um contava a seu modo o segredo do tio Cornille, mas a maior parte dizia que havia mais saccos de escudos do que de farinha n'aquelle moinho.

IV

Com o tempo, tudo se vem a saber.

Fazendo bailar os rapazes e as raparigas ao som do meu pifano, notei um bello dia que o meu filho mais velho e Violeta se namoravam. No fundo, não me desagradava, porque afinal de contas o nome de Cornille era honrado e bastante estimado na terra. E como os namorados tinham muita occasião de se verem a sós, para



...encontravam-o atraz do seu burrico...

evitar qualquer desgraça, quiz resolver logo aquelle negocio e fui ao moinho para contar tudo ao velho moleiro.

Ah! só queria que tivesse visto como elle me recebeu! Impossivel fazer-lhe abrir a porta; e quando pelo buraco da fechadura lhe contei o fim da minha visita, não me deu tempo de acrescentar mais palavra, e gritou-me que voltasse ao meu pifano e que se tinha muita pressa de dar mulher a meu filho procurasse n'outra parte.

Imagine se o sangue me subiu ao rosto a semelhante acolhimento e a taes palavras! Mas tive a força de me conter e deixando o velho urso no seu covil, voltei á aldeia a annunciar o mau exito dos meus passos.

Imagine a cara que os namorados fizeram! não que-

riam acreditar, e pediam com grande instancia, que os deixasse lá ir sósinhos falarem ao moleiro. Não tivera coragem de me oppôr e elles lá partiram.

Quando lá chegaram, o tio Cornille não estava; a porta estava fechada, mas o singular personagem, ao sahir, tinha deixado fóra a escada; veio aos dois a ideia de entrarem pela janella, cheios de curiosidade de vêrem o que havia dentro do moinho mysterioso.

A casa das mós estava vazia... Nem um sacco, nem um grão de trigo, nem uma mão cheia de farinha... Não se sentia aquelle delicioso perfume peculiar aos moinhos; as pedras das mós estavam cobertas de teias d'aranha e de pó, e o gato, cada vez mais magro, dormia em cima.

O quarto de dormir tinha o mesmo aspecto de miseria e de abandono: um pobre leito de ferro, duas cadeiras e a um canto tres ou quatro saccos dos quaes sahiam pedaços de pedra branca e cal.

Era aquelle o segredo do tio Cornille; era cal que elle levava no seu burrico, á tarde, para salvar a reputação do moinho e fazer acreditar que elle moía sempre farinha!...

Pobre moinho! pobre Cornille! As grandes azas cortavam o mistral, mas giravam em vão!

V

Os namorados sahiram d'alli com as lagrimas nos olhos e vieram contar-me o que tinham visto.

Senti-me commovido e, sem perder um minuto, fui contar tudo aos visinhos... Combinámos que era preciso levar ao moinho de Cornille todo o trigo que havia nas casas.

Dito e feito. A piedosa historia tinha-se espalhado por toda a aldeia, e uma grande procissão de burros, carregados de trigo — do verdadeiro trigo — subiu para o moinho.

A porta estava aberta. O tio Cornille, sentado sobre um sacco de cal, chorava, com a cabeça encostada ás mãos. Ao recolher, tinha visto que durante a sua ausencia algum tinha entrado em sua casa e descobrira o seu segredo.

— Estou desgraçado! gemia elle. Agora só me resta morrer... O moinho está deshonorado!

E soluçava, chamando ao seu moinho todos os nomes mais ternos, falando lhe como a uma pessoa viva.

N'aquelle momento, os burros chegavam ao planalto e toda a gente se punha a gritar, com o nos bons tempos:

— Eh lá! do moinho!... eh, tio Cornille!

E os saccos amontoavam-se deante da porta e o bom grão espalhava se no chão, por todos os lados...

O tio Cornille abria muito os olhos; pegára n'um pouco de trigo e fazia-o saltar na concha da mão encarquilhada, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Olhem! é trigo!... Senhor Deus! o bello trigo! Deixem-me arrecadal-o!

Depois, voltando-se para nós:

— Ah! eu bem sabia que elle havia de voltar! eu bem sabia! Todos esses novos fabricantes não passam de uns ladrões!...

Queriam leval-o em triumpho á aldeia.

— Não, não, meus amigos!... E' preciso dar de co-



... e a um canto tres ou quatro saccos...

mer ao meu moinho... Imaginem! Ha tanto tempo que elle não trinca um grão de trigo!

E todos nós tinhamos os olhos cheios de lagrimas, vendo aquelle pobre velho girando para um lado e para o outro, despejando saccos, vigiando as mós, enquanto o grão era triturado e o fino pó voava para o tecto...

VI

E' preciso fazer-se justiça: desde aquelle dia nunca deixámos de dar que fazer ao velho moleiro... Uma manhã, tio Cornille morreu, e as azas do nosso ultimo moinho deixaram então de girar para sempre... Morto Cornille, ninguem lhe succedeu. Que quer, senhor? tudo acaba n'este mundo e devemos bem crêr que o tempo dos moinhos de vento já passou.

Trad. de BOB.

ALPHONSE DAUDET.

BUCOLICA.

A chusma de gaturamos
Faz orgia no jambeiro;
Belisca a fruta dos ramos
Cantando, chalrando... e bebe
A gota limpa de orvalho
Que á noite a folha recebe.

Batem azas no terreiro:
E' cedo para o trabalho.

Abrem-se as portas da venda
Ao lado esquerdo da estrada;
Vae a manhã clareando!...

Para os campos da fazenda
Passa, mugindo, a boiada

Vagarosa e accmpanhada
Dos guias, assobiando.

Tranquillo o dia amanhece!

Rumores por toda a parte!...
Na soleira do casebre
Um lavrador apparece
De calça azul de zuarte,
Cachimbo accezo nos dedos
E velho chapéu de lebre!

Ha flôres nos arvoredos
Por baixo da nevoa fria.
— Olá, patricio, bom dia!

A CANÇÃO DO REI DE THULE

Era uma vez um bom rei
Em Thule — essa ilha distante,
Ao morrer, deixou lhe a amante
Um copo de ouro de lei.

Era um copo de oiro fino
Todo lavrado a primor ;
Se fosse o calix divino
Não lhe tinha mais amor.

Seus tristes olhos leaes
Não tinham outra alegria :
E só por elle bebia,
Nos seus banquetes reaes.

Chegada a hora da morte
Poz-se o rei a meditar
Grandezas da sua sorte
Seus reinos á beira mar.

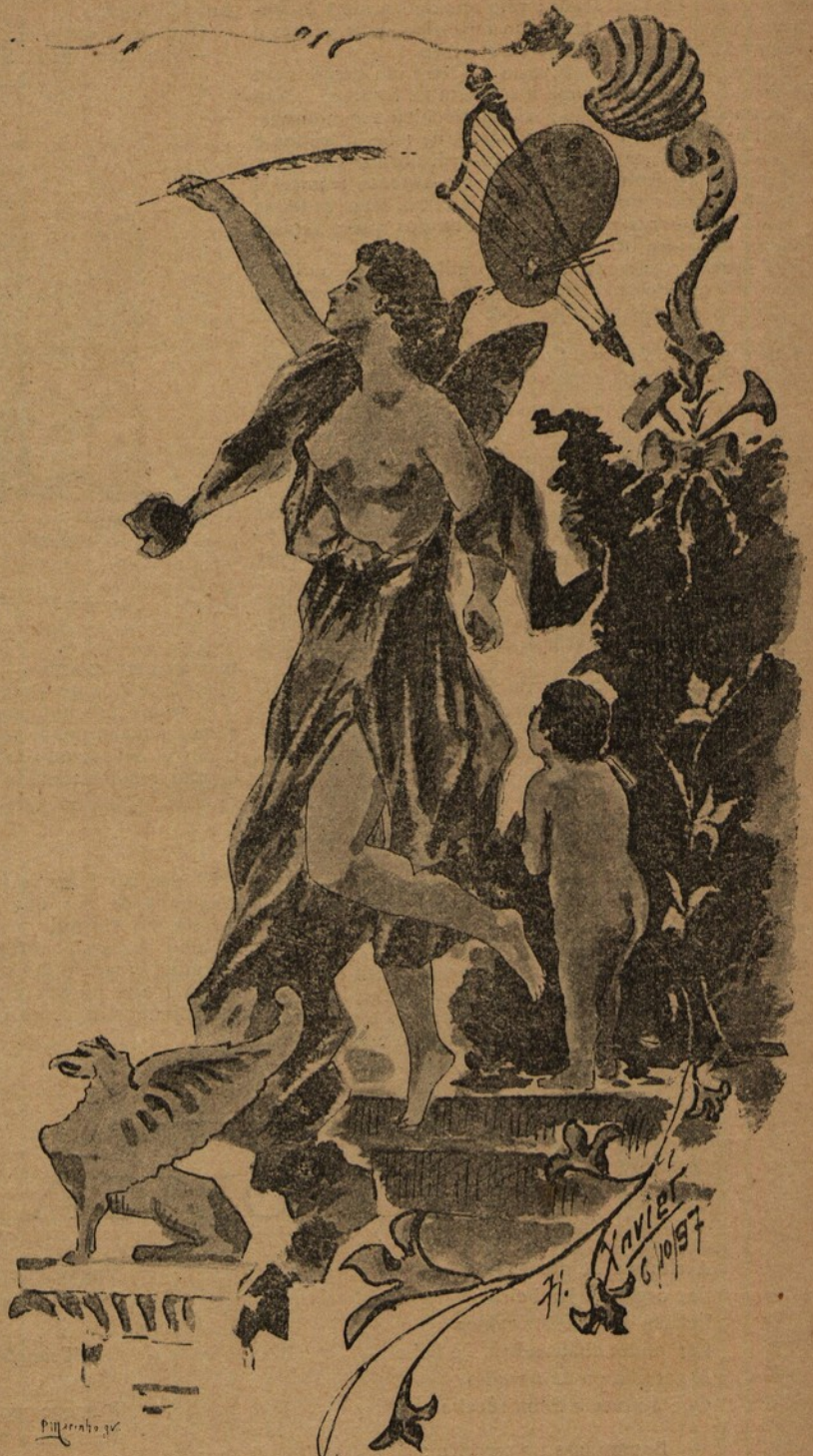
Deixava um rico thesouro,
Palacios, villas, cidades :
De nada tinha saudades,
A não ser do copo de oiro.

No castello da deveza
N'aquellas salas sem fim,
Mandou armar uma meza
Para um ultimo festim.

Convidou sem mais tardar
Os seus fieis cavalleiros,
Para os brindes derradeiros
No castello á beira-mar.

Então, vasando o de um trago,
E com entranhada magoa,
Poz nas ondas o olhar vago
E atirou com a taça á agua.

Viu-a boiar suspendida,
'Té que as ondas a levaram :
Os olhos se lhe toldaram,
E não bebeu mais em vida !



DELPHIM MONTEIRO GUIMARÃES.



HA bons oito annos, n'uma linda aldeia, risonha e verde, encravada n'um valle, com um fino riacho atravessando a, encontrei o pela primeira vez. Era meia noite, quando a diligencia que parte de Estarreja, depois de se arrastar pesadamente por uma boa estrada orlada de pinhaes, passando ás portas dos casaes onde os cães vinham ladrar, ao tintalhar dos guizos e aos estalos do chicote, chegou ao Valle. Fazia frio, porque era novembro. Dentro, aldeãos que seguiam para Pecegueiro, S. Pedro, Vouzella, enchiam a diligencia de uma fumarada de cigarros de tabaco forte.

Havia dois recursos: ou aturar aquella companhia de duas boas horas e suffocar n'aquella atmosphera ou saltar lá p'ra cima, para o ultimo banco, rez do tejadilho. Escolhi es e. O frio cortava; e apesar do meu sobretudo de habitante da cidade, de golla de velludo, pequena e pouco agasalhadora, eu tiritava e nunca as horas me pareceram tão compridas, bem que o cocheiro as procurasse diminuir contando-me historias de ladrões que costumavam assaltar a diligencia em varias pontes da entrada onde os pinheiros eram mais cerrados. Mas como essas duas horas, — esses dois seculos — me foram largamente compensados!

Delhim Guimarães estava a esse tempo na fabrica de papel de Valle Maior, a que elle dera um enorme impulso, fazendo-a prospera e lucrativa em pouco tempo. E como ali me esperassem n'essa noite, porque do Porto, onde então habitava, eu tinha corrido ao convite do meu querido camarada e amigo Domingos Guimarães, para

passar uns dias na sua linda aldeia, elle tinha ficado á meza da casa de jantar, embrulhado n'um amplo capote á cavallaria, de largos cabeções e farta golla de pelles. A primeira vista, sympathisei logo com elle. Rosto franco, sorriso sempre aberto e um ar de bondade irradiando-lhe até ás ultimas linhas da fronte alta. Eu disse-lhe uma banalidade qualquer, d'estas que se dizem sempre, quando se não tem mais nada que dizer. E mais pela noite dentro, como o confortavel da sala, onde se mettia constantemente lenha no fogão, derretesse o gelo que a jornada me tinha posto no espirito, pude vêr que Delphim Guimarães tinha uma intelligencia culta, uns certos toques de litterato e um são criterio na maneira de encerrar as coisas. Não era, portanto, um banal. Tempo depois soube que elle, na sua mocidade, cultivára as bellas letras, fóra um apaixonado de jornaes, alguns fundára e redigira. E d'essa convivencia com escriptores um grande amor lhe ficou pelas empresas jornalisticas, a ponto de fundar em Lisboa um grande jornal para o Brazil, luctando nos primeiros annos com a grande baixa do cambio e com a falta de pessoa idonea que alé n-mar liquidasse as assignaturas e a venda avulso. Ainda não ha muito, uma noite, no carro que me levava para casa, eu o encontrei. Falámos de *Mila da Europa*; e como eu o interrogasse sobre as probabilidades dos lucros de uma tal empresa, elle respondeu-me, com aquelle sorriso bom de patriarcha que parece era n'elle estereotypado, que já tinha reembolsado não sei quantos contos e que esperava dentro de pouco tempo reembolsar o resto e auferir lucros.

Não lhe permittiu o destino que elle levasse a cabo o seu intento. A sua grande actividade supplantou a a Morte, porque só ella ou a doença é que seriam capazes de a supplantar.

A outra noite, acompanhando-o á estação, eu ia pensando n'essa derradeira viagem que elle fazia agora, entre as tabuas de um caixão, e que elle tanta vez fizera, alegre e satisfeito, caminho d'esse Valle Maior, onde me parece estar ainda a vêl o, sentado á mesa da casa de jantar, embrulhado no seu amplo capote e com aquelle sorriso de patriarcha que lhe punha nos olhos um clarão de bondade.

O *Branco e Negro* associa-se á dôr de todos os seus e envia os seus pezames sinceros a seu filho e nosso illustre collega Delhim de Brito Guimarães e a Domingos Guimarães, um dos fundadores d'este jornal e agora correspondente em Paris do *Diario de Noticias*.

JOÉ SARMENTO.

THEATROS

AVENIDA. — A *Carapuça*, revista do anno em 3 actos e 12 quadros, original de Julio Rocha, Salvador Marques e Penha Coutinho.

Foi a segunda revista do anno levada á scena em Lisboa na presente epocha. Como não lhe falta espirito, teve logo na primeira noite a acceitação do publico que a consagrou. Das peças d'este genero, ligeiras e humoristicas, a *Carapuça* salienta-se por estar escripta com vivacidade e não ser offensiva. Os auctores quizeram apenas dar ao espectador umas horas de riso, para desopprimir dos negrimes da vida, que cada dia são maiores. Contar o entrecho da *Revista* seria trabalho baldado porque ella o não tem; ditos engraçados, situações bem aproveitadas, appositos bem cubidos, musica leve e graciosa, tudo isto ella tem. Não perde, pois, o seu tempo, quem fór ao theatro da Avenida vêr a *Carapuça*.

Os interpretes soberam entrar bem no papel dos personagens que desempenham, especializando-se Brazão, que faz um policia magnifico e Antonio Salvador no papel de *Recebrá mercê*.

Aos auctores, o nosso applauso pelo successo da sua peça.

— A *Familia Americana*, velha peça de Sardou representada ha annos no theatro de D. Maria e levada ultimamente em *reprise* pela actual empresa, fez a sua carreira e foi já retirada do cartaz para dar logar ao *Ajuste*

de *Contas*, drama original do sr. Lino d'Assumpção, que deve subir á scena ainda esta semana. E' o segundo original n'esta epocha.

— Annuncia-se para o dia 5 a estreia no Colyseu dos Recreios da companhia infantil de zarzuela, dirigida por D. Juan Bosch, e composta de creanças de 4 a 12 annos. O elegante theatro deve ter successivas enchentes porque a companhia é de primeira ordem e foi muito applaudida quando ahi esteve ha annos. Santos Junior, o incansavel e intelligente empresario, não poupa esforços para chamar o publico á sua grandiosa sala de espectaculos.

— O theatro da Rua dos Condes, dirigido pelo illustre actor Valle tem levado ultimamente uma peça desopprimante intitulada as *Bodas de Boisjoli*, para entreter, emquanto não sóbe á scena a revista do anno de Schwalbach *Formigs e Formigueiros*.

— Para D. Amelia vem no fim do mez a grande tragica italiana Eleonora Duse, que dará apenas 6 espectaculos. Será este, por certo, o maior successo theatral, em theatros portuguezes, nos ultimos tempos.

— Depois da *Sr.ª Ministra* de Eduardo Schwalbach e da *Pobreza Miséria & C.* do nosso collega do *Diario de Noticias* Eduardo Ccelho, peças que deram grandes lucros e fartos applausos, o Gymnasio poz em scena o *Papá Lebonnard*, em que Joaquim d'Almeida tem um papel superior que interpreta magistralmente.

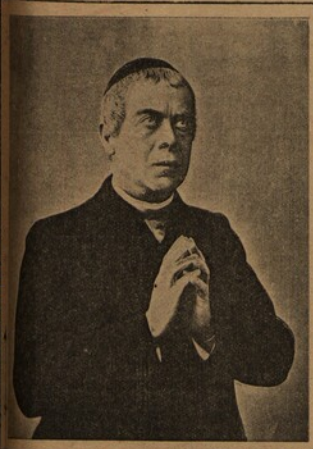
O ACTOR EDUARDO BRAZÃO



NA TRAGEDIA



HAMLET



NO DRAMA



A MADRUGADA



NA COMEDIA

O BIBLIOTHECARIO



OFFICINAS BRANCO RODRIGUES

REALISOU-SE no domingo 6 de fevereiro em Castello de Vide a cerimonia da inauguração do novo edificio d'estas officinas, construido com o rendimento do *Jornal dos Cegos*.

Pelas 2 horas da tarde, achando-se reunidos no edificio do asylo os convidados, entre os quaes nos lembra de ter visto as srs.^{as} D. Adelaide de Brito e D. Irene Betencourt, regente e professora do Asylo da Infancia Desvalida; D. Desideria Bonacho, zeladora do Asylo dos

Quando o prestito chegou ás officinas, o sr. dr. Aniceto Xavier, illustre presidente da direcção do Asylo dos Cegos fez um brilhante discurso historiando a criação do novo estabelecimento com o producto do *Jornal dos Cegos*, revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos, impressa em Lisboa á custa do Estado, cuja redacção está exclusivamente a cargo do seu fundador o sr. Branco Rodrigues.

Ao findar a sua allocução o sr. presidente descobriu a



ACTO INAUGURAL DAS OFFICINAS — Durante os discursos

Cegos, e os srs. capitão José Narciso de Andrade, commandante da 1.^a companhia da guarda fiscal; tenente Cadaval, commandante de secção; Manuel Maria de Pina, chefe da delegação aduaneira da Beirã; Branco Rodrigues, redactor do *Jornal dos Cegos*; Caetano Alberto, director e proprietario de *O Occidente*; Antonio Ramalho, distincto pintor de Lisboa; Sequeira e Costa, provedor da misericórdia de Castello de Vide; Tavares Rosa, juiz de paz; padre José de Carvalho, Antonio Costa, dr. Aniceto Xavier, vigario Trindade, Antonio Repenicado e Assumpção Mimoso, representando o *Seculo*; Arnaldo da Fonseca, redactor do *Branco e Negro* e da *Revista Moderna*, de Paris, organizou-se o cortejo que seguiu do claustro do Asylo, para o sitio onde foi construido o novo edificio das officinas.

O cortejo era disposto da seguinte forma: á frente a fanfarrã dos alumnos cegos tocando o hymno das Officinas; em seguida todos os asylados de ambos os sexos em numero superior a quarenta, as auctoridades locais e os convidados. Fechava o cortejo a direcção do Asylo e grande parte da população de Castello de Vide, que espontaneamente compareceu a assistir a esta solemni-
dade.

lapide que está collocada sobre a porta principal das officinas e na qual se lê: «Officinas Branco Rodrigues, instituidas em 16—XII—1895.»

E terminou o seu discurso pondo em evidencia a nobreza dos sentimentos dos srs. Antonio José Repenicado e Branco Rodrigues, promotores d esta instituição.

Em seguida usou da palavra o sr. Branco Rodrigues, proferindo a seguinte allocução:

«Meus senhores: — E' a um rei, que a igreja canonizou, que se deve a fundação do primeiro estabelecimento destinado a retirar do seu estado de isolamento e de degradação no seio da sociedade, e a fazer viver em commum um certo numero de cegos pobres.

«O primeiro rei foi S. Luiz, que no seculo XIII fundou o *Hospicio dos Quinze-Vingts*, em Paris, que ainda hoje protege 2:000 cegos francezes.

«Só cinco seculos mais tarde foi instituido na mesma cidade o primeiro estabelecimento destinado á instrucção intellectual e profissional dos cegos, por Valentim Hatly.

«Os nomes d'estes dois benemeritos instituidores estão gravados para sempre nas paginas de oiro da Historia da Caridade Universal.



PASSAGEM DO CORTEJO

«A' França, a patria de Luiz Braille, o cego genial, o inventor do prodigioso alfabeto dos cegos, deve a humanidade a iniciativa d'esta obra gloriosa de protecção a esses infelizes.

«Todos os paizes de civilisação europêa a imitam, fundando asylos, escolas, officinas, sociedades de protecção, revistas typhlogicas, como a *Valentin Haüy*, redigida pelo celebre cego Mauricio de la Sizeranne, o maior propagandista da causa dos cegos.

«E em todas as nações os nomes dos fundadores d'es-

ses piedosos institutos, os nomes de todos esses amigos dos cegos, serão eternamente memorados.

«Zeune funda em 1806 o instituto de Berlim, o primeiro da Allemanha.

«Klein, em 1804, funda em Vienna o primeiro instituto creado na Austria.

«Na Suissa, o dr. Hirzel cria em 1809 o instituto de Zurich, do qual foi o primeiro e principal professor o cego Frederico Gottlieb Funk, engenhoso inventor de diversos processos de ensino.



INTERIOR DA ESCOLA — Os cegos lendo e escrevendo

«Desde 1808 a Hollanda possui um instituto de cegos, fundado pela maçonaria. O instituto de Amsterdam, que é um dos melhores da Europa, é dirigido actualmente pelo illustre typhlologo H. J. Lenderink.

«A Belgica deve a Rodenbach a lei approvada em 1836, lei que organisou a instrução dos cegos, hoje a cargo de congregações religiosas, sendo a mais notavel a de S. Vicente de Paula, em Woluwe (Saint-Lambert), Bruxellas.

«A Dinamarca, desde 1811, possui em Copenhague um estabelecimento, fundado por uma sociedade de beneficencia, iniciada pelo grande marechal do palacio, de Hauch.

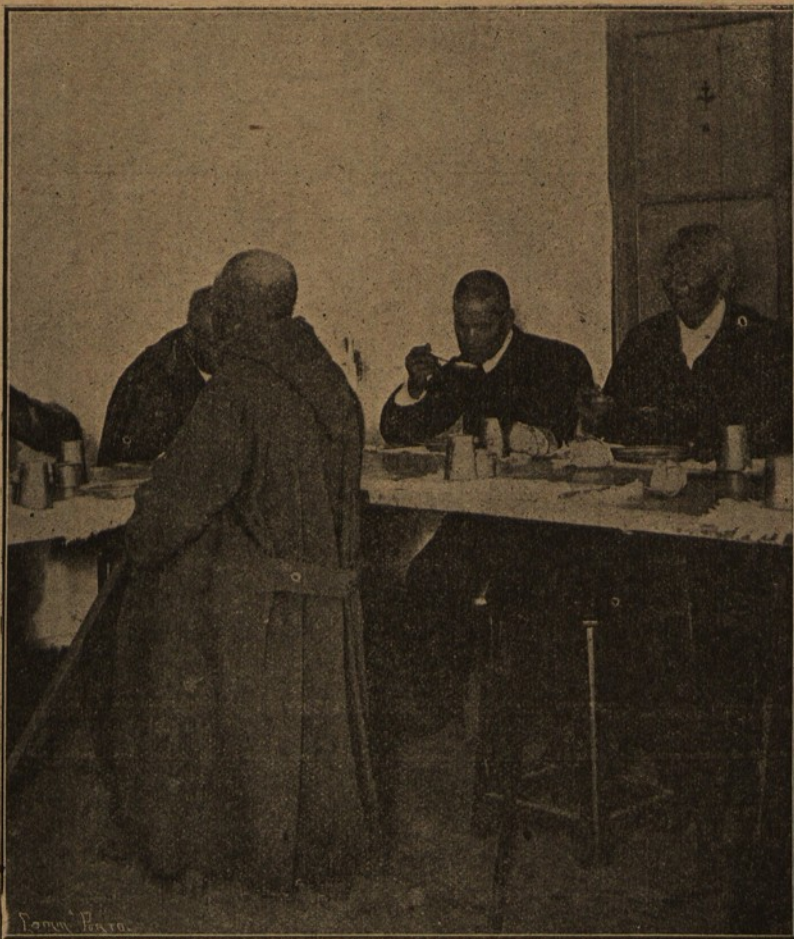
«O instituto da Russia foi fundado em 1809, em S. Pe-

las e sociedades typhlogologas, que teem por maior propagandista o sr. G. R. Boyle.

«Aos nomes d'estes benemeritos, a quem se deve a propulsão do ensino nas duas Americas, na Australia, no Egypto e até na China, tem a historia que accrescentar mais dois: os nomes dos fundadores do primeiro instituto de cegos de Portugal, a quem venho prestar aqui a minha homenagem.

«A imitação de S. Luiz, e movido simplesmente pelo sentimento da caridade christã, o dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro fundou em 1863 o primeiro hospicio para cegos em Portugal, n'esta villa de Castello de Vide.

«Mais tarde, em 1895, Antonio José Repenicado, reco-



OS CEGOS NO REFEITORIO — Durante o jantar

tersburgo, pelo instituidor da primeira escola do mundo, Valentim Haty, então exilado n'aquelle paiz.

«Outros paizes da Europa: a Suecia, a Noruega, a Hespanha e a Italia teem tambem desde o principio do seculo os seus institutos, sociedades e jornaes, como o *Amco dei Ciechi*, que já conta vinte annos de existencia.

«Recentemente n'este ultimo paiz, o medico ophthalmologista, dr. Vittorio Cereseto, inventou um apparelho, que destroe a difficuldade que havia de escrever o alphabeto Braille, podendo o cego hoje escrevel-o com rapidez e sem fadiga, como se stenographasse.

«A Inglaterra, como mais rica nação de Europa, possui o mais faustoso dos institutos de cegos, o *Royal Normal Collège*, fundado em 1872 pelo dr. Armitage e pelo actual director, cego de nascença, o dr. Campbell.

«Além d'este estabelecimento de educação e instrução superior, existem na Grã-Bretanha centenas de esco-

nhecendo que o cego não é um ente inutil — e só no trabalho pôde encontrar felicidade, propõe a fundação das primeiras officinas para cegos que se crearam no nosso paiz e offerece os meios para levar a effeito a realisação da sua grandiosa idéa.

«Hoje, na hora em que se inaugura o edificio das officinas, a que immerecidamente foi dado o meu nome humilde, hoje que vejo realisada esta obra — devida aos esforços e trabalhos da benemerita direcção do Asylo, felicito o seu presidente o sr. dr. Aniceto de Oliveira Xavier, os seus illustres collegas, e os valiosos cooperadores: os srs. Manuel Diogo Coelho, companheiro e amigo do instituidor do Asylo, que desde a sua fundação até hoje, tem contribuido com o seu trabalho para a prosperidade d'este pio estabelecimento;

«Severino Diniz Porto, o benemerito iniciador do ensino intellectual dos cegos, n'este Asylo, o notavel professor que, com uma evangelica abnegação, se tem dedi-

cado ao humanitario ensino dos cegos — e que é, por assim dizer a alma d'esta Instituição;

«D. Vicente Marçal, o distincto musico, que tão prodigioso resultado tem obtido com o ensino dos cegos :

embargarem a voz, disse que o acto a que se honrava de assistir considerava-o como o mais solemne da sua vida, pois que o affecto que sentia pela causa dos pobres cegos lhe proporcionava todo o incentivo e boa



INTERIOR DAS OFFICINAS — Os cegos fabricando canastras

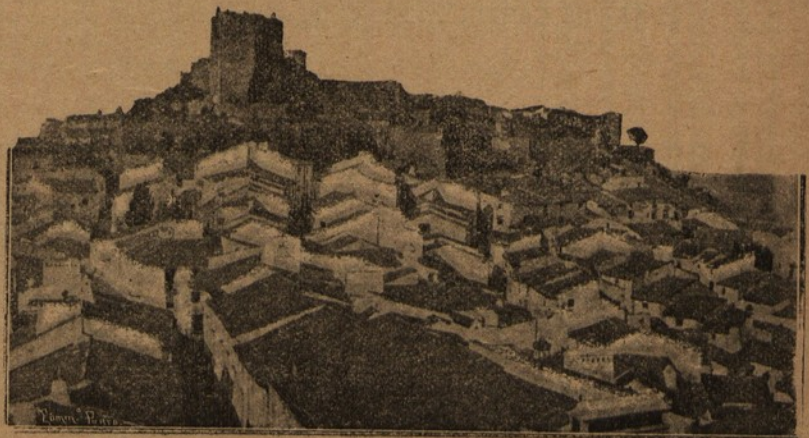
«A todos reitero a minha entusiastica felicitação por ver realisada no meu paiz esta obra grandiosa.

«Faço votos para que esta bella planta nascida no solo portuguez se reproduza em numerosos e robustos exemplares, que acolham á sua benefica sombra os infelizes privados do mais formoso espectaculo que o homem pôde contemplar — o do sol que nos illumina!»

Ao sr. Branco Rodrigues seguiu-se o sr. Assumpção Mimoso, thesoureiro do Asylo e representante do *Seculo*. Em phrase levantada felicitou-se por compartilhar de uma festa, que, na sua maxima simplicidade revelava o progresso moral e intellectual dos asylados-artistas. Felicitou por ultimo em seu nome e no da redacção do *Seculo* os srs. Branco Rodrigues, Antonio Repenicado e a direcção do asylo pela sua grandiosa iniciativa.

Falou em seguida o sr. Antonio Repenicado, que, bastante commovido, a ponto das lagrimas lhe

vontade em continuar a trabalhar no desempenho da missão a que, desde ha muito, se havia votado; que agradecia profundamente as phrases immerecidas com que



CASTELLO DE VIDE — Vista do castello e de uma parte da villa

o sr. Branco Rodrigues, presidente e thesoureiro do asylo, o acabavam de distinguir.

Em seguida o sr. presidente da direcção do asylo convidou os circumstantes a entrar nas officinas, onde o padre Severino Diniz Porto, o benemerito professor dos cegos, o iniciador do ensino intellectual das creanças cegas d'aquelle asylo, proferiu um brilhante discurso, em que fez a apologia do trabalho, accentuando que, se para os videntes é nociva a ociosidade, muito mais o é para os cegos, porque sendo, pela sua condição, aliás muito desgraçada, entes inúteis para a sociedade, podem pelo seu trabalho conquistar fóros que os tornem uteis a elles proprios, a suas familias e á collectividade social.

Teve rasgos de enthusiasmo e de eloquencia.

Foi applaudidissimo por todo o numeroso auditorio.

Por ultimo, o sr. Caetano Alberto, director do *Occidente* u.ou da palavra dizendo que a instituição que se inaugurava era uma verdadeira maravilha, pois que, os individuos, condemnados pela cegueira a vegetarem, eram alli transformados em personalidades cultas, conscias dos seus merecimentos e aptas, não só para serem bons auxiliares de suas fa-



TRAJO DE CASTELLO DE VIDE

mílias, como para serem cidadãos prestaveis á sociedade. Disse mais que a villa de Castello de Vide, possuindo um asylo de cegos, tinha uma joia que a enriquecia e nobilitava, pois que no genero é o unico em Portugal.

Terminou o seu discurso, felicitando a direcção do asylo dos cegos, o sr. Branco Rodrigues, cuja dedicação pela causa dos cegos é tão sublime como a do fallecido padre Aguilar pela causa dos surdo-mudos.

Findo o discurso do sr. Caetano Alberto, os asylados começaram a trabalhar, fabricando á vista do publico algumas pequenas canastras; o que causou a admiração de todos os assistentes, admiração que os cegos já tinham causado na Exposição Industrial do Palacio de Crystal do Porto, onde o anno passado estiveram e na qual foram premiados.

Depois dos cegos trabalharem durante algum tempo, o sr. presidente encerrou o acto inaugural agradecendo ao sr. Caetano Alberto as suas eloquentes phrases e convidou todos os circumstantes a assistirem ao jantar dos asylados.

Depois do jantar, a fanfarra dos cegos tocou algumas peças de musica o que impressionou todos os assistentes.

E assim terminou esta festa de veras sympathica e que ha de ser memorada na historia da caridade portugueza.



TRAJO DE CASTELLO DE VIDE — Camponeza

A uma senhora que leu com agrado uns versos do auctor

Houve outr'ora uma Rainha,
que, quando El-rei perto vinha
em lindas rosas muJava
o oiro, que aos pobres dava ;

mas vós o inverso fizestes,
pois sendo tambem rainha
no reino das mais formosas,
não mudastes oiro em rosas,
mas, quando os olhos celestes

sobre os meus versos pousastes
em fulvo oiro os mudastes.

Tornae a imagem completa
sendo a minha bemeifeitora,
e permitti ao poeta
a honra de ser o pobre
a quem deis o que vos sóbre
do vosso affecto, senhora.

(INÉDITO)

ANNIBAL D'AZEVEDO.

PARA SEMPRE!

BRANCA amava Raymundo. De vinte annos apenas, orphã, mais nova que seus irmãos, Branca de Purlys votára se, de todo o coração, aos pequeninos engeitados da sua raça e para elles vivia, enclausurada na velha casa, negra moradia perdida no centro das terras que constituíam a sua herança, além do nome.

Alli vivia resignada, para viver sempre martyr voluntaria das alegrias mundanas, mas feliz ainda, porque a sua renuncia assegurava um futuro áquelles de quem se instituiria mãe.

Branca dava conta da tarefa que acceitara. O medico da aldeia auxiliava-a n'isso e mantinha a pobre menina com a sua prudencia e empregando os seus ocios na educação dos orphãos.

Branca só via n'essa solidão uma velha amiga de sua mãe, a senhora de Armeilh, viuva d'um fidalgo que tinha empregado a sua fortuna na criação de fabrica de vidros.

O honrado homem esperava ter um futuro sorridente, quando, bruscamente, a morte o surpreendeu.

Deixára só um filho, Raymundo, novo official de engenharia.

Não hesitou em terminar com uma carreira tomada por vontade para ir ao chamamento de sua mãe e recolher o trabalho do pae. Não avaliou bem o seu novo dever com as esperanças de até então. Raymundo obedeceu ao amor filial, ao culto devido ao homem que tudo lhe legára, e a sua honra para salvaguardar.

Almas de sacrificio e de vontade, Branca e Raymundo, attrahiram-se invencivelmente. Uma sympathia espontanea nascida de dois corações virgens, ligou os sem que receio tivessem d'uma esperança mais terna. O seu dever na vida, a sua consagração áquelles por quem lutavam, parecia lhes negar o direito do seu amor.

Amavam-se inconscientemente. Por muito tempo o ignoraram.

Apezar de todos os esforços de Raymundo, os negocios periclitavam. Effectivamente o senhor de Armeilh não se tinha estabelecido sem elementos de boa sahida. Mas a distancia do logar de produção e de qualquer via ferrea, exigia muitos meios de transporte que não deixavam lutar com a concorrência das fabricas mais bem situadas.

As sombrias preocupações cavadas na frente do honrado moço, commoveram e affliciram Branca, porque elle não ousava falar dos negocios, e esta viu se um dia surpreendida, a pensar:

— Não sou sua irmã! Serei a sua confidente, a sua animadora! A mãe não me conhece! Raymundo soffre duplamente no orgulho e no coração... Oh! sim, se fosse sua irmã!... Ter me-hia para amál o! — Estas palavras espantaram-n'a — Mas amo o!

Queria esquecer-se, mas o amor impunha-se mais evidente; jurou silencio e a sua alma, muito resoluta por este pensamento, conheceu a alegria secreta de amar Raymundo, contentar-se com a ternura simples de falar n'elle perante Deus! Ah! Então estava só quando offercia em holocausto todas as felicidades para ter a do seu unico amor!

E comtudo, esta felicidade não seria a sua obra...

*
* *

Uma tarde Branca só com os seus irmãosinhos deitados ao pé do fogão, pensava, e de entre as brazas apparecia o seu sonho; o seu coração comprimido dilatava-se em ternura; elevava-se para a felicidade que um olhar de Raymundo entrevira, porque, sem as suas boccas se confessarem, as almas comprehendiam-se, ligavam-se e perenciavam-se!

De subito, a creada abriu a porta e Raymundo appareceu. Branca assustou se, afflicta e esperançasada:

— Tu!...

O moço firmava-se, muito pallido, mas, fazendo um esforço, com a garganta contrahida, disse:

— Venho aqui para me despedir de ti!

— Partes?...

— Parto!...

— Para longe?... Por muito tempo?...

— Para sempre!...

O desespero de Branca fêl a expedir um grito:

— Raymundo!

— Expatrio-me. Estou arruinado! Minha mãe conhecerá a miseria se eu recusasse o logar lucrativo que me foi offerecido... na India?

— Oh! — exclamou a pobre creança; e os olhos marejaram se-lhe de lagrimas.

— Branca! Branca! — disse Raymundo, ajoelhando-se aos pés d'ella, — sabes bem que o meu trabalho respondeu á minha vontade.

— «Ah! Não me desanimas; tu que te sacrificas por teus irmãos, és digna de comprehender-me!

Branca soluçou:

— Sim, renunciar á alegria de ser amada, de ser feliz contigo, mas não para te deixar de ver!

— O' minha adorada! — exclamou o moço, enlaçando-a nos braços e esquecendo-se de tudo no extasis d'aquella confissão.

A um esforço levantou Branca e apertou-a estreitamente ao peito, mas antes que o beijo de Raymundo tivesse attingido os seus labios, livrou se dos seus braços, louca de dôr, de felicidade enganada, de perigo, ao mesmo tempo infernal e divino.

— Não, não, parte! — murmurou ella. Tenho medo!

— Branca!

A donzella estava de pé, martyrisando o coração.

— Fiquemos dignos um do outro! Filho, tens tua mãe! Irmã, adoptei os meus irmãos orphãos! Separam-nos! Adeus, dize-me adeus!

Raymundo insurgiu-se.

— Basta de sacrificios! A namo-nos!... Que nos importa os outros!...

Branca afastou o com o gesto.

— Egoista! Não mais te amarei.

— Perdôa-me!... Soffro tanto!.. Preciso não te perder!...

— E' preciso: parte!

— Se parto é para sempre!

Branca cambaleou, mas disse com voz firme:

— Parte!

Elle abanou a cabeça, quiz tomar-lhe as mãos, mas a donzella recuou; a sua physionomia trahiu o orgullo ferido.

Raymundo curvou-se e recuou; no limiar da porta hesitou ainda, mas o gesto de Branca repellia o sempre.

Bruscamente desapareceu em corrida desenfreada.

*

* * *

A que ficou ouviu extinguir-se os passos, de ouvido attento para reter os ultimos eccos.

O ruido dos passos terminou depois do ruido da porta a fechar se.

Então Branca, de joelhos, chorosa, extendeu os braços implorantes, dizendo:

— Partiu para sempre!... Amado para sempre!... Para sempre!... Para sempre!...

Tral.

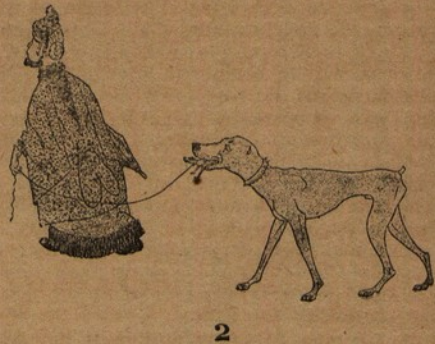
HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



METAMORPHOSE



1



2



3



4

COISAS ALEGRES

D. João II, o *Príncipe Perfeito*, meditava uma noite no seu gabinete de trabalho, com a cabeça entre as mãos. Passa por traz do rei um aulico qualquer, que por o vêr de costas não tira a gôrra. Mas o rei vê-lh'a na sombra.
— Olá, creatura, um rei não tem direito nem avêssol!...

*

Garrett, tendo-se filiado no partido «Ordeiro», quando a luta politica de cartistas e setembristas ia mais accesa, proferiu no parlamento um dos seus mais notaveis discursos, em defesa das *prerogativas da corôa*.

No dia seguinte, José Estevam, em replica, orando eloquentemente pelas liberdades populares, alludia de passagem a uma princeza portugueza, dizendo:

— A formosa princeza D. Beatriz...

— E' verdade (acode de lá Garrett, em áparte). Por signal que era bem feia.

— Eu se falei assim (observa-lhe José Estevam) foi para não offender as prerogativas da corôa.

*

Belchior Garcez, que no parlamento foi notavel pelo chiste que tirava dos assumptos, dizia uma vez, a certo deputado, que o aggreira politicamente como ministro da guerra:

— A salutar advertencia que o illustre deputado houve por bem dirigir me, e que muito lhe agradeço, lembra-me uma outra d'um camarada meu, official d'infanteria, no cêrco do Porto. Tinha eu acabado de dirigir a construcção do parapeito d'um reducto, quando aquelle official me diz:

«O' sr. Engenheiro, você não reparou bem, olhe que assim, os soldados postos na banqueta ficam com a cabeça descoberta».

— Ah! isso tem bom remedio (notei-lhe eu). E' viral-os com os pés para cima.

*

O capitão Bernardo de Sá (depois o glorioso Sá da Bandeira) e seu irmão José, estavam alapardados a bordo d'uma escuna, nas aguas de Angra, esperando momento asado de clandestinamente abrirem caminho, por entre os navios do bloqueio inglez, e apresentarem-se aos seus companheiros do movimento liberal. N'esta empresa correram risco de vida, mais d'uma vez, antes que conseguissem leval-a a cabo.

N'uma hora de desalento, perdida a esperança de bom exito, José diz a seu irmão:

— O' Bernardo: Vamos matarmos-nos?

— Não te incomodes com isso. Elles tratarão de o fazer (respondeu Bernardo muito tranquillamente e a sorrir, conforme mais tarde contava o José).

Aquelle «elles» eram os inglezes dos navios de guerra do bloqueio.

H.

*

— Mais me enleva esse teu graciosissimo andar,
Que uma nuvem no ceo, que uma onda no mar!
E em que estrella do ceo me ha de nunca raiar
A benefica luz d'esse candido olhar!?

Oh! se a morte uma vez essa luz me apagar,
Noite eterna, sem fim ha de a alma innublar!

— Ora sr. Anastacio! Tantas vezes que lhe tenho dito, que eu não aprendi francez! E, se o senhor quer casar comigo, porque me não pede á minha mãe?

J. DE DBUS

SECÇÃO RECREATIVA

DESENHAR COM FUMO DE TABACO

FÇA-SE com um papel uma especie de cartuchinho delgado e pontudo; pegue-se a borda, de maneira que elle se não desmanche, e córte se a extremidade da ponta com uma tesoura, mas de modo que fique um buraco quasi imperceptivel.

Colloque se na nossa frente, n'uma meza, uma folha de papel branco, e applique se sobre esta a extremidade do cartuchinho, isto feito sobre-se suavemente pela abertura, o fumo do cigarro.

Por to la a parte por onde o fumo, passando pelo buracinho da extremidade, tocar o papel, verificar-se ha que se depositou ahi uma mancha cinzenta mais ou menos escura. Pode-se, segurando no cartuchinho como n'um lapis e dirigindo o convenientemente sobre a folha de papel, traçar caracteres de e-crypta ou figuras com aspecto de desenhos feitos a copia.

Estes desenhos incrustados mesmo na massa do papel, são indestructiveis ainda mesmo com agua. As sombras são mais ou menos fortes segundo a quantidade de fumo lançado para o desenho.

Se esta experiencia distrahe o fumador tambem o faz reflectir sobre os inconvenientes do abuso do tabaco, mostrando-lhe, d'uma maneira indiscutivel, a presença no fumo d'um dos mais terribes venenos, a ni-



cotina, que penetra na garganta e nos bronchios onde se incrusta tão fundamente como se acaba de fazer na nossa folha de papel.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa
Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1,300 réis	2,600 réis
Africa Portuguesa.....	800 •	1,600 •	3,200 •
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	1 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1,200 réis	2,400 réis	4,800 réis

OBRAS DE TEIXEIRA DE QUEIROZ

Os noivos, romance, 2.^a edição, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1,000 enc. 1,400.

D. Agostinho, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Morte de D. Agostinho, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Amores, amores, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Arvoredos, contos escolhidos, 1 vol. illustrado por Casanova, br. 800 réis, enc. 1,100 réis.



RIR! RIR!


LISBOA EM CAMISA


Servasio Lobato

Analysando admiravelmente os lados ridiculos e comicos da vida da capital, a

LISBOA EM CAMISA

é um livro impagavel, verdadeiro modelo de boa graça portugueza, d'aquella que nos faz rir ás gargalhadas.



1 volume de 340 paginas, 3.^a edição, com desenhos de CELSO HERMINIO: brochado 600 rs., pelo correio 650 rs.

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR

52, Rua Augusta, 54—Lisboa

Branco e Negro



BEIJO MATERNO, quadro de V. Gamba

PREÇO 50 REIS

N.º 102

OBRAS
DE
MARCELLINO MESQUITA

Na azenha, contos, 1 vol. br. 500 rs.
Dôr suprema, tragedia burgueza, 2.^a edição,
1 vol. br. 400 rs.
O Regente, tragedia historica, 2.^a edição,
1 vol. br. 400 rs.
O velho thema, drama, 1 vol. br. 400 rs.
Pérola, comedia em 3 actos (no prélo).

A. M. PEREIRA, editor — 50, Rua Augusta, 54 — Lisboa

Obras de Alberto Pimentel

Editor A. M. PEREIRA — 50, Rua Augusta, 54 — Lisboa

A GUERRILHA DE FREI SIMÃO

Romance historico, 1 vol. br. 500 réis, enc. 700 réis.

VIDA MUNDANA D'UM FRADE VIRTUOSO

Estudo historico, 1 vol. br. 300 réis.

VINTE ANNOS DE VIDA LITTERARIA

1 Vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

AS NETAS DO PADRE ETERNO

Romance humoristico, 1 vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

NOITES DE CINTRA

1 Vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

SANGUE AZUL

(Estudos historicos) no prélo, 1 vol.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 102

LISBOA, 13 DE MARÇO DE 1898

2.º ANNO

© BOBO ENAMORADO ©



Quadro de Hermann Kaulbach

General Joaquim da Costa Cascaes



Morreu na segunda feira, com 83 annos de idade este illustre homem de sciencia e distincto litterato, cujas peças dramaticas tiveram a sua aura nos bons tempos de ha trint'annos.

Sem ser um grande genio, trabalhou, comtudo, honestamente, e esses trabalhos, se não affirmaram uma individualidade original, collocaram-n'o n'uma certa altura no mundo das letras, que cultivou com honestidade e provada intelligencia.

Viu representadas nos theatros portuguezes todas as peças que escreveu, excepto a *Inauguração da Estatua Equestre*, que o jury da censura dramatica poz de parte, quando de um concurso feito em 1862. E' referente á rejeição d'esta peça a carta d'elle, que publicaremos na nossa secção de *Excavações litterarias*, no proximo numero, carta em que, por baixo de uma certa ironia, se descobre a sua amargura de trabalhador ferido no seu amor proprio.

As peças que escreveu foram: *O Valido*, drama em 5 actos; *O Castello de Faria*, drama em 5 actos; *Giraldo sem Sabor ou uma Noite de Santo Antonio na praça da Figueira*, comedia em 3 actos; *O alcaide de Faro*, drama em 5 actos; *O mineiro de Cascaes*, comedia em um acto; *O estrangeirado*, comedia em 2 actos;

Nem russo nem turco, comedia em 2 actos; *A pedra das carapuças*, drama em 4 actos; *Nem Cezar nem João Fernandes*, comedia em dois actos; *A lei dos morgados*, drama em 5 actos; *A Caridade*, drama em 5 actos.

Além d'estes trabalhos, collaborou em jornaes e revistas, no *Archivo Pittoresco*, *Jornal do Commercio*, *Mosaico*, *Panorama*, *Archivo Universal* e *Revista Universal Lisboense*.

Foi sempre um grande patriota, amante das coisas da sua terra. A elle se deve o padrão que se levantou no Bussaco, a meia altura da serra, commemorativo da batalha que allí se deu entre francezes e portuguezes, e em que aquelles foram derrotados. N'essa data commemorativa nunca elle deixava de ir ao Bussaco, para que aquelle acto não deixasse de revestir toda a solemnidade.

Deve-se-lhe tambem o padrão que se levantou no alto da Alhandra, commemorativo da batalha das linhas de Torres Vedras.

Foi um militar brioso e um escriptor lucido e de processos honestissimos.

O *Branco e Negro* acompanha a desolada familia do illustre morto no doloroso lance que atravessa.

COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — AMOLADOR DE FACAS E TESOURAS, aguarella de Roque Gameiro

«ILLUSÕES PERDIDAS»

POR

ALBERTO BRAMÃO



Escrever hoje um livro de versos é quasi um verdadeiro arrojo, e edital-o, maior arrojo ainda. Porque os livros de versos são como praga de gafanhotos, entre nós. E que versos, santo Deus! O publico, acostumado a ser enganado pelos elogios que diariamente as gazetas despejam, com farta cornucopia de banalidades, sobre os eleitos de sua amisade, já sorri quando vê anunciado um novo volume de *um poeta novo*. E não o compra. D'ahi, iras dos bardos contra difficuldades mil que os editores lhes põem nas publicações de suas obras, e irritação contra a falta de *patriotismo* dos mesmos editores que não ajudam a arte nacional. Pobre arte nacional! Andrajosa, arrimada a muletas de escangalhadas imitações, sem nada que brilhe e que resalte, com falsas pedrarias e europeis de cortezã cahida, ella ahí anda arrastada, sem uma emoção que vibre, sem uma nota de sentimento que fale alto ao coração.

Felizmente, Alberto Bramão não pertence á ala dos Novos, — com N grande. Novo, sim, mas na idade, porque Poeta o conheço ha bastos annos e poeta a valer. Este não repudia o sentimento nem se serve da fórma para encobrir pobreza de ideias. Pelo contrario; a fórma, para elle, é uma coisa secundaria; a ideia é que predomina nos seus versos. Mas uma é vestida pela outra e ambas se completam per-

feitamente, harmonicamente, com rythmo e alma. musica comprehensivel ao coração, porque do coração é filha.

Não abusa Alberto Bramão do falso oiro que á primeira vista seduz pelo brilho, mas que, passado sobre elle o pó do esquecimento, ennegrece como um *plaqet* de fancaria. A's vezes, aqui e além, é tão simples na concepção e fórma das suas poesias, que lembra esse doce lyrico que se chamou João de Deus, vibrando tambem, por vezes, como elle, a nota da ironia amarga e cheia de desalento.

Diz elle no prefacio com que abre o livro, falando da renuncia que tinha feito de não voltar a ser poeta — como se isto podesse ser! —:

«... Essa renuncia, tomada por um violento esforço sobre a natural tendencia do meu espirito, e casualidade durante esse longo período de abstenção poetica, foi destruida subitamente, como fragil muralha, por uma onda temerosa do mar de angustias, em que todos nós mais ou menos andamos naufragados.»

Esse mar de angustias, de que fala o poeta, é um mar que eu conheço de experiencia propria e em que, por isso mesmo, posso dizer duas palavras. A dôr, quando nos retalha o coração, deixa sempre, mesmo depois de acalmada pelo tempo, uns resaibos de amargura que nunca o abandonam; como da calumnia fica sempre alguma coisa, no agudo dizer de D. Bazilio, da dôr fica esse rastro, como babugem de maré viva que o mar deixa n'areia. E' n'esse estado tenso que a alma, tendo de sangrar, faz as suas melhores creações. Sempre é sangue e o sangue é que alimenta e faz viver. D'ahi, o ficar vivendo longa vida tudo o que é feito com a verdadeira amargura e ter duraçã ephemera tudo o que é escripto com o cerebro, apenas, no concheço das felicidades e no regaço dos prazeres.

O poeta das *Illusões perdidas* pertence á grande romagem dos que soffrem; e se na sua intima tortura alguma coisa ha que o conforto será o perfume d'essa saudade que o tempo não consegue apagar, mas que nos faz ficar n'um delicioso e amargo extase, procurando n'ella uma vida que não achamos em volta de nós.

Eu, pela minha parte, gosto muito do livro. E não se me dá que aquelle alli debaixo esteja a rir com aquelle ar balofo de ignorante.

JOSÉ SARMENTO.



A UM CARVALHO SECULAR (*)

Velho carvalho solitario,
Que ergues ao ar os braços nús,
Como da urze d'um calvario
Se erguem os braços d'uma cruz...

Venho hoje aqui falar contigo,
Confidenciar coisas incalmas...
Tu deves ser um meu amigo,
Porque a tristeza irmana as almas.

Venho falar do nosso mal,
Ao pé de ti, sobre esta alfombra...
Nada te peço, que afinal,
Tu nada tens, nem mesmo sombra.

Hão de talvez fazer-nos bem
A minha voz e o teu lamento:
Que o soffrimento que outro tem
Faz bem ao nosso soffrimento.

Viveste já bemditas horas,
Cheio de seiva e força e côres...
Deram-te luz muitas auroras,
Deram-te aroma altivas flores.

Na tua copa verdejante,
(Com hoje vives tão sósinho!)
Aves trinavam em descante,
E construíam o seu ninho.

Cheio de sol, brilhando no ar
As tuas folhas verde claras,
Vinhão em torno a ti cantar
Insectos mil, de formas raras.

Eras monarcha d'estes campos,
Para onde tu, saudoso, olhas...

Se até de noite os piriãmpos
Lam luzir nas tuas folhas!

De côr tão bella, eras tu só
Entre as ramagens do arvoredo,
Pois se até mesmo o proprio pó,
Ao vêr-te assim, tinha-te medo.

Quer as chuvas de dezembro,
Quer ao calor do sol de julho,
Via-te sempre — ainda me lembro! —
Cheio de alegre e justo orgulho!

Mas dentro em pouco, ô andar dos annos
Desfez os dons que em ti brihavam,
Bem como em nós tantos enganos,
Todas as folhas te murchavam.

Mas como a verde trepadeira
Que em ti se prende, erma e florida,
Ficou-me a crença em outra vida,
Unico bem da vida inteira.

De dia a dia, ao ver-te o rosto,
— Eu que passava alli na estrada —
Bem comprehendia o teu desgosto,
E a tua magua concentrada.

A foice hostile que o tempo traz
Não te deixou vergôntea alguma;
Como um bouquet que se desfaz,
Perdeste as folhas, uma a uma...

Aquelles passaros que outr'ora
Vinhão em ti fazer seu ninho,
Cantando logo ao ser da aurora,
Seguiram já outro caminho.

Em torno a ti murcharam fetos,
Ramos silvestres, plantas, flôres...
Fugiram rindo os mil insectos
Em que o sol punha iriadas côres.

Vendo-te assim, tão triste e pobre,
Perdida a antiga ostentação,
Só tendo o c.u, que a todos cobre,
Só encontraste ingratição...

Mas, como antiga companheira,
Lembrando as tuas primaveraes,
Vejo-te ainda a trepadeira
Que via outr'ora, feita de heras.

Prende-se a ti, doce e modesta,
Cheia de amor, como uma filha...
Na tua vida negra e mésta,
Só esse amor existe e brilha!

(*) Do novo livro de versos de Alberto Bramão, *Ilusões Perdidas*, editado pela casa Antonio Maria Pereira.

FRASCUELO



A Hespanha está de luto por um dos seus maiores toureiros.

A plei de a que pertencem Mazzantini, Lagartijo e Guerrita acaba de abrir brécha com a morte de Frascuelo. Elle representava, na tauromachia, o papel de um marechal e foi sempre um verdadeiro entusiasta pela sua arte. Para nós, meridionaes, para a Hespanha, principalmente, meridionalissima, a morte d'este homem quasi representa um luto nacional. E' que ali, um toureiro é considerado um artista, um homem querido de toda a gente, a quem todos apertam a mão sem preconceitos preconcebidos, a quem todos respeitam. Affonso XII era amigo intimo de Frascuelo e não se dedignava de lhe demonstrar em publico a sua estima.

Salvador Sanchez, que tal era o nome de Frascuelo, foi um toureiro de inexcedivel bravura; na praça, era de uma serenidade impassivel e a sua coragem de ferro mais de uma vez fez tremer pela sua vida aquelles que lhe admiravam o sangue-frio e a habilidade.

A origem de Frascuelo foi modestissima. Nasceu na aldeia de Churriana, na provincia de

Granada, em 21 de dezembro de 1844, de paes humildes. De muito novo se dedicou ao toureiro, não se salientando a principio senão pela coragem que já então affirmava; o seu nome só começou a ser celebre quando realisou o *quiebro* com bandarilhas em cadeira, de que até então tinha a primazia o bandarilheiro Antonio Carmona «El Gordo».

Depois d'esta sorte, que foi para elle como a sagração na arte, entrou para a *cuadrilla* do toureiro Cayetano Sanz, que lhe ensinou o manejo da muleta e outras sortes.

Tomou a alternativa das mãos do celebre espada Arjona Guillon (Cuchares) em 27 de outubro de 1867, com 23 annos de idade incompletos.

Diante de um boi que elle esperasse para passar de muleta, nunca se afastava do ponto que tinha escolhido, parecendo que os pés se lhe cravavam no chão.

Esta coragem valeu-lhe muitas colhidas, algumas de bastante gravidade.

Hoje, Frascuelo vivia retirado da vida activa da tauromachia, onde realisára uma grande fortuna.

MARINHA DE GUERRA BRAZILEIRA



UMA VISITA A BORDO DO COURAÇADO TUPY, por Jorge Collaço



ARREDORES DA GOLLEGÃ, segundo uma photographia de Carlos Relvas

ANCIEDAD



I

GNACIO Goutier, celebre advogado de uma cidade de provincia, habitava com a sua unica filha, Maria, um palacete no meio de um jardim.

O advogado era o prototypo da honra burgueza e da austeridade benevola. A moral para elle era simples; não conhecia senão dois principios: o bem que é preciso amar e praticar e o mal que é preciso odiar e evitar. Tinha horror aos scepticos e preferia um malfetor convicto a um homem hypocrita.

Estava a pé, em todas as estações do anno, ás sete horas da manhã. Sentava-se a trabalhar á sua secretária e só se levantava para ir para o Tribunal, onde tinha obtido verdadeiros triumphos, tanto nos mais difficeis processos civis, como nos mais celebres processos criminaes.

O advogado tinha casado aos trinta annos com uma rapariguinha que acabava de sahir do collegio.

Dando-lhe sua filha, o sr. de Saint Expilly pagava uma divida de reconhecimento: devia a Goutier, ao seu talento e ao seu desinteresse toda a sua fortuna.

A joven educanda desforrou-se da sua vida de clausura indo a todas as festas e nas vespas de um baile andava como doida: não dormia, nem se occupava senão do vestido que havia de levar n'essa noite. Passava os dias a fazer visitas; tinha assignatura de camarote em dois theatros da cidade e não teria faltado por nada do mundo a uma primeira representação. Não que gostasse da musica ou da comedia, mas porque gostava de se mostrar, de ouvir barulho, de ouvir homenagens de lisonja. Não tardou muito que toda a gente a citasse naturalmente como o typo da leviandade.

Goutier fez algumas observações, mas sua mulher respondeu-lhe com lagrimas, e levou todo o dia a deplorar que seu pae se tivesse apressado a casar-a tão mesquinamente.

O advogado, offendido, não respondeu e entregou-se com ardor ao trabalho.

Depois de quatro annos de casamento, a mulher fugiu com um visconde qualquer que cantava romanzas ao piano e passava por ser o cavalleiro mais elegante da cidade.

Num bilhete ao marido, dizia ella:

«A vida em commum é-me insupportavel. Parto para o estrangeiro. Nunca mais ouvirá falar de mim.»

O advogado ficou só com uma creancinha de quatorze mezes.

Ninguem se riu d'elle; nem uma ironia feriu o homem já retalhado no coração. Cumprimentavam-o ainda com mais gravidade.

Ficou com a creancinha em casa. Todas as manhãs, mal se levantava, ia contemplar no berço a sua pequena Maria. Quando voltava do tribunal, antes de se entregar ao trabalho, entrava no quarto onde ella estava, brincava com ella, fazia-a saltar nos joelhos, feliz quando ella ria e batia as palmas, dizendo: «Mais! Mais!» Foi ao mesmo tempo o pae e a mãe da sua filhinha. Aos domingos, alugava um carro e fazia-se conduzir com ella ao campo e alli ficava horas esquecidas, só com ella, brincando á bola, pegando-lhe na boneca quando ella queria correr. Eram aquelles os seus melhores instantes. Maria teve de soffrer as doenças da infancia: em primeiro lugar a escarlatina, depois o sarampo e, no final, uma fluxão no peito. O pae mandava pôr a caminha da filha no seu quarto e levantava-se a cada passo, de noite, para lhe dar os remedios e para tudo quanto era preciso.

Ninguem tinha ouvido falar mais na mãe. Um caixeiro

viajante disse tel-a visto em Napoles, depois em Roma, onde levava a vida mais dissoluta. O raptor tinha morrido de uma doença de peito e ella parecia abusar á direita e á esquerda da liberdade absoluta em que se encontrava.

II

Approximava-se o dia dos annos de Goutier e Maria contava fazer-lhe uma surpresa. Como pintava rasoavelmente andava a fazer o retrato do pae. Para isto tinha-se installado n'um gabinete pequenissimo, contiguo ao escriptorio d'elle.

Emquanto o pae estava absorvido no trabalho, Maria não deixava o retrato.

Quando estava no melhor do seu trabalho, o escrevente annunciou um sujeito que queria falar ao advogado.

Maria ergueu-se docemente do banco.

— Senhor, disse o visitante, sou o homem de negocios da senhora Goutier.

Ouvindo este nome, Maria, que estava para sahir do seu esconderijo, sentiu-se como pregada ao chão.

A sr.^a Goutier? Sua mãe? Tinham-lhe dito que ella tinha morrido e tudo o que indagára a respeito d'ella tinha ficado sem resposta. Um dia, a mestra encarregada da sua educação tinha-lhe dito:

— Menina, não torne mais a falar a seu pae da sr.^a Goutier: elle morreria!

Havia portanto um mysterio em tudo aquillo! Mas qual?

— A sr.^a Goutier? exclamou o advogado. A sr.^a Goutier já não existe!

— Se me dá licença... Tenho uma procuração em regra e não irei d'aqui sem falar a um advogado.

— P'ra quê?

— Para obter de si a pensão a que ella tem direito.

«A sr.^a Goutier tem agora quarenta e dois annos, continuou o homem de negocios. Está em Paris, sem meios de fortuna. Quando a sr.^a Goutier abandonou o tecto conjugal, o sr. quiz fazer o silencio em volta d'esse caso: repugnava-lhe levar para o tribunal uma separação que o sr. sabia que era logo concedida.

— Pensei que tinha uma filha que devia usar o meu nome intacto.

— Pois na sua qualidade de advogado, o sr. não póde



Como pintava rasoavelmente...

ignorar qual é a condição legal que lhe é creada por essa concisão voluntaria, nem achará extemporaneo que a sr.^a Goutier reclama de si uma pensão annual de quinze mil francos.

— Quinze mil francos não tenho eu de rendimento, disse o advogado. A sr.^a de Saint-Expilly levou comsigo

o dote que tinha trazido. No entanto, não me recuso a dar-lhe uma pensão de quinhentos francos por mez.

— Ella não quer menos de quinze mil francos, respondeu o homem de negocios; do contrario, reclamará sua filha.

— Sua filha? exclamou violentamente o advogado. A creança que ella abandonou quando ainda mammava? Basta, senhor; soffri em silencio, tenho levado uma vida de trabalho e de sacrificio. Mas o escandalo que evitei não o temo, se se trata de defender minha filha de uma mulher perdida. Aceito n'esse caso a lucta e ella será terrivel.

Maria, encostada ao cavallete sobre que estava o esboço do retrato, sentiu-se desmaiar. Batiam-lhe violentamente as fontes, respirava offegante, tinha os labios seccos e os olhos fixos. Hora sinistra para a donzella, que conhecia n'aquelle momento como sua mãe vivia e como tinha sido uma mulher indigna de todo o affecto, de todo o respeito, desprezada pela sociedade. Lagrimas de martyrio lhe inundavam as faces. Sentia que qualquer coisa se despedaçava na sua vida e pela alteração da voz de seu pae, comprehendia quanto elle devia soffrer.

— Senhor, continuou o homem de negocios, estou incumbido de uma missão espinhosa, mas devo leval-a até ao fim.

— Faça o que quizer, senhor, respondeu Goutier: o meu partido está tomado. Irei para o tribunal, obtreei o divorcio, darei a essa mulher uma mezada para comer e saberei fugir-lhe com minha filha. Fique descansado que esta escapará á miseravel creatura que ousa disputar-m'al

Houve um instante de silencio.

— N'esse caso, continuou o mensageiro da sr.^a Goutier, a minha cliente vê-se-ha obrigada a recorrer a recorrer ao unico meio que lhe compete.

— Que quer dizer?

— Revelando a historia da sua vergonha, confessará que a creança que o sr. julga sua, é filha de outro.

— Maria? exclamou o advogado em voz suffocada. O sr. diz que Maria não é minha filha?

— E' sua filha segundo a lei do direito commum. Mas a sr.^a Goutier tem uma serie de cartas que provam como no momento em que ella nasceu...

— Cale-se! impoz submissamente Goutier. Póde alguém ouvir-o. Se a creança soubesse este segredo, eu morreria... Póde ser que eu não seja seu pae, mas ella não é menos minha filha de facto. Fil a minha. Sem mim, já ella teria morrido. E já que a tenho, ha-de ser minha. Saia.

III

Maria arrastou-se até ao seu quarto e cahiu de joelhos, chorando.

Havia em tudo o que tinha ouvido muitos pontos obscuros e circumstancias que lhe escapavam. Mas o que tinha comprehendido bem é que era uma estranha n'aquella casa. Aquelle homem tão bom, que ella vira tanta vez á cabeceira do seu leito de creança, não era seu pae. Tinha-o roubado no seu affecto: era uma estranha para elle. Era preciso que o deixasse, que partisse, nem que tivesse de ir servir para ganhar um bocadinho de pão! Mas onde refugiar-se? Em casa de sua mãe? Aquella mulher desconhecida não lhe inspirava senão horror. Mas não tinha tempo a perder. Como poderia ella supportar os olhares do advogado?

Emquanto luctava com todos estes sentimentos, bateam docemente á porta do seu quarto. Ella quiz gritar, mas da garganta sahiu-lhe apenas um gemido rouco. Era Goutier.

— Estás incommodada? perguntou elle, com immensa bondade.

— Alguma coisa... mas não é nada...

— Dá-me um beijo.

E apertou-a de encontro ao peito.

— Vou mandar chamar o medico.

— Não, não, é escusado, já estou melhor.

— Minha filha, vae dar um passeio ao campo. Eu fico porque o ar da cidade não me faz mal, mas tu precisas do ar do campo. Estas contente?

— Muito.

— Não te falta nada?

— Nada... Mas penso que trabalha de mais e não es-

tou satisfeita por vêr que é por minha causa que se cansa tanto.

Goutier sorriu tristemente, e, depois de a ter beijado mais uma vez, sahiu. Quando voltou para o jantar estava mais calmo.

Maria mal tocava na comida: parecia-lhe que roubava aquelle que até então tinha considerado como pae.

Depois do jantar, sahiu de carro com a mestra e a governante que a tinha educado, e d'ahi a uma hora estava sósinha sob as arvores do jardim de Goutier, pensando no que lhe succedia.

Pois que? Em vez de a despedir, ficava ainda com ella e preocupava-se com a sua saude? A donzella sentiu augmentar o seu amor filial, e murmurou:

— Oh! sim, elle é meu pae!

IV

Quando o homem de negocios da sr.^a Goutier se apresentou de novo, o advogado disse-lhe:

— Senhor, a missão que confiou ao advogado encarregado dos interesses da sr.^a Goutier já esta confiada ao juiz insructor.

O homem de negocios empallideceu.

— A operação de que o sr. se encarregou, continuou Goutier, não é senão uma questão criminal. O raptor da sr.^a de Saint-Expilly não appareceu n'esta cidade senão



E apertou-a de encontro ao peito

depois do nascimento de Maria, e as cartas que o sr. trouxe como prova, são falsas. O sr. é, portanto, um cumplice.

— Foi ella que machinou tudo isto, exclamou o outro fazendo-se lvido.

— Pois bem: então queira reconhecer o facto. Escreva.

E Goutier ditou a confissão d'aquella tentativa de fraude, que o homem de negocios assignou com mão tremula.

— Diga a essa senhora, acrescentou o advogado, que receberá todos os mezes a somma necessaria para a sua sustentação. E d'aqui para o futuro não quero tornar a ouvir falar mais d'ella.

— E... as cartas?

— Como retirarei a minha queixa... não valem de nada.

Goutier, passando pelo gabinete de sua filha, viu o cavallete o retrato começado, e comprehendeu tudo. Foi ter com Maria ao jardim, fel a sentar junto de si, deulhe a ler a declaração do homem de negocios e cobrin-do a de beijos:

— Agora, disse elle, que venham arrancar-te dos meus braços!

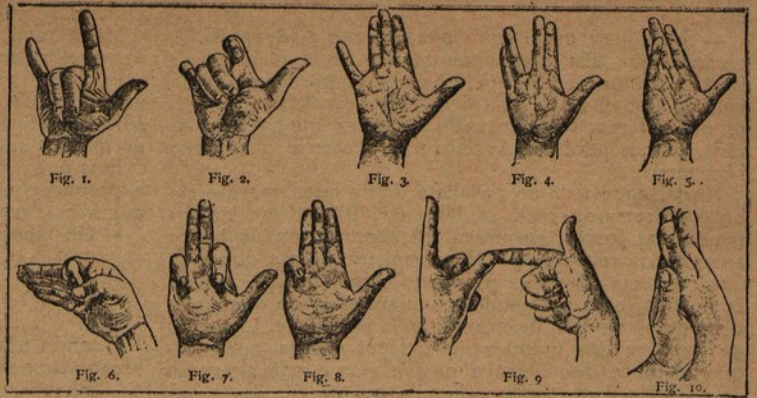
As sombras da mão — Figuras animadas

A instalação de uma sessão de *Sombras* é muito fácil. E' preciso arranjar uma sala escura com paredes muito brancas, ou então forradas de um panno claro sem prégas (um panno humido, por exemplo).

O foco luminoso — uma véla, ou um candeeiro de petroleo se a sala for grande — deve ser fechado n'uma caixa de cartão aberta do lado do guarda-fogo branco. Basta uma distancia de 1^m a 1^m,50 entre este e a luz.

O operarador póde estar de pé ou sentado; a sombra das suas mãos deve ser exacta, sem penumbra; deve olhar constantemente, não para as mãos, mas para a sombra projectada por ellas.

E' necessario, antes de tentar reproduzir qualquer assumpto ou figuras, tornar a mão e as phalanges flexiveis por meio de diferentes exercicios apropriados.



Indicamos os principaes:

1.º Flexão dos dedos do meio conservando os outros immoveis, a fim de se poder manobrar bem com o maior e o anelar, os dois dedos mais difficeis de conduzir (fig. 1.)

2.º Flexão das phalanges dos dois dedos do meio e flexão da 3.ª phalange do dedo minimo e do indicador (fig. 2.)

3.º Afastar o dedo minimo dos outros para o fazer mover á vontade (fig. 3.)

4.º Desviar o anelar e o dedo minimo para os habtuar a pegar e a conservar os accessorios, taes como chapéus, etc. (fig. 4.)

5.º Deitar um pouco o dedo minimo obliquamente sobre o anelar na 3.ª phalange, exercicio que facilita a execução de certas figuras de animais (fig. 5.)

6.º Flexão das phalanges do indicador e do polegar, complemento do exercicio precedente (Fig. 6.)

7.º Abaixar o indicador e o dedo minimo até a 3.ª phalange (fig. 7.)

8.º Flexão das phalanges do dedo minimo, que serve, em certas figuras, para supportar e manter os outros dedos (fig. 8.)

9.º Apoiar o indicador da mão direita no polegar da mão esquerda, e, sem que os outros dedos se mechem, executar este movimento, ou *vice-versa*; continuar até que se chegue a uma velocidade vertiginosa. Variar este exercicio substituíndo rapidamente o indicador por outro dedo quando algum o ordene (fig. 9.)

10.º Metter a mão esquerda nas ultimas phalanges da direita, fazel a vivamente manobrar, e *vice-versa*, para tornar os dedos bem flexiveis.

Quando as mãos tiverem adquirido a flexibilidade desejada, devem começar-se as experiencias pelas figuras mais simples, como vaee indicado no quadro que damos das sombras projectadas



XV. O ADVOGADO OU O JUIZ

XIX. THIERS.

XVI. O BEBADO

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

A GATA BORRALHEIRA ITALIANA¹



Não é só em França que a personalidade da *Gata Borralheira* é conhecida; também o é em outros países, e creio que os nossos leitores não de ficar satisfeitos com as aventuras da *Gata Borralheira* italiana que vamos narrar.

Era uma vez um homem e uma mulher que tinham duas filhas, mas a primogenita era menos bonita que a outra. A mãe gostava só da primeira e mandava a mais nova todas as manhãs guardar no campo os patos, dando-lhe uma grande roca para fiar linho.

O resto do tempo passava-a a pobre menina sentada na pedra da chaminé, razão porque lhe chamavam a *Gata Borralheira*.

Uma manhã, em que ella guardava os patos, como de costume, chegou perto d'um riacho e, para os animar, disse-lhes:

— Bebam, bebam, patinhos, esta agua que se lhes depára, se ella é fresca e limpa; não a bebam, patinhos, se a acham salobra e má!

Quando terminou estas palavras, chegou-se a ella uma velhinha, que lhe perguntou:

— Que fazes ahí?

— Mandaram-me guardar estes patos e fiar esta roca — respondeu a criança.

— E quem te mandou?

— Minha mãe!

— E ella manda muitas vezes tua irmã guardal-os?

— Nunca!

— Sériamente? Então, minha filha, quero dar-te uma prenda — proseguiu a velhinha. — Toma este pente e penteia-te.

A *Gata Borralheira* fez o que a velha lhe mandara. Penteou os seus cabellos louros, que eram mui lindos; depois cahiu d'elles uma abundancia de grão sobre o qual os patos se lançaram com avidéz. Enquanto elles comiam á vontade, a *Gata Borralheira* passava o pente pelo outro lado da cabeça, porém d'esta vez não era grão que lhe cahia, mas sim perolas, diamantes e pedras preciosas. A cada penteadella que dava, cahiam mais pedrarias a seus pés.

A velha disse-lhe que as juntasse, e deu-lhe uma caixa para as metter, recommendando-lhe que as escondesse bem no seu armario. Depois tocou com a varinha que trazia, pronunciando algumas palavras, no fuso e o linho que ahí estava ficou logo fiado.

— Agora vai para casa — disse ella á *Gata Borralheira*, que e tava muito ahy-malta pelo que vira — e vem aqui todos os dias, pois me encontrarás.

A *Gata Borralheira* foi para casa e sentou-se, sem dizer coisa alguma, na pedra da chaminé, segundo o seu costume. No dia seguinte tornou ao riacho, onde encontrou a velhinha que fiou a sua roca do mesmo modo que na vespera, e que lhe deu o pente para que se penteasse. Nos dias seguintes tudo correu na mesma.

Uma manhã, depois de ter fiado o seu linho, a velhinha disse-lhe:

— Escuta o que te vou dizer. Esta noite o principe dá um baile e convidou teu pae, tua mãe e tua irmã. Elles perguntar-te hão, por ironia, se queres ir. Responde que não. Agora toma esta avesinha e esconde-a no teu quarto e, á noite quando elles fõrem, uize-lhe:

— Avesinha verde, minha avesinha bonita, torna-me tão bonita como tu. Logo ficarás apromptada para o baile; toma esta varinha, bate com ella no chão, que depois apparecerá um coche. Iás á festa, ninguem te conhecerá, e o principe dançará contigo. Somente tem cuidado, quando entrares na casa para cear, em subir para o coche e de te escapulires sem que pessoa alguma te possa seguir. Quando chegares a casa, vai direita á avesinha e diz-lhe:

Avesinha verde, minha bonita avesinha
Torna-me feia, minha amiguinha.

E encontrar-te has como d'antes; voltarás para a pedra da chaminé e nada dirás.

A *Gata Borralheira* tomou a avesinha, levou-a para casa, e escondeu-a no armario, e, quando chegou a noite, fez tudo quanto a velhinha lhe tinha dito. Logo que disse estas palavras:

— Avesinha verde, minha bonita avesinha, torna-me tão bonita como tu, foi logo transformada em uma rica princeza magnificamente vestida e cheia de pedrarias.

Subiu para um lindo coche que a esperava á porta, foi ao baile e dançou com o principe que lhe declarou ser ella a mais bella princeza da terra; mas, como a velha o havia ordenado, logo que chegou a hora da ceia, subiu para o coche e partiu.

Quando o principe voltou já não a viu, e mandou aos



creados que a procurassem por todos os lados, mas não a descobriram.

Fiado em que ella tornaria logo que desse outro baile, o principe disse aos seus convidados que lhes offercia uma festa semelhante para a noite seguinte e convidou os para que todos fossem a elle.

Quando o pae e a mãe e a irmã da *Gata Borralheira* voltaram, encontraram-na sentada, como de costume, na pedra da chaminé.

Falaram-lhe do baile.

— Foi esplendido — disse a mãe. — Apareceu lá uma menina que pôde passar por um milagre de belleza. Ninguem soube quem ella era. Queria que a visses.

— E' me indifferente — respondeu docemente a *Gata Borralheira*.

— Dá outro baile na côrte esta noite — retorquiu a mãe — Se queres vem.

— Não, agradeço-lhe; estou muito bem na pedra da chaminé.

¹ V. *Gata Borralheira* no volume *Contos de Fadas*, publicado ha pouco por Henrique Marques Junior.

Na manhã seguinte a *Gata Borradeira* sahio com os patos como costumava fazer todas as manhãs; encontrou a velhinha que lhe disse para voltar ao baile dado pelo príncipe n'aquella noite, tendo cu dado em sahir da mesma maneira que na vespera, no momento de irem para



a ceia e se fosse seguida, logo que abandonasse o baile, lançar algumas moedas pela portinhola do coche.

Tudo se passou como na noite precedente. A *Gata Borradeira* dirigiu-se á avesinha que a vestiu melhor ainda, se póde ser, do que na vespera; chegou ao baile onde o príncipe ficou contente por vê-la e ao mesmo tempo receioso de que ella se eclipsasse, mandou aos creados que a não deixassem fugir. Logo que ella subiu para o coche todos os creados a perseguiram mas ella espalhou tanto dinheiro que elles pararam para o juntar de maneira que não mais a viram.

O príncipe desgostoso foi obrigado a dar terceiro baile com fé em que ella tornasse.

No regresso, a mãe da *Gata Borradeira* falou novamente no baile; mas esta teve arte para fingir que ouvia indifferente. Na manhã seguinte, como era habito, foi guardar os patos e falar á velhinha.

— Tudo tem corrido bem até hoje; — disse esta — mas ouve. Esta noite terás um vestido cheio de campainhas d'ouro e chapins de modo que elles não vejam onde te escondes.

Quando chegou a noite e que a *Gata Borradeira* ficou sózinha em casa, a avesinha deu-lhe um vestido, mais lindo que todos os outros, todo coberto de campainhas d'ouro e calçou-lhe os pés em pequeninos chapins d'ouro que lhe estavam uma maravilha. O príncipe dançou com ella toda a noite e ficou encantadissimo. Quando ella se mettia no coche os creados seguiram-na como das outras vezes sem se importarem com o dinheiro. No entanto um d'elles abaixou-se para apanhar o chapim.

Quando viram onde o coche parava disseram ao príncipe que os recompensou magnificamente.

No dia seguinte a *Gata Borradeira* sahio com os patos e foi falar á velhinha que lhe disse:

— E' preciso andares ligeira agora porquê o príncipe vai a tua casa.

Deu-lhe o pente, segundo costumava; enquanto ella se penteava, a velhinha ia fiando a roca, e depois deu-lh'a.

Logo que a mãe a avistou gritou-lhe:

— Porque veñs esta manhã tão cedo?

— Veja como os patos estão gordos e fortes; já não têm necessidade de comer — replicou ella.

A mãe vendo effectivamente que os patos estavam gordos e fortes, não disse mais nada.

Apenas a *Gata Borradeira* entrou, o príncipe chegou com toda a sua equipagem e bateu á porta.

O pae, a mãe e a irmã mais velha vendo quem era o visitante, correram a abrir a porta.

Quanto a *Gata Borradeira* foi ter com a avesinha, esta d'um momento para o outro a vestiu de novo com o vestido de campainhas d'ouro, mas só lhe deu um chapim.

Entretanto o príncipe interrogava o pae:

— Quantas filhas tem?

— Uma só: ei-la.

— Não tem outra?

— Perdão, tenho uma, mas de que me envergonho. Está sempre sentada na pedra da chaminé e suja de cinza.

— Não importa; faça-a approximar — disse o príncipe. O pae chamou-a:

— *Gata Borradeira* desce por um minuto.

Ouviu-se então na escada: *Telim, tim! Telim, tim!* eram as campainhas d'ouro que telintavam a cada passo.

— Ah! vem a tola; — disse a mãe — traz comsigo a pá e as tenazes!

Mas ficaram assombrados quando viram a *Gata Borradeira* na sua maravilhosa *toilette*.

— Aqui está a que procuro! — exclamou o príncipe. — Perdeu um chapim d'ouro; vejamos se lhe serve.

Tirou então da algibeira o chapim apanhado pelo creado, deu-o á *Gata Borradeira* que, corando, o calçou reconhecendo-o como seu.

Então o príncipe pediu a mão d'ella ao pae e á mãe que não puderam negar lh'a.

A *Gata Borradeira* levou a avesinha assim como todas as riquezas que havia recebido da velhinha e acompa-



nhou o príncipe. Tiveram esplendidas nupcias e trataram tão bem os paes e a irmã que estes tornaram-se muito amigos da *Gata Borradeira*.

(Trad.)

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



VISCONDESSA

Tendo terminado no nosso ultimo numero a publicação do magnifico romance de François Coppée

SONHOS DA MOCIDADE

que tanto agrado despertou pelo bem urdido das suas situações e pelos primores de linguagem devido a um dos mais finos poetas da França contemporanea,—começamos a publicar n'este numero o esplendido romance

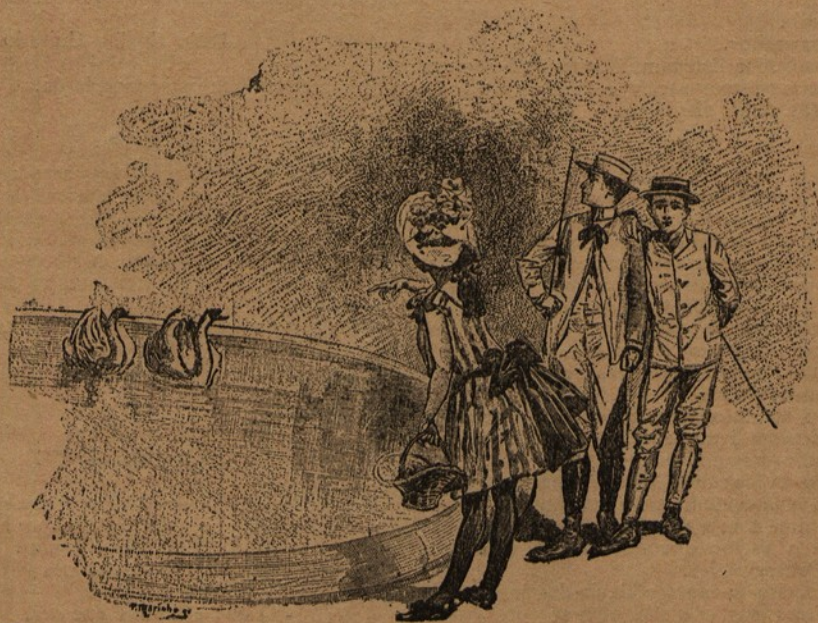
VISCONDESSA

que deve obter junto dos nossos leitores um successo igual, senão maior, ao do romance anteriormente publicado.

Effectivamente a VISCONDESSA é um romance de um entrecho emocionante, cheio de lances imprevistos, de situações magnificamente aproveitadas. O auctor estuda n'esta sua obra, que fez um ruidoso successo em França, a alma de uma mulher, sempre complicada e mysteriosa, cheia de extasis e de bruscos reviramentos, apaixonada e despotica. Estamos certos de que o nosso novo romance VISCONDESSA, que é o segundo da



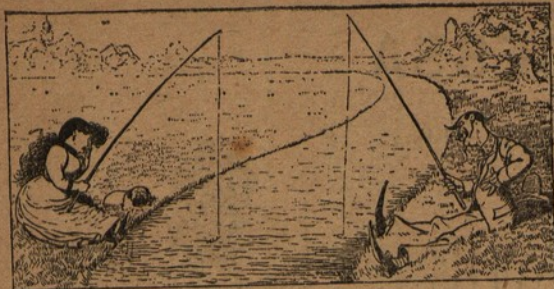
Especimen das gravuras do romance VISCONDESSA



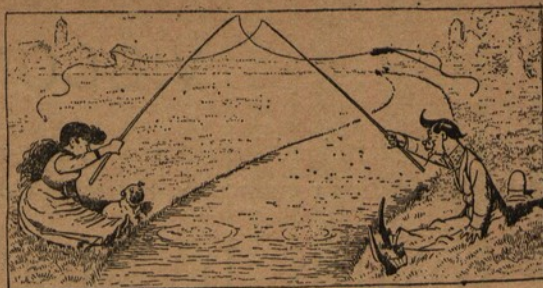
Especimen das gravuras do romance VISCONDESSA

Bibliotheca do «Branco e Negro». será para as nossas gentis leitoras o mais delicioso mimo litterario que lhes podiamos offerecer.

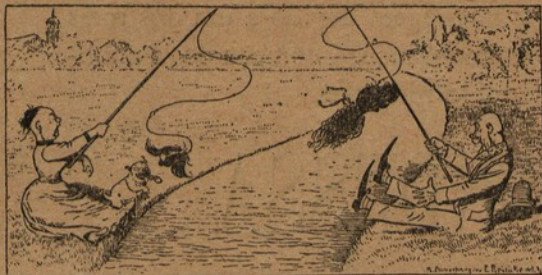
UMA PESCA COMPROMETTEDORA



1



2



3

COISAS ALEGRES

José Estevam, gostava muito de toucinho. Um dia que não lh'o trouxeram ao jantar, com o cosido, na forma do costume, perguntou ao creado :

— Que é do toucinho, o Antonio ?

— Esqueceu comprar mais, sr. José Estevam.

— Mas eu não vejo nenhum.

— E' que o cosinheiro disse me que havia só um bocadito; e como era pouquinho, achámos melhor não deitar nenhum.

— Acharam isso ? !

— Achámos, sim senhor.

— Toma lá, (disse José Estevam, tirando do bolso um cruzado novo) Doze vintens para ti e doze para o cozinheiro : duas bestas assim, são raras.

— Homem : O sr. quer que elles riam ?

— Desejava, sim.

— Pois vá a elles e faça lhes coegas.

*

Ha alguns annos, na Camara Municipal de Peniche juntaram se tres vereadores, que, quando rubricavam as actas das sessões, uns após outros, dava este resultado

Bello Coelho Guisado

Era uma camara mais propria da... Porcalhota.

*

Em Lisboa é conhecido um certo cavalheiro, que entre outros, tem a paixão da musica, ao ponto de lhe absorver a actividade do espirito, quasi completamente. Encontrando nós um amigo d'elle e nosso, perguntámos lhe pelo monomaniaco. A resposta foi :

— Fulano ? Oh ! esse está insupportavel !

— Como ?

— Imagine você, que elle não admite que na sua presença se fale, senão de musica, e falando-se de musica sómente elle é que pode falar.

H.

*

A UM LENTE

— Diz que é fraco e que só ora

Como outr'ora, meia hora ?

— Hom'essa ! essa agora !

Elle não diz que só ora

Meia hora.

O que elle diz é que ora,

Como outr'ora, meia hora,

D'pois chama, depois ora

Meia hora, e faz uma hora !

Encontra-se frequentemente ahi por essas ruas, um homem a quem o rapazio, tomando-o por um alcoolico, dirige vaias e chufas, a que elle é absolutamente indifferente, mas que ás pessoas sensatas estimula a compaixão, por verem n'elle um pobre enfermo de ataxia locomotriz. Este homem é J. Augusto d'Oliveira, o «Oliveira das magicas», como é mais conhecido, e que por muitos annos foi um elegante, dos mais sympathicos e espirituosos de Lisboa. As suas numerosas peças de theatro têm graça e chiste a mãos cheias.

Dito isto, muito intencionalmente, em respeito á sua desgraça, mas um tanto demasiado a proposito d'um simples gracejo d'elle, vamos ao caso.

No velho theatro da Rua dos Condes, representava-se, pela primeira vez, uma comedia em 3 actos, original d'um conhecido d'Oliveira. Este via a peça d'uma frisa, e para junto d'elle vinha o auctor, quando o panno subia, pedindo lhe as suas observações.

A peça, no conceito do auctor, devia desmanchar de riso os espectadores; mas, ai d'elle, bem ao contrario, a coisa decorria por entre o enfado e a somnolencia do maior numero.

Oliveira, vendo, ao cahir o panno no 2.º acto, que aquella semsaboria não se salvava, diz-lhe em ar de conselho :

SECÇÃO RECREATIVA

O OVO PIÃO

TOME-SE um ovo cosido e colloque se n'um prato, mantendo o seu grande eixo vertical por meio da extremidade do index levemente apoiado sobre a ponta do ovo.

Se se tem dado anteriormente em roda do ovo algumas voltas de cordel até ao meio d'elle e se se puxar este rapidamente pela ponta, imprime-se ao ovo cosido um movimento de rotação analogo ao do pião e vê-se girar por muito tempo sobre o seu eixo na cavidade do prato. Eis uma nova maneira de fazer suste-se em pé um ovo sobre a ponta.

Em lugar do pião girar tranquillamente no mesmo sitio póde ter-se o ovo pião, que viaja a travéz a casa ás chicotadas de chicote de cordel ou melhor ainda com pelle de enguia. Mas aqui, como a casca do ovo não resistiria aos choques inevitaveis, aconselhamos a que se empregue o ovo de madeira, muito conhecido, que serve para o concerto das meias e que girará rapidamente pela casa se se chicotear com mão firme.



BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis	2\$600 réis
Africa Portuguesa.....	800 „	1\$600 „	3\$200 „
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis

OBRAS DE TEIXEIRA DE QUEIROZ

Os noivos, romance, 2.^a edição, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 enc. 1\$400.

D. Agostinho, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Morte de D. Agostinho, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Amores, amores, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Arvoredos, contos escolhidos, 1 vol. illustrado por Casanova, br. 800 réis, enc. 1\$100 réis.



RIR! RIR!

Servasio Lobato

Analysando admiravelmente os lados ridiculos e comicos da vida da capital, a

LISBOA EM CAMISA

é um livro impagavel, verdadeiro modelo de boa graça portugueza, d'aquella que nos faz rir ás gargalhadas.



1 volume de 340 paginas, 3.^a edição, com desenhos de CELSO HERMINIO: brochado 600 rs., pelo correio 650 rs.

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR

52, Rua Augusta, 54—Lisboa


LISBOA EM CAMISA


Branco e Negro



A CIRCASSIANA, quadrs de D Ramón Tusquets

PREÇO 50 REIS

N.º 103

OBRAS
DE
MARCELLINO MESQUITA

Na azenha, contos, 1 vol. br. 500 rs.
Dôr suprema, tragedia burgueza, 2.^a edição,
1 vol. br. 400 rs.
O Regente, tragedia historica, 2.^a edição,
1 vol. br. 400 rs.
O velho thema, drama, 1 vol. br. 400 rs.
Pérola, comedia em 3 actos (no prélo).

A. M. PEREIRA, editor — 50, Rua Augusta, 54 — Lisboa

Obras de Alberto Pimentel

Editor A. M. PEREIRA — 50, Rua Augusta, 54 — Lisboa

A GUERRILHA DE FREI SIMÃO

Romance historico, 1 vol. br. 500 réis, enc. 700 réis.

VIDA MUNDANA D'UM FRADE VIRTUOSO

Estudo historico, 1 vol. br. 300 réis.

VINTE ANNOS DE VIDA LITTERARIA

1 Vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

AS NETAS DO PADRE ETERNO

Romance humoristico, 1 vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

NOITES DE CINTRA

1 Vol. br. 200 réis, enc. 300 réis.

SANGUE AZUL

(Estudos historicos) no prélo, 1 vol.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 103

LISBOA, 20 DE MARÇO DE 1893

2.º ANNO

○ SENDEIRO ○



(Quadro de Christino, gravura de J. Pedroso)

SE não é positivamente melhor sorte a de acabar gloriosamente os ultimos dias *en las astes del toro*, do que andar por ahi a morrer de fome e de inanição tanto pobre animal, como esse que Pedroso, o grande gravador portuguez, ahi nos estampa e o leitor está vendo.

A que de considerações não nos leva a contemplação d'essa gravura, ácerca do mais nobre dos animaes, donairoso e elegante, que nos *steple-chase* e nas corridas é, sem contestação, o mais venturoso dos mortaes, porque n'elle poisam todos os olhares velludosos das mulheres; e acariciando-lhe o pêllo, ellas parecem insuflar-

lhe uma vida nervosa que os leva á méta, de um salto agil e vigoroso.

A par d'estes, os felizes da criação, ha os miseros a que Nicolau Tolentino se refere no seu immortal soneto:

Vae, misero cavallo lazarento
Pastar longas campinas livremente
Não percas tempo, enquanto t'o consente
De magros cães faminto ajuntamento.

E' um d'esses que João Christino, o glorioso artista, soube desenhar com tanta verdade, desenho a que o magico buril de João Pedroso conservou todo o relêvo.

EXCAVAÇÕES LITTERARIAS

Carta do general Cascaes sobre a sua peça «Inauguração da Estatua equestre», reprovada pela censura dramatica

Fiz proposito de não voltar a certames dramaticos. Sou comtudo publicamente chamado a concorrer; e por modo, tão sobremaneira delicado, que me obriga a dizer os porquês d'aquelle meu proposito.

A minha vida dramatica, no que respeita a censura litteraria, tem sido, geralmente, vida negra. Quando em 1841 dei *O Valido*, minha primeira composição, escreveu o censor, a quem fôra distribuida, que era mui pouco o seu merecimento dramatico, mas que poderia representar-se, á falta de melhores peças. Pouco depois, o drama subiu á scena, obteve applauso, e o censor confessou-me que o não havia lido! Apezar d'isto, nem uma linha só escrevi em meu desforço. Mais tarde, e por occasião da abertura do theatro de D. Maria II, ambicioso de gloria, trabalhei incansavel durante um anno, e concluí tres obras, não sei se boas, mas originaes e portuguezas, cada uma em seu genero, o *Alcaide de Faro*, a *Noite de Santo Antonio*, e o *Estrangeirado*. Presentes ao conservatorio, nenhuma obteve d'elle approvação. O publico, todavia, applaudiu todas, quando posteriormente se representaram. E não se creia que o jury se houvesse então com demasiado rigor; pelo contrario premiou, entre outras peças, uma que nunca se déra, e outra — o *Poder dos remorsos*, que no theatro de D. Maria II, nem sequer galgára o patamar da scena: sendo que, por um d'esses singularissimos desfavores do publico, não chegára a ultimar-se a sua primeira representação. Passado tempo, um dos membros do jury, falando-me da *Noite de Santo Antonio*, a cuja representação acabava de assistir, dignou-se de a elogiar, concluindo por dizer, que a não havia lido!

Traguei mais esta em silencio, mas confesso que os repetidos maus tratos da censura me tornaram apprehensivo, para com ella.

Chegou o concurso de 1861, e eu conservei-me indeciso, quasi até ao concluir do praso. Mas, a *Inauguração da Estatua equestre*, ha muito que se achava concluida; tinha-se por vezes alludido a ella, pela imprensa; capacidades litterarias, de primeira ordem, não se haviam dignado de a ler, ou de a ouvir, e talvez mesmo de a acolher com benevolencia; o voto da maior parte dos nossos melhores actores, entre elles, o fallecido Epifanio, valioso contraste em efeitos de scena, tambem não era para desprezar; e além d'isto, a consciencia do reflectido estudo, a que me havia dado, e cujo producto eu julgava de algum valor; tudo, enfim, me decidiu. Ireinos, disse. Bem sei, que são muitos os chamados, e poucos os escolhidos, que ha apenas dois premios; e que apparecerá talvez quem melhor do que eu os mereça. Não importa. Lá está a *menção honrosa*. Contentar-me-hei com ella. Conferem-m'a, decerto. Diz-me, que a mereço, essa voz interior, que nos homens de bem é como voz de Deus. E então... Pois vamos ao concurso. Fui. Antes não fosse, que me havia poupado a novo e mais profundo dissabor. — O jury achou na minha obra — «*consciencioso estudo acerca dos costumes e alguns caracteres da epocha em que se passa a acção, achou linguagem correctã e appropriada*»;

isto é, encontrou dotes, que parece justamente, importam, quando menos, essa honrosa menção, a que eu aspirava; mas condemnou-a por falta de efeitos dramaticos. Preferiu-se, pois, aos meritos litterarios, unicos que a leitura de uma obra dramatica pode pôr em evidencia, ess'outros que só pela representação verdadeiramente se manifestam e avaliam. Ao calculo exacto de quantidades reaes, antepoz-se o approximado, das quantidades imaginarias; taes são os efeitos scenicos calculados no gabinete, que hoje todos sabem o que valem, e o jury dramatico melhor que ninguem.

O fiel da balança, que se inclinára benevolamente para uns, relevando imperfeições, que mais ou menos havia em todos, para mim conservou-se em rigoroso apurmo. Para aquelles, o premio em toda a sua plenitude; para mim, nem uma commemoração honorifica, uma palavra animadora sequer. Houve peça, que o jury classificára *abaixo de toda a critica*, e com ella, nem mais nem menos ficou equiparada a minha obra: tão infeliz, que nem mesmo se concordou na menção honrosa, que o maior vulto litterario do conselho dramatico, o sr. A. F. de Castilho, chegára a propôr; tão desconsiderada, que o jury não só declara mas *lamenta*, que entre as outras peças (excéptua as duas premiadas), não houve uma sequer digna de menção honrosa, sequer e isto para se conservar *fiel á sua consciencia, e aos principios de justiça que adoptou*. Talvez que meus olhos vejam menos claro n'esta questão; mas confesso, que não posso inteiramente applicar a meus censores o preceito de Boileau:

«...solide et salulaire
Que la raison conduise, et le savoir éclaire.»

São medicos litterarios de quem descrei. Os motivos que apontei a isso me levaram, e só passado mais de 20 annos, ainda assim. Não me tenho por immodesto; proponderei mesmo para humilde; calo-me por via de regra, com meus desgostos; mas soffrer desprezos, beijando mãos por elles — não. Se é cortezania, declaro que repugna ao meu character.

Agora com o publico é outra coisa. A' sua generosidade, e ao zelo e intelligencia dos actores, devem minhas obras esse favor, demasiado talvez, com que têm sido honradas. Apraz-me confessal-o, que é justiça. A minha ingratição fôra villania. Isso nunca. Podesse eu fazer representar a *Inauguração*, que para logo o haveria realiado. Não que eu me vanglorie de obter em scena um exito seguro. Desejava, porém, e tenho-o hoje por dever, apellar do juizo dos homens para o juizo de Deus; do conselho dramatico para o publico. Mas isso demanda uns contos de réis que não tenho.

Desejo-os porém mais que nunca. Até me tornei, não digo aváro, mas cubiçoso. Já vou á loteria com mira no premio grande. D'antes, era eu contente, julgava-me feliz, de ter para umas honradas sopas, e uma saragoça...

COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — O GUARDA DO PASSEIO, aguarella de Roque Gameiro

A visita da Tunã de Coimbra à Santiago

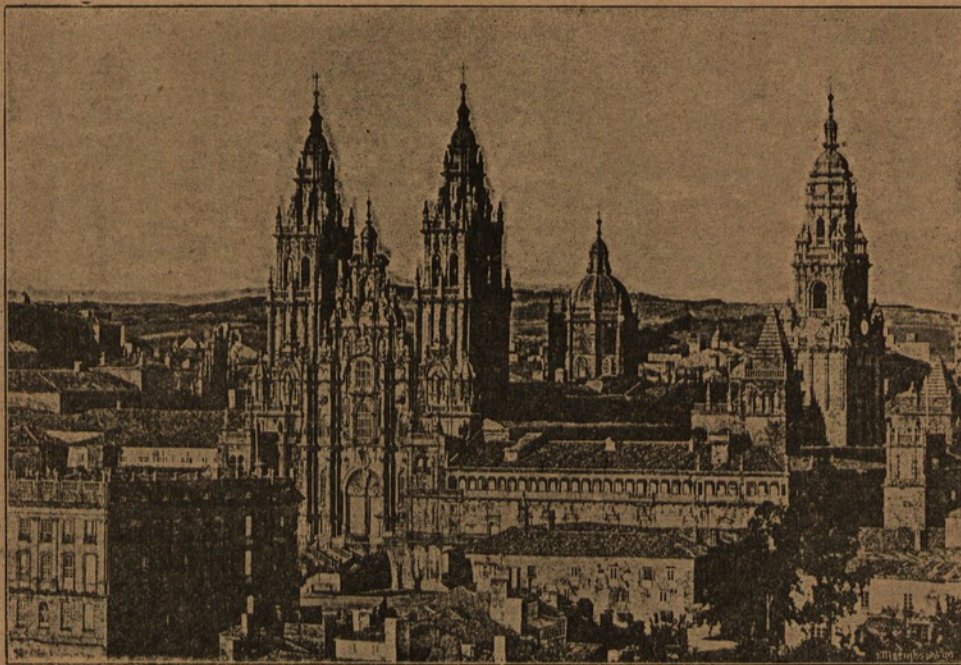
(NOTAS A LAPIS)

SANTIAGO

Não é uma cidade moderna, construída pelo figurino francez, decorada pretenciosamente com *chalets* ignobeis de papelão e torres de *biscuit*... Santiago ri da geometria e da moda: e é bella assim, na sua pittoresca e suggestiva phisionomia medieval; bella nas suas *calles* estreitas e tortuosas, de duros pavimentos lageados, casas e palacios edificados sobre amplas

tes sociedades de socorros mutuos e um Monte-Pio. Tem 153 ruas, 46 praças, algumas vastas e magestosas, 33 fontes publicas, 3 soberbos aqueductos de granito, magnificas casas e muitos palacios.

A população de Santiago, orça por 23:692 habitantes. Antigamente era senhorio dos arcebispos e cingia-a uma formidavel muralha onde se abriam numerosos *postigos*



S. THIAGO DE COMPOSTELLA — A basilica

arcadas, com os seus balcões salientes e envidraçados — praças irregulares e vetustos monumentos. Por sobre as altas torres dos seus monumentos magnificos e sumptuosos, verdadeiras maravilhas architectonicas que alli estão a afirmar, n'um brado, o genio de uma raça grande de artistas, passa ainda um sopro d'essa fé ardente e vigorosa que fez da Hespanha o paiz catholico por excellencia.

A fundação de Santiago data do descobrimento dos restos do Apostolo Santiago, em 835, aproximadamente, em um sepulchro de marmore encontrado na collina *del Libredon*. Esta collina, chamada no seculo IX *Logar Santo*, foi visitada por uns peregrinos que alli fundaram uma cidade, á qual deram o nome de *Compostella* — *Campo da estrella* — pois reza a lenda que uma estrella guiára os peregrinos, entre elles o monge Pelagio e o bispo de Iria, ao sepulchro do Apostolo.

Possue Compostella — segundo uma curiosa resenha que obsequiosamente me forneceu o meu cicerone — 46 templos, 72 capellas, 23 cupulas, 53 torres com 111 sinos, 3 relogios, 14 conventos, 8 cemiterios, 3 hospitaes, 11 fabricas de curtidos, Universidade, Instituto, Seminario Central, Escolas de Medicina, Pharmacia e Veterinaria, Collegio de Surdos-mudos e Cegos, Escola de Commercio, artes e officios e Sociedade Economica. Possui numerosissimas sociedades de recreio, *casinos*, entre os quaes se destaca, pelo luxo e magnificencia das suas installações e aristocratica sociedade que o frequenta, o *Casino de Caballeros*, á rua do *Bilhar*. Occupa um soberbo e formoso palacete. Possui ainda cinco florescen-

e oito grandes portas: *Taxeiras, Huertas, S. Francisco, S. Roque, Carmino, Mazarellas, Pena e Mamoá*.

MONUMENTOS

Descrevamos rapidamente alguns, segundo as notas que pudemos colher.

BASILICA

O viajante — sobretudo se é artista — queda, absorto e maravilhado, na contemplação d'essa immensa e soberba mole! A cathedral de Santiago occupa com as suas dependencias uma area de 9:500^m quadrados. Interiormente, mede de largura, entre as duas portas lateraes, 98,^m64. E' de estylo, romanico-bysantino seculo XI. A vista perde-se na extensão das suas naves magestosas, mergulhadas em silencio e em sombra... Não nos atrevemos a contar as formidaveis columnas em que assentam as altas abobadas. Uma maravilha e um deslumbramento! O claustro, gothico, occupa uma area de 44,^m69, e durou a sua construcção 59 annos. São de notar os orgãos de 60 e 64 registos; o relicario e o pantheon dos reis onde se guarda a cruz de Alonso III, a preciosa custodia de Arfe, estatuas riquissimas, livros manuscritos, joias de inestimavel valor; o archivo com immensa riqueza historico-diplomatica, a sala capitular, verdadeira maravilha, guarnecida de riquissimos pannos, Goyas preciosissimas, damascos, alfaias em que as scintillações do ouro e das pedras preciosas e as polychromas abundancias do matiz estonteiam e cegam!

Tomadas precipitadamente, confusamente, as nossas notas são incompletas: dão escassa ideia da grandeza, sumptuosidade, magnificência d'essa vasta e magestosa fabrica! Esquecia-me falar de um thuribulo monstro de prata (*bota-fumeiro*) que todos os annos, por occasião da festa do Apostolo, é suspenso de uma forte corrente de ferro dourado, que desce da cupula central, e, movido por um mecanismo apropriado e poderoso, derrama as suas nuvens de incenso e perfumes por toda a immensa Basilica... Maravilhoso!

O pessoal da Basilica constava em 1849 de um arcebispo, 20 dignidades com 7 cardeaes, 47 conegos, 6 musicos, 20 capellães maiores, 41 menores, 24 confesores, e muitos guardiões, sineiros, acolitos, sacristães, meninos de côro, pedreiros, carpinteiros, etc., etc., dispondo de 164,500 reales para o culto, 49,374 de offerendas regias e 14,000 para conservação e reparação de tão magnifica Basilica.

— *Portico da Gloria* (seculo XII). — A construcção d'este portico durou 20 annos! E' considerada esta obra como o primeiro monumento iconographico do mundo e deve-se á piedade do rei Fernando II de Leão, que outorgou e concedeu á Basilica de S. Thiago o privilegio de cunhar moeda. (Que conegos felizes!...) O arco central representa a *Gloria*, e os lateraes o *Purgatorio*, o *Limbo* e o *Inferno*. O Salvador, de tamanho natural, vê se rodeado pelos evangelistas, oito anjos com os symbolos da paixão, 42 bemaventurados com pergaminhos, anjos com thuribulos e os 42 anciãos do Apocalypse tangendo diversos instrumentos. Figuras symbolicas no *Purgatorio*, no *Limbo* e no *Inferno*. Nos capiteis vê-se Jesus tentado por Satanaz, o castigo do blasphemo, o Padre Eterno e outras figuras; encostando ás columnas, as estatuas de Moysés, Isaias, Daniel, Jeremias, Baruch, Ezequiel, Joel, Amós, Ozéas, Judith, Esther, Judá, Micheas, Jonas e os Apostolos. Esta noticia é incompleta. Impossivel descrever nas suas minuciosidades e maravilhas, esse assombroso, esse monumental *Portico da Gloria!*

— *Fachada principal del Obradorio* (seculo XVIII). Pela gravura se poderá avaliar a bella e magestosa fachada occidental da Basilica. Ha n'ella um baixo relevo representando a batalha de Clavijo. As quatro grandes portas d'esta fachada são de cedro, adornadas de grandes cravos, chapas e aldavras de bronze; estão sempre fechadas, abrindo-se apenas para dar passagem aos reis na sua visita á Basilica, grandes personagens ou municipio da cidade. A' direita d'esta fachada correm os edificios do claustro, sala capitular, a que já nos referimos, carpintaria, etc.; e á esquerda estende-se o vasto e sumptuoso paço episcopal.

— *Torre da Trindade ou do Relogio* (seculo XVII). Serviu primitivamente de fortaleza. Deve-se o elegante e actual traçado ao famoso architecto gallego, Domingos de Andrade. O sino grande (*o sino das horas*) mede de altura 1^m,90 por 2^m,57 de diametro. Foi construido o mecanismo do relógio — monstro! — em Ferrol, por D. André Autelo, achando-se encerrado em uma enorme sala envidraçada. Sobre a machina admira-se uma formosa estatuza equestre de Santiago e lêem-se as seguintes inscrições: «*Gastada por la vejez la primera máquina del reloj, hizo á sus espensas esta nueva Rafael de Velez, Arzobispo de Santiago, año 183*». «*Asi como esta máquina escapa y precipita las horas con sus continuos y arreglados movimientos, á l mismo modo los tiempos trascurrentes y decáe la vida de los hombres hasta que la inexorable Parca la corta con su gadaña. Aprended, mortales, á arreglar vuestras costumbres, á fin de que el último dia no os engañe cogiendo-os desprevenidos*».

Impõem-se ainda á admiração do visitante, n'esta grandiosa Basilica, a *Porta Santa* (seculo X e XVIII), a fachada meridional das *Platerias* (seculo XI) e a da *Azabacheria* (seculo XVII).

PALACIO CONSISTORIAL (seculo XVIII)

E' um dos mais bellos monumentos de Santiago. Este magestoso e vasto edificio (greco-romano), foi primitivamente destinado a seminario de confesores. Na fachada do corpo central avulta um notavel trabalho em alto relevo representando a batalha de Clavijo. A estatuza equestre do Apostolo domina magestosamente todo o edificio,

¹ «D'elle parece ter arrançaço Dante o seu grande poema!» diz um escriptor local.

que é occupado, em parte pelo *Ayuntamiento* e em parte pelo *Cabido*; e ainda nos baixos (subterraneos) se acham installadas as cadeias civis.

COLLEGIO DE S. JERONYMO (seculo XVI)

Fica situado na mais vasta e magestosa praça de Santiago, onde avultam outros 3 grandes monumentos: o *Hospital dos Reis Catholicos*, a *Fachada Principal da Basilica* e o *Palacio Consistorial*. Alguem notou já uma curiosa circumstancia e disse: que achando se a *Audiencia* estabelecida no *Consistorio*, se achava a *Justiça* em frente da *Religião* e a *Caridade* em frente da *Sciencia*. O Collegio de S. Jeronymo, fundado para prodigalisar estudo gratuito a 24 rapazes pobres da Galliza, é actualmente occupado pelas escolas *Normal de adultos* e *Superior de maestros*.

UNIVERSIDADE

Andava o edificio em obras e foi rapida a nossa visita. A Universidade de Santiago occupa uma extensão de 3:240 pés. Merecem as atencões do visitante: a bibliotheca com 40:000 volumes, a collecção de manuscritos entre os quaes ha uma biblia do seculo X e o livro de reza de Fernando 1.^o de Castella; a sala dos Actos, a galeria de retratos de gallegos illustres; os gabinetes de Mineralogia, Zoologia e Fisica; os observatorios astronomico e meteorologico; o anemometro, o laboratorio de chimica, e ainda a magnifica collecção de archeologia. No salão da Bibliotheca está guardada a bandeira do heroico batalhão litterario de 1808.

OUTROS MONUMENTOS

Podem ainda citar-se: *O hospital dos reis catholicos*, edificio de amplas dimensões e de caprichosa architectura — seculo XVI; *O mosteiro de S. Martinho* (seculo XVIII), cuja apparencia soberba inculca mais um palacio real que um asylo de monges; a igreja do mesmo nome, onde se venera, n'um altar de prata de 44 arrobas de peso, a rica imagem do Apostolo, patrono das Hespanhas; a *Fonte de Cervantes*, gracioso monumento erguido na praça *del Campo* e os jardins da *Alameda*, d'onde se gozam encantadores trechos de paizagem alegre e uma formosissima vista da cidade.

A EXCURSÃO

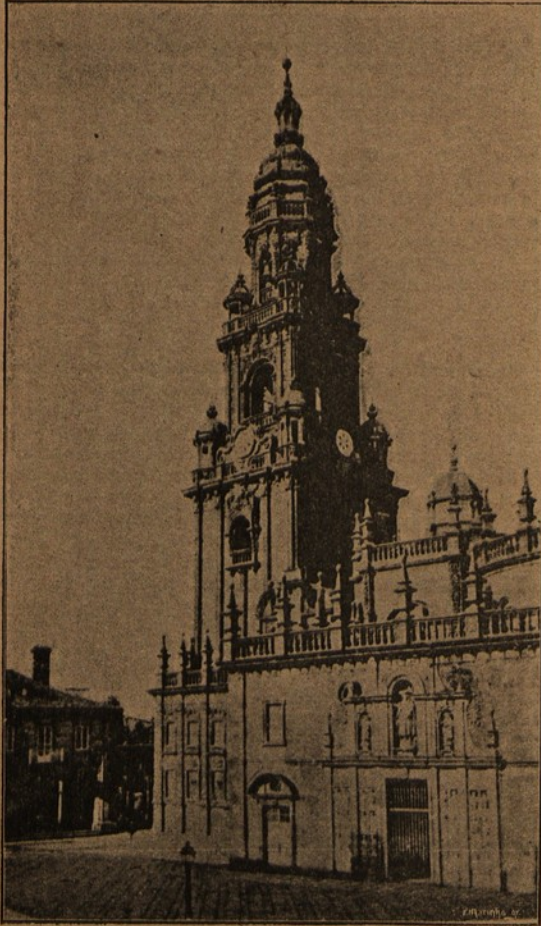
La vie est un voyage.
Tâchons de l'embellir:
Jetons sur son passage
Les roses du plaisir.

Notas incompletas, truncadas, lançadas rapidamente a lapis nas folhas de uma velha carteira, com absoluta despreoccupação litteraria (quando é que pensamos em abrir a estranhos as paginas intimas d'este *Diario*, thesouro amado de recordações?...) — assim offerecemos ao leitor benevolo e amavel que nos lê. Valem mais assim: sentidas e palpitantes de verdade na sua fórmula incorrecta, intima, laconica; no alvoroço e precipitação com que foram escriptas. Em nada as alteramos, ampliando-as apenas, aqui e além, com informes e pormenores que depois colhemos e extrahimos de jornaes locais.

— Dia 18, sexta feira. Partida de Coimbra. — Lanço as primeiras e rapidas notas no meu *Diario*, depois de um dia de commoções deliciosas! Estamos em Pontevedra, onde pernoitaremos. — Vianna, Caminha, Cerveira, Valença... — na travessia d'esse ridente e formosissimo Minho — vieram ás *gares* saudar-nos gentilmente. A primeira paragem, ou melhor o primeiro *bivouque* que fizemos, foi em Valença, onde devorámos (é o termo) um opiparo e lauto almoço, regado de magnifica pinga! Só o *Voche*, á sua conta, esvasiou, sugou com volupia, qual vampiro, o rico e precioso sangue (*verde legitimo* e fresquinho...) de um nutrido e obeso garrafão! — *Que delicioso! rapações! Espuma como champagne... Que delicioso!*... Era tão bom, soube-lhe tão bem, que até deu um viva ao... rei! (O *Voche* é republicano assanhado...) — As damas de Cerveira esperavam-nos na *gare* em formosos trajos de campo; as de Valença foram para com-nosco d'uma amabilidade requintada e penhorante, offerecendo-nos lindos *bouquets* e acompanhando-nos até

Tuy. Aqui esperavam-nos bellas e graciosas *señoritas* e toda uma multidão alegre e buliçosa que nos aclamou com saudações carinhosas e vivas entusiasticos. Na curta demora que alli tivemos, a tuna executou, primorosamente, colhendo fartos applausos e recebendo formosos *bouquets*, alguns numeros de musica hespanhola. — E' tarde. Macieira, seguido de ruidosa companhia, desce a escada do hotel, cantando o fado Hylario... A guitarra do Girão trina, apaixonada e nervosa... Dirigem-se para os cafés — magnificos e sumptuosos, como só em Hespanha se veêm. Fechamos a carteira. Vou com elles.

— Dia 19, sabbado, Pontevedra. — A cidade é formosissima. Visitei alguns dos seus mais bellos monumentos:



TORRE DEL RELOJ

Paço Consistorial, um edificio de magestosa apparencia e de riquissimas installações interiores, sito no extremo sul da *avenida Monte Rios*: a *Ruina de S. Domingos*, formosa reliquia d'arte gothica; o *Ayuntamiento*; a *Torre Peregrina*, um encanto, *bijou* d'arte que appetee roubar e esconder na mala, entre os lenços... — A população de Pontevedra tem-nos dispensado as mais captivantes attentões, e aguarda o nosso regresso de Santiago para nos obsequiar com festas e carinhosa hospitalidade. — Vamos partir (11 de maio). Seguimos em carros — diligencias enormes, cobertas de toldos d'oleado, *ripperts* — até Villa Garcia, onde tomaremos o caminho de ferro de Santiago. Das varandas e janellas, apinhadas de formosas *senoritas*, chovem flôres; finas mãos d'alabastro agitam *pañuelos* de renda... E ouve-se gritar: — *Vivan los tunos!*

— Adeus, *señoritas!*

— *Hasta la vuelta!*...

— Villa Garcia, 3 da tarde. — Uma villa *mignonne* e en-

cantadora! correm velas brancas na ampla e azulada bacia em que a formosa povoação hespanhola se mira desvanecida... Se é tão linda! Appetee-me ficar aqui, adormecer, sonhar sob este ceu calmo e dourado, n'este ambiente perfumado e languido... Somos obrigados a descer dos carros: a multidão acolhe-nos com sympathia carinhosa. Nas salas do *Casino Gorcia* é-nos offerecido um magnifico copo d'agua, trocando-se brindes e saudações amigas. Fica combinado um sarau á volta.

— Compostella, 6 horas da tarde. — Santiago, Santiago! Chegámos finalmente! Impossivel gravar com fidelidade as impressões d'esta recepção magnifica e triumphal! A velha e historica Santiago está em festa: vibram as acclamações festivas, mil bocas que se abrem para gritar: *Bienvenidos!* Soam as as fanfarras, repicam nas altas e robustas torres os sinos formidaveis. Dir-se-hia que a cidade recebe luzida côrte, em vez de um punhado de bohemios... O povo em massa presencía a chegada da Tuna a Compostella. A direcção recebe na *gare* os cumprimentos do *Ayuntamiento*, delegações do corpo cathedratico e escolar, milicia, Sociedade Economica, Atheneu Leão XIII, Camara do Commercio, Casino, Recreio Artístico, Circulo Mercantil, Litle Club, Imprensa e muitas outras corporações e sociedades. — Casas adornadas com magnificas colgaduras, bandeiras, balões venezianos; nos balcões de muitas ardem lindos fogos de bengala. Das janellas, as formosas santiaguezas lançam-nos flores, cartões com versos formosos laços com inscripções. Precedem nos tresbandas: a municipal, a de caçadores e a banda infantil. — Oito horas. — A recepção official no theatro, ampla e magestosa sala, decorada com magnificencia, deixou em nós todos funda impressão, excedendo tudo quanto esperavamos! Agurdaram a nossa chegada, no palco, o *tenente alcalde*, sr. D. Casimiro Torre, que tinha á sua direita o commandante militar sr. D. Castro e o sr. Nacher, e á esquerda o sr. Brañas, cathedratico de Direito, Rivas e Dúa Caran. Brilhantes os discursos pronunciados pelo *alcalde*, dando as boas vindas aos estudantes portuguezes em nome da cidade, que representava, e sr. Brañas, delegado do corpo cathedratico, cuja palavra erudita e eloquente arrancou applausos freneticos, ruidosas e prolongadas salvas de palmas. «Sob o pretexto de uma excursão alegre de carnaval, disse elle — a vossa visita é em rigor uma embaixada official que a velha Universidade de Coimbra envia á velha Universidade de Compostella; e as gloriosas tradições universitarias resurgem hoje aqui ao som das vossas bandurras e guitarras, ao éco dos vossos cantares e ao côro de vivas e applausos com que vos recebem os vossos collegas compostellanos». Falarão ainda os srs. D. Aguilar, em nome da Sociedade Economica, Búa Caran, presidente da comissão escolar compostellana e Egas Moniz, que pronunciou um discurso brilhantissimo, agradecendo tão carinhosa e fidalga recepção. Alberto Rego falou tambem em nome da Associação Academica de Coimbra.

Parentthesis. — Toca a campainha para o jantar. Suspendo os meus apontamentos. O Marques, baboso, vem dizer-me que no hotel ha boas creadas, pequenas de arregalar o olho, travessas, desenvoltas, dizendo com infinita graça maliciosa: — *Muy guapos los portugueses!*...

— Santiago, dia 20, segunda feira. — Vejo-me na necessidade de reunir as minhas notas. Ha tanto que apontar! Hontem, dia da nossa chegada, tivemos um esplendido baile no theatro. As impressões que essa primeira noite gravou no espirito e no coração de todos, não ha palavras que possam traduzil-as! Os leques rendilhados, os *pañuelos* brancos e perfumados... que de segredos deliciosos, que de adoráveis confidencias não abafaram! Estas encantadoras mulheres amam-nos a valer! Por mim declaro que as amo a todas, e que penso em naturalisar-me cidadão hespanhol e fixar residencia em Santiago, patria das mulheres espirituosas e lindas! — *Tarde* — Vae um bulicio desusado pelas *calles* — uma animação doida! Arrojamnos com as nossas capas aos balcões: as formosas santiaguezas prendem-lhes bellos e ricos laços, camelias e *bouquets* de violetas... e assim nos devolvem os *mantéos*. Na rua Bilhar, principalmente, é extraordinaria a animação, confluindo alli ranchos de tunos, attrahidos pela formosura peregrina das *señoritas* que guarnecem as janellas e que despejam sobre nós *corbilles* de flôres e confeitos. A tuna fez hoje algumas visitas officiaes. A' noite é-nos offerecido um baile de

honra no *Casino*. (As demais associações franqueiam-nos também as suas salas). E vivam as *señoritas*!

— Santiago, dia 21, segunda feira.—Foi uma festa magnífica o baile do *Casino*, hontem. Ao amplo vestibulo do edificio, decorado com magnificas plantas de estufa, trophéus, insignias e emblemas academicos, grinaldas de flores, etc., e profusamente illuminado a gaz acetilene, veiu a direcção receber-nos (11 horas). Fez a apresentação da Tuna o illustre cathedratico de medicina D. Francisco Piñeiro. Impossivel descrever o aspecto, que o salão — immenso e de decorações luxuosissimas — offercia á vista maravilhada! Dançou-se animadamente, com

as capas, tramar estas festas de luz e amor! Será verdade? Das vossas flôres vou tecer uma mortalha para o meu coração. *Señoritas*: lançae-me flôres! — Na pacificação suave e calma das almas que soffreram e se resignaram, a minha mocidade é silenciosa e raro vibra; mas dos vossos olhos negros cahiu a bemdita luz que a aquece n'esta hora: essa pobre mocidade despertou—e sente-se abrazada em fogo, suffocada em hemoptyses de seiva! — Romeiros do Sonho, caravana de trovadores e de poetas, abrimos tenda aqui, n'esta Jerusalem encantada! Vinde, senhoras, escutar as nossas guitarras dolentes: trazem na alma languida e sonhadora da nossa mocidade, a musica dos nossos ceus azues e gorgeados, melancholica do nosso Mondego, rio sagrado, Jordão em cujas aguas santas as nossas almas se baptizam!...



FACHADA PRINCIPAL DEL OBRADORO

verdadeiro *entrain*, até ás 4 horas da manhã. Serviço de primeira ordem. Foi em verdade uma festa esplendida que deixou em todos as mais gratas impressões.

A animação, hoje, longe de esfriar recrudescer. A tuna percorre as ruas, sob uma chuva de flôres. Saudações delirantes. E' esperada na redacção do *Eco de Santiago* e nas salas do *Casino Artístico*. A' noite realisa-se o primeiro sarau, havendo em seguida bailes no *Centro Mercantil*, *Recreio Artístico* e *Theatro*.

Meia noite.—Terminou o sarau. A Tuna executou primorosamente todos os numeros do seu programma. As comédias agradaram immenso. Proferiram discursos Egas Moniz e Cid. (Tambem deita fala...). Claudio e Veridiano recitaram primorosos versos. Casa litteralmente cheia.

— Santiago, dia 22, terça feira. — Dedico-vos hoje, *señoritas*, uma pagina do meu *Diario*. E' um preito de gratidão que devo ás vossas gentilezas penhorantes. — Eu desconho que em vossos peitos andam escondidos os corações das nossas irmãs e das nossas namoradas, que viessem, disfarçados, comnosco, occultos nas dobras das nos-

.....
.....
— Santiago, dia 24, quinta feira.—Chove. Hoje é o dia da nossa partida... — Façamos rapidamente a chronica de terça e quarta feira.— O dia de terça feira foi quasi exclusivamente consagrado á visita de monumentos. Muitos tunos foram bizarramente recebidos em casas particulares. Pelas *calles* a animação louca dos dias anteriores, jogando-se o carnaval com confeitos. A' noite teve lugar no Atheneu Leão XIII uma sessão solemne dedicada aos tunos. Presidiram os cathedraticos *Brañas* e *Salvador Leão* e o commandante da guarda civil. Egas Moniz pronunciou um bello discurso, sendo-lhe offerrecido o diploma de socio honorario. A' Tuna foi offerrecida uma corôa riquissima. Tivemos em seguida bailes no *Casino* e *Recreio Artístico*. — Quarta feira. — *Matinée* no *Casino*, fazendo-se ouvir o *sextetto* da Tuna. A' noite, segundo e ultimo sarau, concorrido e brilhante como o primeiro.

1 hora da tarde.— Terminou o banquete de despedida offerrecido á Tuna pela commissão escolar compostellana. (Presentes: cathedraticos, falando o Dr. Gil Carores, *alcalde*, que tambem pronunciou um bello discurso, imprensa, delegados das differentes associações, commandante militar, commissão escolar compostellana, representantes do *Casino* e mais associações. Brindes affectuosissimos. Falaram Egas, Macieira, Motta. — E não me lembrava que tinhamos de partir! E' verdade, vamo-nos embora d'aqui a pouco... Como olvidar estes dias passados aqui, no convívio doce e carinhoso de amigos bons e hospitaleiros? Nenhum de nós pôde occultar a commoção que o domina. Ha lagrimas em muitos olhos, luto em todas as almas. Levamos saudades de tudo e de todos, de vós principalmente, formosas santiaguezas! — Adeus, pois, Compostella! Não esqueceremos nunca — nunca! — a tua boa, generosa e fidalga população; as gentilezas penhorantes e immerecidas com que fomos distinguidos pelo respeitavel e sabio corpo cathedratico, corpo escolar ou sejam os nossos queridos irmãos compostellanos, povo, sempre carinhoso e sempre affavel, imprensa, e distinctas sociedades que, n'uma affirmacão bizarra de espirito fidalgo e sentimento hospitaleiro, nos franquearam as suas salas, proporcionando-nos assim gratissimos momentos de convívio inolvidavel com lindas e espirituosas mulheres — as *señoritas* santiaguezas. E para estas, beijando as medalhas que nos deram, que levamos ao peito e que guardaremos como preciosa e sagrada recordação, o ultimo e saudoso *adeus* das nossas almas!...

.....
.....
— Vianna do Castello, sabbado 26. — Abro pela primeira vez o meu *Diario*, depois que sahimos de Compostella. Vou lançar n'elle as ultimas notas. — Em Villa Garcia fomos esplendidamente recebidos no *Ayuntamiento* pelo sr. *Alcalde*, que nos obsequiou com magnificos charutos e magnifico Champagne. Passou-se bem a noite, n'aquella formosa villa: sarau no pequenino e bonito *theatro* e depois baile, no *Casino*. Logo vi que Villa Garcia não podia deixar de ter mulheres bonitas: exemplo, as *señoritas* que povoavam as salas do *Casino*. — Em Pontevedra, onde chegámos no dia 25 á tarde,

fomos estrondosamente recebidos — estrondosa e solememente, esperando-nos tambem o sr. *alcalde* na sala nobre do *Ayuntamiento* com esplendido serviço de fina pasteleria e magnificos vinhos. O sarau, no theatro, correu admiravelmente, seguindo-se-lhe um grande baile no *Casino* que terminou quando, alta madrugada, vieram prevenir da estação que o comboio nos esperava...

Recebidos gentilmente pelas damas de Vianna, aca-

demia e povo. Hoje realisa-se o concerto no theatro, devendo a tuna retirar amanhã — domingo, 27 — para Coimbra. Leva 4 enormes e formosissimas corôas, uma lyra riquissima de prata e muitos *bouquets*. — E fecho com o teu nome — M... — o meu *Diario*.

Fevereiro — 98.

ADOLPHO MOTTA.

THEATROS

D. MARIA : AJUSTE DE CONTAS, *comedia em 4 actos, do sr. Lino d'Assumpção.* — COLYSEU DOS RECREIOS : COMPANHIA INFANTIL DE ZARZUELA.

Peça em que o auctor quiz expôr uma these social bastante debatida, a lucta entre o capital e o trabalho, este *Ajuste de Contas* não é, afinal, senão um pallido esboço da idéa primaria. Fracos os desenhos dos personagens, mal accentuados e com pouca vida, falham por completo ao seu fim. Claro que a idéa era boa quando a realisação a acompanhasse. Não teve o sr. Lino d'Assumpção folego para tanto; e, se não fosse, por vezes, aqui e alli, uma phrase bem cabida e bem soante, a peça não passaria da primeira noite, por monotona e falha de verdade.

Eu bem sei que a verdade no theatro é uma verdade, a mór parte das vezes, de convenção. Ninguém alli fala como se fala cá fóra. Por exemplo, um pae, no logar do Amaro Guimarães, insultado pelo filho na sua honra e no seu brio, embora patife consciente, não estaria com declamações balofas, e poria esse filho, com dois pontapés, fóra da porta. Além d'isso, falta á peça a sequencia logica, uma efabulação precisa e assente; andam os personagens aos tombos, como empurrados; e como não tenham ponto de apoio, seguro bastante, cahem desamparados na banalidade do dito com dois sentidos, ou então na *trada* emphatica e comesinha.

Que eu lhes conte, como puder e souber, o que a peça é.

O industrial Amaro Guimarães é um homem secco e rispido, apegado unicamente ao lucro e realisando todas as suas operações apenas com o cerebro, porque, em negocios, onde entra o coração, como elle proprio diz, é desastre certo. A' roda d'este personagem egoista e frio que, para amontoar fortuna, manchou as suas mãos em sangue, levando ao suicidio um operario dedicado que deshonrara, seduzindo-lhe a mulher, movem-se o guarda-livros, calculista e maroto, a quem todas as armas servem para conseguir a realisação do casamento de seu filho com Maria, filha clandestina de Amaro e da mulher do operario suicida; o filho de Amaro, tenente de marinha, rapaz de brios com o fogo da mocidade generosa impellido-o para todos os altruismos, um criado que escreve artigos incendiarios e conspira contra os patrões porque elles representam sempre a oppressão e um marinheiro, impedido do tenente, alma dedicada e rude de franqueza.

Taes os personagens. A efabulação, se m'a pedirem, não a saberei dizer. Operarios em *grève* que reclamam augmento de salario, diminuição de horas de trabalho e futuro para a inhabilitação e para a velhice; reluctancia de Amaro Guimarães em acceder áquelle pedido, que o tenente e Maria acham justo, como dois corações moços e generosos que são. Em volta d'este pequeno *esquisso* de lucta social, a que falta a nota forte de combate, desenvolve-se um dramasinho de familia. Amaro de combinação com o Marques, guarda-livros, decide casar Maria com o filho d'este, um estroina que passa as noites no jogo e na crapula e a quem o pae encobre as faltas, fazendo crêr que os cabellos brancos que elle tem proveem das longas horas que elle passa debruçado sobre os livros da fabrica e não da orgia desenfreada a que o vicio o arrasta. Para isso promete a Maria um dote de 30 contos. Mas como o filho de Amaro ama Maria, convida-a a reagir contra a vontade do seu protector e a negar o seu consentimento áquelle enlace; e em conversa com o filho do guarda-livros dissuade-o d'aquelle passo, pro-

mettendo-lhe da sua legitima materna o dinheiro preciso para se estabelecer. Não contam, porém, com a inabalavel resolução de Amaro e com a rispidez do Marques. Sabedor dos sentimentos do filho para com Maria, Amaro decide-se a confessar áquelle a verdade. Maria é sua irmã! Não pôde portanto casar com ella. Mas como o tenente conhece a vida desregrada do filho do guarda-livros, recusa-se terminantemente a consentir no casamento de sua irmã com aquelle debochado. E o pae annúe.

O Marques recalcitra e promete descobrir as maroteias do industrial se elle voltar com a sua palavra atraz. No final, nada d'isto é preciso, porque o estroina, filho do guarda-livros, n'um momento de generosidade, rasga o papel comprometedor para o Amaro e devolve a Maria a sua liberdade. Esta retira-se para um convento e o tenente parte para a Africa, a combater os pretos.

Muito por alto, faltando-lhe accessorios que preencham este esqueleto, *tant bien que mal*, ahí está o enredo do *Ajuste de contas*. Isto foi a minha impressão pessoal da peça, que acho má para o theatro normal. Não nego, porém, ao sr. Lino d'Assumpção, que não tenho a honra de conhecer, certas aptidões e facilidade para fazer theatro. Mas n'esta peça, ha-de perdoar-me que lhe diga, não foi nada feliz.

Brazão e João Rosa fizeram os principaes papeis. O primeiro encarnou perfeitamente o de Amaro Guimarães; tem gestos sacudidos e sobrios que definem bem o personagem.

João Rosa, sempre correcto e cheio de naturalidade, magnificamente no papel de Marques, guarda livros.

De resto, a peça não ajuda a fazer brilhar todo o talento dos dois illustres actores que, com Augusto Rosa, formam o triangulo luminoso da arte dramatica em Portugal.

Dos outros artistas especialisarei Alves, que se tem feito um bom actor e que, continuando a estudar, guarda futuro. Vae muito bem no papel de filho do guarda-livros.

Luiz Pinto anda com os braços muito pegados ás pernas; falta-lhe agilidade de movimentos e firmeza no pisar da scena. Além d'isso, pouco vehemente nas situações mais vivas.

Laura Cruz pende um pouco para os mesmos defeitos de Luiz Pinto. No entanto leva a cabo o seu papel sem deoat do conjunto.

Os outros actores, bem, nos seus pequenos papeis.

— A companhia infantil de zarzuela, que tem trabalho no Colyseu dos Recreios, é uma das melhores que têm vindo a Portugal, e não tem nada a recejar de confrontos com outras companhias de zarzuela, de primeira ordem que sejam. Chega a parecer impossivel como se pôde conseguir tanto de tão pequeninos actores: excellentes vozes, jogo de scena magnifico, segurança e naturalidade em scena, tudo isto tem os minusculos artistas que D. Juan Bosch, com uma grande paciencia e um grande talento ensinou, e nos trouxe agora a Lisboa.

De 4 a 12 annos! E tudo isto gira no palco com a mesma semcerimonia como se estivessem em sua casa, a sós, sem a presença de centenas de pessoas, que lhes remiram os movimentos e lhes poderiam notar os defeitos, se os tivessem.

E tudo isto canta, n'uma afinação admiravel, com rythmo e alma!

Pequenitos: um beijo em cada um, e uma braçada de flôres sobre todos.

JOSÉ SARMENTO.

A MUSICA EM LISBOA



Os concertos classicos, de caracter historico, dados pelo pianista Rey Collaço
(Apontamentos do natural, por Jorge Collaço)

A MORTE DO CEGO

I



OS OS jornaes de ha dez annos narraram circumstanciadamente o terrivel accidente de que foi victima o chimico Sauval, que, quando estava fazendo uma experiencia, fôra atingido em pleno rosto por uma explosão, no seu laboratorio. Esteve á morte; mas os cuidados da sciencia salvaram-lhe a vida, sem comtudo lhe poderem restituir a vista. Ficou cego.

Sauval não tinha mais de quarenta annos. Tinha casado mezes antes do accidente. A senhora Sauval, muito nova e filha de um commerciante re-

mediado, tinha-se julgado muito feliz em se unir a Sauval que, já celebre e riquissimo, lhe assegurava uma brilhante existencia.

A desgraça acontecida a seu marido não tinha podido extinguir o affecto que ella lhe consagrava; foi para elle cheia de atenções, rodeiou-o de uma affectuosa vigilancia e nunca mais o abandonou, de modo que Sauval supportou com resignação o seu martyrio.

— Sou feliz, dizia elle á mulher, porque tu ainda me amas.

— E porque não te amaria? respondia a sr.^a Sauval. Não é a ti que devo a fortuna? E quando me é permitido provar-te o meu reconhecimento, não é meu dever fazel-o?

— Não fallemos de reconhecimento, respondia Sauval. E' só o teu amor que eu quero!

E quando se exprimia assim, o cego parecia feliz. Tomava nas suas as mãos da sr.^a Sauval e parecia que uma infinita alegria o invadia. Mas o olhar era fixo, o olhar, sem o qual se não reflecte nenhuma das sensações da alma.

Os seus olhos não eram senão dois buracos vasioes, onde já nada vivia.

No emtanto, pouco a pouco, o desgraçado acostumou-se á sua nova existencia. Recuperou um pouco da sua antiga alegria. E como era bom, não quiz que a mulher se sacrificasse inteiramente por elle: obrigou-a a continuar as suas relações mundanas, a recreiar-se, como no passado, nos bailes e no theatro e a receber em sua casa, ajudada por sua mãe.

A sr.^a Sauval, ficando solitaria junto do marido, dedicando-se inteiramente a elle, renunciando aos seus antigos prazeres, teria cessado de ser a esposa fiel? Não se poderia dizer. Mas voltando á vida de prazeres e de festas, caminhou fatalmente ao encontro do perigo.

Um moço official, o sr. de Bryon-Kérandal, que a tinha conhecido antes do casamento, tornou a vê-la na sociedade. Outr'ora, tinha-lhe feito a côrte; e como não ignorava a desgraça de que Sauval tinha sido victima, pensou que a bella mulher do chimico, agora que tinha um marido cego, seria uma conquista facil.

Tornou-se pois um dos familiares do salão da sr.^a Sauval. Esta não fez nada para o afastar. Consentiu, além d'isso, em o receber nos dias em que não tinha visitas. Evitava até que o official se mostrasse de mais diante das outras visitas habituaes, porque o queria ter para si só.

Agora, descurava de todo o marido. Já o não via senão ás horas das comidas e apenas trocava com elle rapidas phrases. O seu amor occupava-a, dominava-a completamente.

Sauval não teria suspeitado alguma coisa? Caso é que uma ruga dolorosa se cavava na sua frente e cada dia um sulco mais fundo apparecia, ao longo das faces, do copioso pranto que chorava. Oh! aquelles olhos apagados, aquelles olhos de cego que choravam! Quem o vis-

se teria tido por elle uma profunda compaixão. Que dilacerante espectáculo aquelle soffrimento silencioso!

Porque Sauval soffria horivelmente.

As dôres physicas, quando a explosão o tinha ferido, não eram nada comparadas com as torturas que lhe causavam aquelle abandono! Comprehendia bem que a mulher se afastava d'elle e a cada momento se arrependia amargamente de a ter empurrado para as distracções. Mas, na sua altivez, recalrava toda a sua amargura e quando se julgava só, no seu quarto, deixava cair copiosamente o pranto.

II

Tinha ouvido fallar muito do sr. de Bryon-Kérandal. O moço official ia a cada passo a sua casa. Mas nenhuma suspeita tinha assaltado Sauval; julgava sua mulher indifferente; não a julgava infiel.

Um dia, tendo-se levantado da sua cadeira, emquanto ás apalpadellas sahia do seu gabinete, onde um dos seus antigos discipulos, de quem fizera seu secretario, lhe fazia a leitura, teve a ideia de ir ter com a mulher ao quarto.

N'essa manhã, á meza, ella mal lhe tinha fallado e Sauval tinha ficado afflictissimo. Tinha tenção de interrogar sua mulher, de saber se aquelle mutismo dependia de algum desgosto particular, e de desculpar-se, o desgraçado, da triste vida que lhe fazia passar.

Tinha aberto a porta e avançava, chamando:

— Luiza! Luiza! onde estás?

A sr.^a Sauval estava sentada junto do sr. de Bryon-Kérandal.

Surprehendida, cheia de terror, ergueu-se; e, contendo a respiração, pôz a sua mão na bocca do moço official, estremecendo á ideia de que o cego surprehendesse a sua respiração.

Sauval deu alguns passos no quarto repetindo:

— Luiza!

E continuou a andar pelo quarto, renovando o seu appello, tateando por toda a parte.

De repente, parou.



Surprehendida, cheia de terror...

Sobre um movel, a sua mão tinha encontrado um objecto. A sr.^a Sauval, como petrificada na attitude do espanto, olhava para elle... Era o bonnet do sr. de Bryon-Kérandal, que o cego tinha na mão e que examinava, tateando-o por todos os lados.

Isto não tinha durado muitos segundos. Em Sauval,

como um relampago, a verdade tinha-se feito. Atirou o bonnet fóra. Depois, em voz baixa :

— Sr. de Bryon-Kérandal, ouve-me, não é verdade ? Pois bem ! E' um cobarde !... Sim, um cobarde, porque trazendo a deshonra a minha casa, sabia que eu o não podia castigar.

O moço official, de pé, ferido pelo insulto, ia para fallar. A sr.^a Sauval conteve-o, supplicando. E nada era tão tragico como aquelles dois seres que a angustia invadia, diante d'aquelle cego que, com a mão estendida, parecia o deus da maldição.

III

Não me recordo qual é o escriptor que, n'um romance pathetico, narrou o suicidio de uma rapariguinha cega. Seduzida, tinha sido abandonada. Depois não quiz sobreviver á sua vergonha.

E quando tudo estava em silencio na casa de seu pae, comprehendeu que a hora era propicia ao seu desígnio. Demorando-se, temia ser surpreendida. Como conhecia bem a casa, desceu, abriu devagarinho a porta e dirigiu-se para a praia proxima, onde a tinham levado muita vez a passeiar.

E o auctor descreve assim a scena :

«Correu a principio muito ; depois caminhou mais lentamente. A saude, para ella, a liberdade, a paz, estavam no fundo do mar. Um rumor de passos teria sido sufficiente para que ella se atirasse á agua de um salto. Arrastada pelo seu sonho, ella caminhava direito adiante de si, ouvindo as ondas, que lhe vinham morrer aos pés n'um tom plangente de infinita melancolia. Ruidos que lhe chegavam da aldeia, diziam-lhe estar proximo o romper do dia ; poucos minutos mais e seu pae saberia tudo. Não queria atirar-se á agua, sem ter a certeza de lá ficar ; agora, com as mãos estendidas para a frente, tateava o espaço ; chegou assim a uma corrente que lhe revelava a presença de um barco, e imaginando ouvir d'alli os passos de seu pae, correu com as mãos a corrente, chegou ao barco, galgou para a prôa e atirou-se. Fez-se um pouco de luz e de espuma em volta d'ella ; depois a agua arredondou-se como uma cupula de verde glauco.»

Não é commovente este suicidio de uma cega ? Esta vontade de acabar, que nada deteve ? Esta fuga na noite para encontrar a morte ?

Quanto a Sauval, ninguem acreditou n'uma tal resolução. Porque se teria suicidado ? Amava a mulher, e esta rodeava-o de cuidados ; era rico, feliz e, graças aos seus devotados collaboradores, continuava os seus trabalhos scientificos.



Foi uma queda accidental !...

Assim, quando o seu cadaver foi apanhado na estrada não houve senão uma voz para dizer :

— Foi uma queda accidental !... Desgraçado !... Era tão bem guardado ! Mas bastou que a vigilancia affrouxasse um segundo para acontecer este desastre !

Sahindo do quarto de sua mulher, Sauval tinha apalpado a parede com as mãos tremulas ; depois, encontrando uma janella, tinha-a aberto e precipitara-se na estrada.

(Trad.)

BOB.

SONHO DESFEITO

I

Desfez-se aquelle sonho d'um momento,
Feito d'amor velado e de ternura,
Com que a minha fortuna bem escura
Deu treguas, de cançada, ao meu tormento.

Como o prazer é bem que pouco dura,
Como poeira vã, levou-me o vento
Aquella hora de paz e esquecimento,
Em que venci a minha má ventura.

Seccou-se a estranha fonte misteriosa
D'onde jorrava a Vida exuberante,
E nem eu sei na senda tortuosa

Se vou perdido já, perto ou distante,
Pois me faltou a linda mão piedosa
Que me amparava o passo vacillante.

II

Melhor me fôra nunca haver sonhado,
E este aneio d'amar insatisfeito
D'um seio de mulher no espaço estreito
Nunca para meu mal ter encerrado.

Do que ver tão depressa assim desfeito
Aquelle engano doce e imaginado,
Em que me adormeci tão confiado,
Como quem nunca a um bem andou affeito.

Que nunca ver a luz, se ha mor desdita
E' perdel-a por muito olhar comtudo
Olhos que são a mesma Luz bemdita.

No mal que me ficou já não m'illudo,
Nem ha remedio á dor que é infinita,
Pois perdendo o meu Bem, eu perdi tudo.

PORTUGAL PITTORESCO



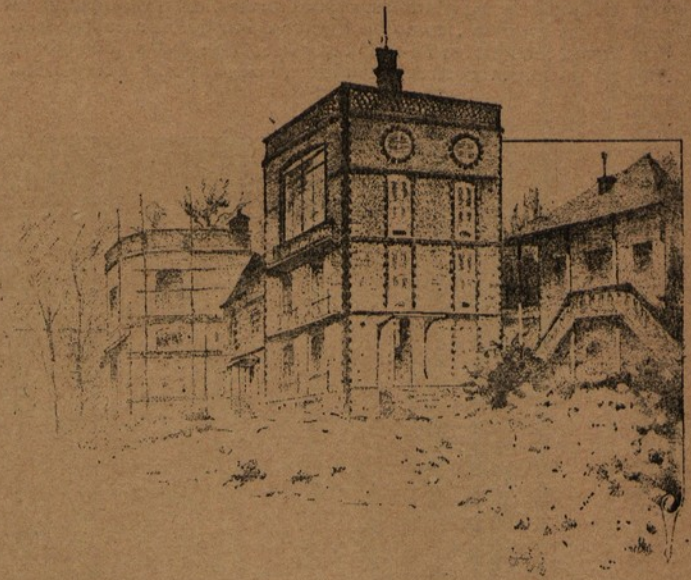
THOMAR — CASTELLO DOS TEMPLARIOS

ZOLA NA VIDA INTIMA

O recente processo de Zola, originado pela questão Dreyfus, veio pôr em foco o grande romancista do *Germinal*. Sendo o nosso jornal apenas o repositório, commentado pela gravura, dos principaes acontecimentos de todo o mundo, aproveitamos o momento para dar da vida intima de Zola alguns traços que farão conhecer o homem áquelles que conhecem apenas o litterato.

Zola, além do seu palacio da rua de Bruxellas em Paris, possui um lindo *chateau* em Médan, onde habita a maior parte do tempo e onde escreve as suas obras.

Feita methodicamente a sua tarefa da manhã e acabado o almoço, ao meio dia, eil-o girando de um lado para o outro, vigiando os operarios que traz sempre em continuas reparações e novas edificações, porque o grande artista tem a paixão das construcções. Querendo-o vêr alegre e satisfeito é surprehendel o em meio do rumor das serras e dos martellos, das cantigas dos pintores subidos ás escadas. Parece, assim, um architecto d'aldeia. Os planos que faz executar são feitos por elle mesmo. E' para elle um prazer infinito o traçado d'aquellas linhas que não-de acrescentar um pavilhão mais á sua casa, transformada hoje n'um verdadeiro e bello castello. Parece ceder, n'isto, manifestamente a uma tendencia hereditaria; soffre, sem duvida, a influencia physiologica de seu pae, constructor de canaes e grande auctor de projectos de pontes e calçadas. Interrogado sobre aquelle estranho gosto, elle responde com bonhomia «que gosta de fazer de engenheiro.»



CASA DE EMILIO ZOLA

Acabada a obra de pedreiro e carpinteiro, preocupa-o depois a ornamentação interior e começa elle a sua peregrinação em busca de pannos, reposteiros e bibelots, em cuja escolha elle revela o seu gosto do magestoso, do confortavel e do decorativo. O romantismo, de que elle mesmo confessa nunca ter desembaraçado os seus gostos, as suas concepções e muitas vezes o seu estylo,



ZOLA DORMINDO A SÉSTA

o romantismo combatido nas letras, reaparece em vencedor, por um regresso offensivo, em toda a mobilia.

Sob o claro sol atravessando os vitraes heraldicos, os moveis Luiz XVI e os buddhas indianos, os homens d'armas da Edade Media e os Kakmonos japonezes, os gabinetes venezianos com incrustações de marfim e as cadeiras de rutilas sedas modernas, confundem, sob a immensidade dos tectos pintados, as suas fórmias, as suas côres, as suas bizarrias, como no Paradou da *Faute de l'Abbé Mouret*; as flores de todos os paizes e de todas as estações misturam as suas tonalidades, os seus perfu-

sagacidade particular, tirando sempre da palestra um proveito e um ensinamento. Ninguem menos do que elle fala por falar. E' perito em arrancar d'aquelles que o cercam a noção das coisas que ignora, a confirmação das suas hypotheses, a quintessencia das questões que elles estudam por largo espaço de tempo e que conhecem a fundo. E quando o assumpto soffre qualquer desvio, quando os esclarecimentos se embrulham, com que proposito elle liga o fio interrompido dos raciocinios e dos factos, com que sagacidade elle ajusta as consequencias á sua logica! Tem um «meu amigo, que me diz!»



ZOLA NO SEU GABINETE

mes e as suas estruturas paradoxas. Os proprios instrumentos concorrem para a ornamentação. Aqui um gongo do Japão, além um chapeu chinês de guarda nacional, mandolinas, um piano, um orgão, até.

O que Zola tem de silencioso, em Paris, compensa-o em palestras inexgotaveis em Médan. Deixem-o accor-dar sobre esse divan em que o *Branco e Negro* o mostra abandonado no somno e fazendo, de punhos cerrados, a sua sésta de homem do Sul. Alli, estendido durante tardes inteiras, convidando os seus interlocutores a extender-se tambem, compensando a preguiça do corpo pela actividade do espirito, conversa de tudo, com uma

que se impõe aos paradoxos e não deixa margem para subtilezas. Nunca abandonando nada ao acaso, a sua palavra como a sua penna, por um movimento que lhe é familiar, os dedos da mão direita apoiando sobre a palma da mão esquerda aberta, methodicamente, quasi materialmente, dispõe a sua argumentação e segue-lhe todos os pontos como um jogador segue a marcha dos dados n'um jogo de xadrez. Com uma progressão continua, com uma delicadeza de estylo e uma singular diplomacia de expressões, abre ás suas idéas os espiritos mais recalcitrantes e mais mal dispostos. Nem sempre os convence, mas pelo menos inquieta-os, perturba-os, affrouxa

as decisões rápidas que elles iam tomar, e arrasta os á força para a reflexão. Elle proprio não se deixa render ás primeiras idéas extranhas. Aceita, a principio com impaciencia, as maneiras de vêr oppostas ás suas; mas que se faça ouvir uma demonstração logica e eil-o, ainda resistente, mas já conquistado.

Este escriptor cuja phrase rude e energica nunca reuou deante da mais crúa realidade, este polemista de rijo pulso que esmaga os seus adversarios, tem um coração sensível.

N'este ponto cedemos o logar a Henry Céard que conta as suas impressões de uma leitura do estudo de Zola sobre Gustavo Flaubert, a que elle e Huysmans assistiram em casa do Mestre e em que Zola mostrou todas as ternuras que o seu coração abriga.

«...O sr. sentiu-o como eu, meu caro Huysmans, n'esse dia em que, antes de o publicar, elle nos leu a ambos o seu estudo sobre Gustavo Flaubert. Elle queria vêr que effeito esse trabalho produziria em nós, porque teria ficado muito penalizado se compromettesse perante as letras a memoria do seu grande mestre e amigo. Approximámos os nossos *fauteuils*. Elle foi buscar á gaveta de um movel hollandez um manuscrito que não era da sua letra. «Foi minha mãe que o copiou», disse elle; «ella adora escrever; ás vezes transtorna as palavras, o que não é muito commodo. Se ao menos a Russia me tivesse mandado a minha copia. Mas, emfim, vamos sempre vêr.»

«A primeira parte é cheia da descripção dos funeraes. A principio, elle lê muito calmo e lento. Depois, á me-

didá que os pormenores se precisam, a sua palavra entrecorta-se. A chegada a Rouen, já treme. Balbucia no caminho de Croisset. Eis o cortejo subindo a rampa de Cantelan, e á phrase em que elle dá conta d'essa pungente impressão sentida por toda a gente que fôra de Paris, deante do caixão de Flaubert, elle rompe em soluços e chora silenciosamente. Depois estendendo-me o manuscrito:

— Tome, póde lêr?

Eu continuo. E emquanto leio, elle fica com a mão nos olhos, dissimulando as suas lagrimas, todo entregue á dôr que o sacóde na sua litteratura, na sua ternura de amigo, na sua pessoa de meridional repulsivo á morte e espantado do nada.

— Obrigado, ponha ahi.

E' o creado que acaba de trazer a tisana para acalmar as suas dôres nos rins, de que Zola se queixára essa manhã. A leitura continua. Flaubert revive alli palavra por palavra, pagina por pagina; e a cada momento, Zola repete: — Não é verdade que é bem o homem? Depois levanta-se, vae buscar a chavena, e bebe, lentamente, com os olhos cheios de lagrimas. E durante as cincoenta e cinco paginas do manuscrito, é assim um continuo vae-vem, das suas recordações á sua tisana, uma scena inolvidavel, em que se misturam, n'uma emoção e n'uma bonhomia extraordinarias, a sua preocupação de nada dizer que possa ferir as susceptibilidades dos mais delicados ácerca de Flaubert e da sua memoria, e a machinal occupação de diminuir o mal atroz que lhe causa o mau estado passageiro da sua saude.»

VIDA POSTHUMA

Se Te levar a Morte, hei de andar louco,
Olhos fitos no céu, cabelo ao vento...
F a minh'alma minada, dentro em pouco,
Irá unir-se á tua... no firmamento!...

Meu coração, ja enlutado e mudo,
Como elle ha-de viver sem Ti, como ha-de?...
Sonhos! Esp'ranças!... acabou-se tudo!
Só desse Amor hei-de cortar Saudade!...

E qual mendigo que perdesse os olhos
E lhe roubassem o primeiro Amor,
Eu irei tacteando p'los abrolhos
Sempre a gritar por Ti — Leonor! Leonor!...

Porto.

Não haverá quem me responda!... ai! pobre!
E sempre a treva lugubre, iracunda!...
Dentro em meu peito, triste como um dôbre,
Sempre o mesmo echo na mudez profunda!...

E guitarra na mão, garganta solta,
Em noite de luar ou noite escura,
Qual doido errante, vaguearei á volta
Da tua desolada sepultura...

Se eu não morresse alli (vida maldita!)
Meu coração se mudaria em pedra!
Juro-T'o, meu amor, Pomba bemdita!
Porque, sem Ti, nada viceja e medra.

MARIANNO GRACIAS.

O DESERTO

Sobem aos ares turbilhões de poeira,
Ao confuso tropel da cavalgada.
O chão estúa. O rei da azul arcada
Esvae-se em sangue e ateia-se em fogueira.

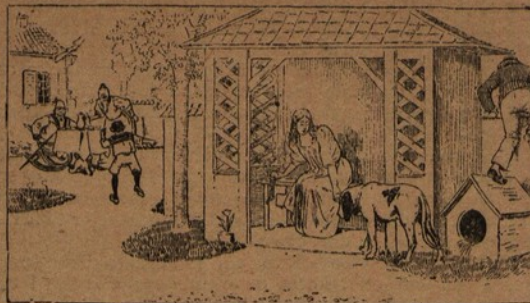
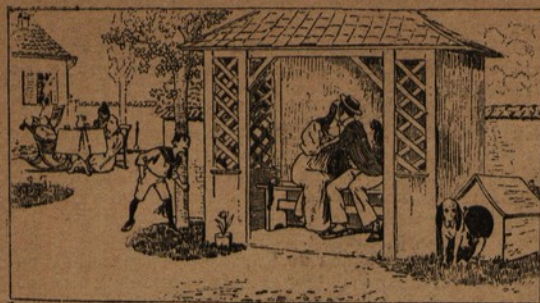
Ao longe... Emfim! avulta uma palmeira,
— Sentinella gentil d'erma pousada.
E a vista adora-a, louca, enamorada,
Qual se adora a esperança derradeira!

Mas subito um véo negro o sol empanna.
Sopra o simoun, em desabrida ameaça,
Revolve os areiaes com furia insana,

E tudo vence, prostra, despedaça!...
Este deserto é o mundo, e a caravana
A curta vida, célere, que passa.

EUGENIO SAVARD.

IR BUSCAR LÃ...



3 (Conclue no proximo numero.)

COISAS ALEGRES

Um punhado d'epigrammas, de varios auctores nossos.

*
Com trens, cavallos e pagens
Eu vejo illustres janotas ;
Elles devem as equipagens,
E eu não devo as minhas botas.

*
P.
Quanto eu dera, se a paixão,
Que sinto por Jonia bella,
Findasse em meu coração !

R.
D'esse mal, que te flagella,
Tens o remedio na mão.

P.
E qual é ?

R.
Casar com ella.

*
«Elmano, lê-me os teus versos»
— Melhor sorte me dê Deus !
Tremo d'isso ! «E porque tremes ?»
— Porque podes ler-me os teus.

*
Disse Brazia uma vez ao seu consorte,
No fim d'alta lamuria :
«Queira o céu que, se tu, por minha morte,
«Casar-te pretendes, fementido,
Desposes uma furia.»
— Isso não póde ser, porque é vedado,
(Responde-lhe o marido.)
Ser com duas irmãs alguem casado.

*
Com tão má gambia, andas tanto,
Tanto d'aqui para alli !
Procuradôr, não me enganas :
Tu procuras para ti.

*
Bernardo envolto em lemiste
Insulsas nenias recita ;
Ao riso ninguem resiste ;
E o vate funereo grita :
«Não riam, que é coisa triste !»

*
Salomão compoz um livro,
(O tal da *Sabedoria*),
E a Ignorancia, de invejosa,
A' prima *Semsaboria*
Logo um livrinho encommenda ;
Esta o fez, e no outro dia
O *album* se poz á venda.

*
Em nome de Deus, Amen.
Não tenho sequer uns cobres.
Tenho dividas aos centos.
Deixo o resto para os pobres.

*
Certo mathematico zombou,
Ao ver que um amante infeliz
Por linda dama expirou.
E a elle o que o matou ?
O não dar c'o valor d'um X !

*
Mordeu uma serpe Aurelia.
Que pensais que resultou ?
Que Aurelia morreu ? Historia :
A serpe é que estoitou.

H.

SECÇÃO RECREATIVA

O SOBRESCRITO MAXIMO

TENDO SE uma folha de papel, transformá-a n'um sobrescripto o maior possível.

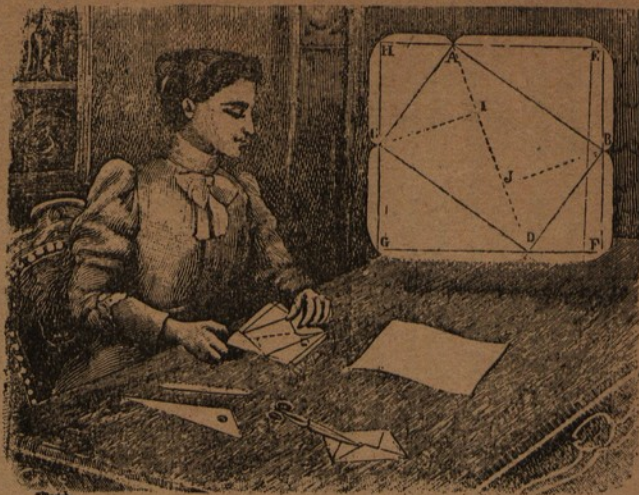
Tal é o probleminho que hoje propomos aos nossos leitores e de que a nossa gravura indica a solução.

Faça-se primeiramente, na folha de papel, um rectangulo E F G H, de maneira a ter a toda a volta uma margem de largura uniforme.

Marque-se os pontos C e B, meio dos pequenos lados, H G e E F e procure-se nos lados maiores os pontos A e D de maneira que os angulos C A B e C D B sejam rectos. Obtem-se em seguida as posições de A e de B por meio d'um esquadro, d'um rectangulo qualquer, livro, bilhete de visita, etc.

Trace-se o rectangulo A C D B, e dobre-se segundo as linhas A C, C D, D B, B A, e verificar-se-ha que se têm assim duas folhas de papel ajuntando-se exactamente, e por conseguinte a poder formar um sobrescripto, vindo a linha C H unir-se a C I, e a linha B F a B J como o indicam as linhas ponteadas da figura.

Quanto á beira formando a margem, serve para collar as quatro dobras de que se equalaram os angulos por meio de chanfraduras arredondadas cortadas nos quatro cantos do rectangulo A B D C.



Corta-se tambem assim em roda os quatro cantos do papel aos quatro angulos do rectangulo E F G H. Tem-se assim, graças a esta muito simples construcção, o sobrescripto de superficie maxima que se desejasse obter.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis	2\$600 réis
Africa Portugueza.....	800 "	1\$600 "	3\$200 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis

OBRAS DE TEIXEIRA DE QUEIROZ

Os noivos, romance, 2.^a edição, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 enc. 1\$400.

D. Agostinho, romance, 1 vel. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Morte de D. Agostinho, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Amores, amores, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Arvoredos, contos escolhidos, 1 vol. illustrado por Casanova, br. 800 réis, enc. 1\$100 réis.



RIR! RIR!

Servasio Lobato

Analysando admiravelmente os lados ridiculos e comicos da vida da capital, a

LISBOA EM CAMISA

é um livro impagavel, verdadeiro modelo de boa graça portugueza, d'aquella que nos faz rir ás gargalhadas.



1 volume de 340 paginas, 3.^a edição, com desenhos de CELSO HERMINIO: brochado 600 rs., pelo correio 650 rs.

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR

52, Rua Augusta, 54 — Lisboa

LISBOA EM CAMISA



Branco e Negro



CABEÇA DE ESTUDO, quadro de A. Seifert

PREÇO 50 REIS

N.º 104

ESTUDOS BIOLÓGICOS

A CONSCIENCIA E O LIVRE ARBITRIO

NOVO LIVRO DO

Dr. Miguel A. Bombarda

1 bello volume de 360 paginas
com muitas gravuras explicativas, brochado 1:000 réis, encadernado 1:300 réis
pelo correio, mais 60 réis

O auctor desenvolve n'este livro as theorias que apresentou e defendeu o anno passado nas suas conferencias realisadas na Sociedade de Sciencias Medicas, ácerca dos *neurones* e da vida psychica.

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

52, Rua Augusta, 54 — LISBOA

BRAZIL E PORTUGAL

por **Silva Vianna**

Acaba de se publicar este livro em que se descreve as condições actuaes dos dois paizes, sob todos os pontos de vista, a vida dos emigrantes portuguezes, o futuro a que pódem aspirar, a linha de conducta que devem seguir, etc. E' emfim um livro cheio de indicações uteis, e de alvitres aproveitaveis.

PREÇO 250 RÉIS

A' venda em todas as livrarias

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 104

LISBOA, 27 DE MARÇO DE 1898

2.º ANNO



VARINO, (barco do Tejo), gravura de J. Pedroso



CID

DE BARBEY D'AUREVILLY

Cavalgava na serra, um dia, o Campeador :
A couraça doirada á morna luz do poente
Diluia-se-lhe em oiro e, como um resplendor,

Reflectia do sol o ultimo beijo quente.
Ia soberbo Cid em toda a altiva linha
Do seu porte, — dir-se-hia uma visão clemente !

Todo elle era oiro e todo esse oiro vinha,
Como um feixe de luz, do capacete á espora
E aos arreios até que seu cavallo tinha !

Os rubis do seu elmo eram beijos da aurora
Tão sanguineos que, a arder, tinham desta maneira
Um brilho quasi igual ao sol daquella hora ;

Mas os olhos do heroe, debaixo da viseira,
Eram, ainda assim, esplendidos, no fundo
Mais vivos do que o sol na phase derradeira !

Estranho todo elle e sem igual no mundo,
Não indo combater, ia a sonhar no Amor,
Esparzindo mais luz que o sol já moribundo.

Os pastores do monte, em face do esplendor
De Cid, fizeram côro e exclamaram ao lado :
— E' como S. Thiago, o nosso Campeador. —

Porque juntavam n'elle — o santo e o soldado !
Mas, quando elle passou altivo e poderoso,
Atravessára o ar um grito desolado :

De bôrco, sobre a estrada, achava-se um leproso
Um volume de puz, que a vista fere e ataca,
Um monstro, cujo aspecto, emfim era horroroso !

O seu bello cavallo, em frente d'elle, estaca,
Como se o animal não quizesse manchar
As patas n'essa dôr que só a Morte aplaca.

N'este comenos Cid, como um anjo sem par,
Inclinou-se e fitava um ente ao abandono,
Escoria do mundo, alli a estrebuxar.

E ao dar esmola, o heroe, grave, mas sem entono,
Ao pobre que a pediu pelas chagas de Christo,
Era um rei a esmoliar do alto do seu throno !

Foi então que se viu este caso imprevisito :
O leproso ajoelhára e, nessa posição,
Dava a entender no olhar que nunca tinha visto

Um homem como o heroe de tão bom coração
Que nem o repellia, á bruta, com a lança,
Nem lhe mostrara haver o nojo e a repulsão !

Reconhecido, pois, e harto de confiança
O desgraçado ousou beijar-lhe o guante de aço
— Labios cheios de pus, olhos cheios de esperança. —

O infeliz sabia o alcance deste passo :
A sua bocca pôdre apenas embaciava
O guante do heroe, sem lhe tocar no braço !

Porque a Morte era certa ao corpo em que tocava,
O misero jámais beijára a mão de alguem !
E, agora, em vez de um beijo o triste se fartava

de babar-lhe o guante. E Cid sem desdem,
Sem colera, o deixou chafurdar á vontade
Sem reflectir no mal, pensando só no bem.

Que pensava o heroe da audacia e liberdade
Desse leproso vil, dessa viva amargura ?
Seu peito o que sentiu nessa hora de bondade ?

Sentiria pulsar, debaixo da armadura,
Num impulso feliz seu nobre coração ?
Cid fixou-o muito e, arrancando a dura
Luva de aço — o heroe, Cid — apertou-lhe a mão !

AFFONSO GAYO.

COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — O COSINHEIRO, aguarella de Roque Gameiro

Os grandes balnearios e estâncias d'aguas

MONDARIZ

O illustre estadista hespanhol Moret, em um banquete com que o obsequiaram os liberaes de Lugo, pronunciou um eloquente discurso em que, exaltando os encantos naturaes da Galiza, que reputa superiores aos da Suissa, disse :



COSTUME DE UMA ALDEA DE MONDARIZ

(Photographia de José Gil)

«Não sei se sentis estas bellezas, como as sente quem aqui chega de terras estranhas. Por mim posso assegurar-vos que, ao percorrer os vossos sombrios montes e ao lançar a vista lá do alto pelos humidos valles e pelas praias beijadas pelas ondas dos vossos mares, pensei que o ceu me havia concedido a immensa fortuna de contemplar a mais surprehendente e extrema moldura de todas as bellezas da terra.»

As prodigiosas aguas de Mondariz brotam de um dos mais formosos sitios d'esta pittoresca região.

Quem, de Portugal se dirigir alli, deve seguir pela linha ferrea do Minho até Valença, o que já constitue uma excursão agradabilissima, pelos diversos aspectos e encantadoras paizagens que o seu percurso successivamente offerece. Em Valença, onde se chega á uma hora da tarde, ou se aluga logo um trem, que poderá custar 5\$000 ou 6\$000 reis, para nos transportar directamente á estancia das aguas; ou se espera, até ás 3 horas, pelo comboio hespanhol que nos leva até á estação de Porriño, onde se encontram diligencias e commodos carros particulares, pertencentes á empresa do *Estabelecimento*, que nos conduzem, por preços baratos, sendo estes os melhores meios de transporte.

Em qualquer dos casos é conveniente tomar uma refeição em Valença, na previsão, sempre mais provavel, de só se chegar de noite a Mondariz.

Quem desembarca em Porriño e mette pela estrada depara, a breve trecho, com montes escarpados que se succedem até Puenteareas, com intercadencias de pequenos valles.

D'ahi em deante a paizagem é mais suave; abatem-se as altas montanhas; extendem-se largos campos de cultura, fartamente regados por intrincados riachos; ouvem-se os bois mugidores nos eidos e os ultimos echos da faina agricola que se esbatem ao cahir da noite.

Proseguindo, atravessando aldeias que se assignalam pelos campanarios de egrejas parochiaes, alvejando entre a ramaria verde dos pinhaes, a estrada recomeça a contornar a sinuosidade d'uma montanha.

De subito rasga-se um grande valle, espraia se uma ampla bacia e surge uma sumptuosa edificação, brilhante de luz electrica, interior e exteriormente, jorrando por toda a parte. Fica-se maravilhado ao encontrar, encravada nos montes, tão arrogante construcção. E' a cathedral da Meca dos diabeticos, dos dyspepticos, anemicos e gastralgicos. E' a propriedade dos Hijos de Peinador, o *Estabelecimento de Aguas bicarbonatao-sodicas de Mondariz*, como se denominam, essas aguas maravilhosas, cujo credito e uso os seus proprietarios universalisaram, com grande entusiasmo, patriotismo e abnegação, á custa de innumerous sacrificios.

*
*
*

O enorme edificio pompeia no formoso valle de S. Pedro; nas suas amplissimas dependencias podem hospedar-se cerca de 500 pessoas; e na sala de jantar accommodam-se 800 commensaes!

Mas vamos por partes. Tres corpos constituem o immenso hotel : dois parallellos, de 50 metros de extensão, correndo de norte a sul, perfeitamente symetricos. As suas fachadas, olhando para o nascente e poente, são elegantes e airosas, e em qualquer cidade seriam considerados, como solemnes edificios, da mais bella perspectiva.

O outro corpo mede 70 metros de comprimento; corre de este a oeste e enlaça os outros dois. A fachada principal, que é elegantissima, magnificamente proporcionada, com verdadeiras e profusas bellezas de execução, de formoso granito, olha altaneira para o norte. Dirigiu a obra o acreditado mestre Manuel Garcia.

No interior, em todos os detalhes, o mesmo esmero de execução : a obra de carpinteiro foi dirigida pelo intelligente mestre Faustino Rodriguez. As ferragens foram fornecidas por Don Pedro Echevarria, de Victoria; os moveis, por Don Daniel Lopez Garayo, de Victoria, e por Sanchez Puga, de Vigo; os magnificos *Water-closet*, por Santigós y C.^a de Madrid; os materiaes decorativos, pela Metalurgica Iberica, de Villazon y C.^a, de Madrid, e pela importantissima fabrica de San Juan de Alcaroz; os vidros procederam de Gijon e Sevilha; as vigas de ferro, de Vizcaya e Bilbao; o ferro fundido, de Don Ma-



COSTUMES DO PAIZ — Um trio de gaiteiros

(Photographia de F. Pardo)

tiás Lopez e do intelligente industrial de Vigo, Don Antonio Sanjurjo.

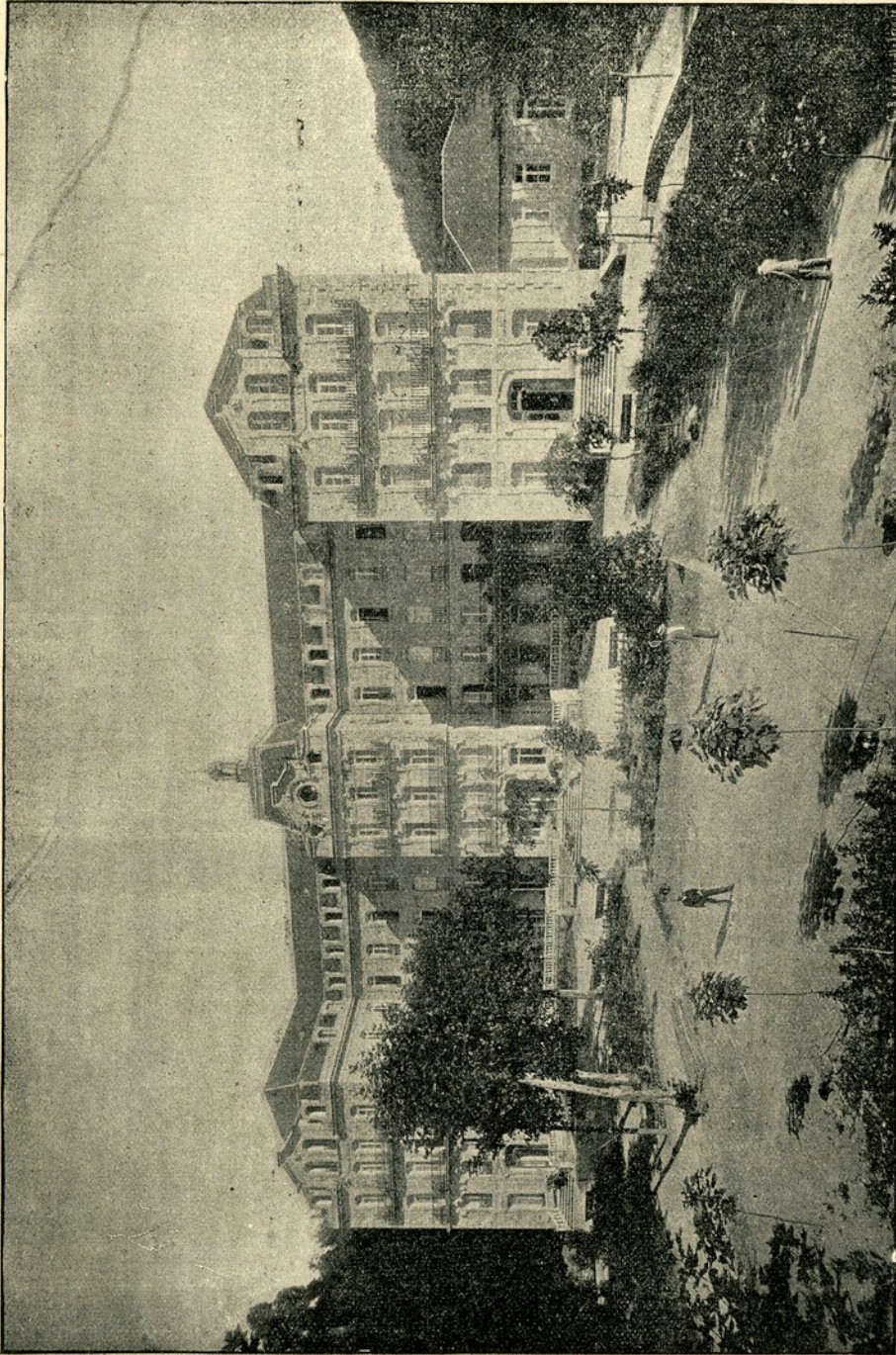
Porque toda esta enumeração? Para se saber que

aquelle palacio é um curioso museu da industria hespanhola. Os Irmãos Peinador quizeram demonstrar, por aquella forma, patrioticamente, que os productos hespanhoes, os materiaes de construcção, rivalisam com os melhores do estrangeiro. Compraram em Barcelona e Valencia os mosaicos, ladrilhos e azulejos para decorar

Domingos Gonçalves dos Santos e Silvestre Ennes de Castro, cuja pericia ficou perfeitamente demonstrada nos bellos trabalhos de gesso que alli se admiram.

Don Genaro de la Fuente foi o auctor e director geral do sumptuoso palacio.

A escada principal do edificio é uma das peças mais



O GRANDE ESTABELECIMENTO BALNEAR DE MONDARIZ — Fachada principal do edificio, com parque em frente

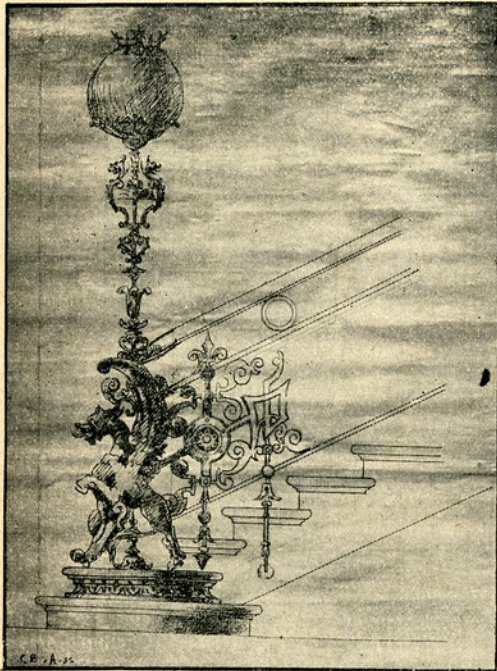
a esplendida sala de jantar, os terrassos, pavimentos dos quartos de banho, etc.; e nas officinas da Viuva de Aramburo, todos os apparatus de illuminação e campainhas electricas.

Sómente a obra de estucador foi dirigida por estrangeiros, mas estrangeiros só politicamente considerados; essa tarefa foi incumbida aos nossos patricios, minhões

bem lançadas que temos visto; e só ella bastaria para firmar os creditos d'um architecto consummado.

Os corredores, pela sua extensão e largura, são verdadeiramente conventuaes. Os quartos e salas de hospedagem, amplos, de elevado pé direito, desafogados, ventilados, recebendo toda a luz natural, perfeitamente mobilados, sendo com luxo muitas accommodações do

primeiro e segundo andares. Em todos os quartos ha fôcos electricos, pendentes do tecto; e junto dos leitos, ás cabeceiras, palmatorias de metal branco com fôcos



Detalhe da grande escadaria do estabelecimento balnear

electricos e velas de stearina supplementares, visto que toda a illuminação electrica apaga á meia noite. Olhou-se a todas as commodidades, prevendo-se todos os accidentes.

* * *

A peça principal do edificio é a sala de jantar, enorme, occupando toda uma ala da vasta construcção. Tem uma galeria corrida superior, onde, durante as refeições, um excellente quarteto executa variados repertorios de musica escolhida. As extremidades d'essa galeria alargam-se formando duas salas, onde se acham dispostas mezas que comportam numerosos convivas; e em uma d'ellas é ordinariamente servida a familia dos proprietarios do Estabelecimento. A galeria comunica com o primeiro andar do edificio e com a sala de jantar que é abundantemente illuminada por luz natural e por numerosos e ricos candelabros de luz electrica. O tecto é bellamente artezado; e o pavimento, ladrilhado a mosaico.

Quando se acham occupadas todas as mezas, tanto as que correm ao longo do salão, como as que isoladamente se vêem dispostas aos lados, para as familias ou grupos que quizerem ser servidos em *tête-à-tête* e separadamente; quando os creados, de casaca de irreprehensivel aceio, rompem em filas, com os pratos de iguarias; quando o quarteto desfere os primeiros accordes e as centenas de talheres se põem em movimento, o aspecto do recinto, profusamente illuminado a luz electrica, é magestoso. N'estas circumstancias, calcula-se bem que cada refeição assume sempre as proporções dos banquetes solemnes.

As refeições principaes são duas: almoço, ao meio dia; e jantar, ás 7 da tarde; ambas sempre variada e abundantemente servidas de excellentes iguarias, com vinho e aguas frescas sodicas, á discrição, colhidas da bica da Gandara. De manhã, ás 8 horas, depois do banho e da primeira ingestão de aguas, ha o *desahyuno*, refeição leve, de leite e chocolate com bolos, servindo-se tambem bifés, para quem os preferir.

*

Não se calcula a quantidade de generos alimenticios que os aqistas consomem durante a epoca balnear.

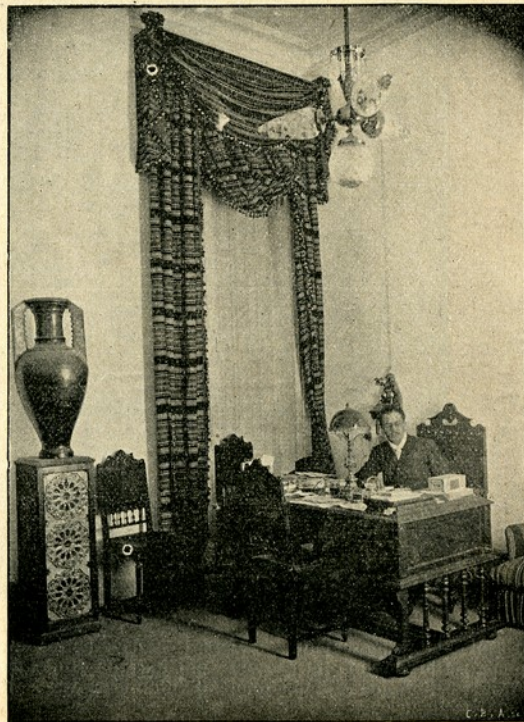
A dispensa, occupando todo o espaço que fica por baixo da sala de jantar, está sempre repleta de pipas e garrafas de vinhos de meza e finos, cervejas, bebidas espirituosas, licores, presuntos, bois e vitellas aos retalhos, caixas de queijos, fructas etc. etc., tudo em quantidades que poderiam abastecer alguns estabelecimentos dos mais bem providos. O peixe acode alli todos os dias ás cargas, procedente de Vigo; e o leite é fornecido por dezenas e dezenas de pastoras das immediações.

Os cosinheiros, ajudantes, creados de meza, creados e creadas dos quartos constituem uma população de mais de cem pessoas.

Junto do salão de jantar, ha uma vasta sala onde se servem as creadas dos hospedes, com todas as atenções e iguarias que se dispensam ás respectivas amas. E diga-se, em seu abono, que se apresentam com toda a compostura e muito aceiadas, como senhoras do melhor tracto. Palreiras, para não desmentirem a raça; mas sabendo perfeitamente comportar-se. Assim, á primeira vista, imagina-se que aquella sala é um annexo ou continuação do salão de jantar, comportando hospedes da mesma categoria. Tem-se sempre esta impressão agradável, quer as vejamos á meza, quer passeiando aos grupos no parque, entremisturando-se com os aqistas.

* * *

Outra peça digna de menção que embelleza o edificio é o salão-theatro, ponto de reunião obrigado depois das refeições, onde se faz musica todos os dias, se representam comedias ligeiras, se recitam poesias e se dança. E' um vasto recinto quadrangular, com respectivo palco scenico e uma galeria superior corrida que comunica com a sala de leitura, com a bibliotheca, com a sala de bilhar e de jogos licitos. As nossas patricias animam de ordinario aquelles diversões, quer exhibindo as suas prendas musicas, quer valsando, com garbo e denodo igual ao das hespanholas.

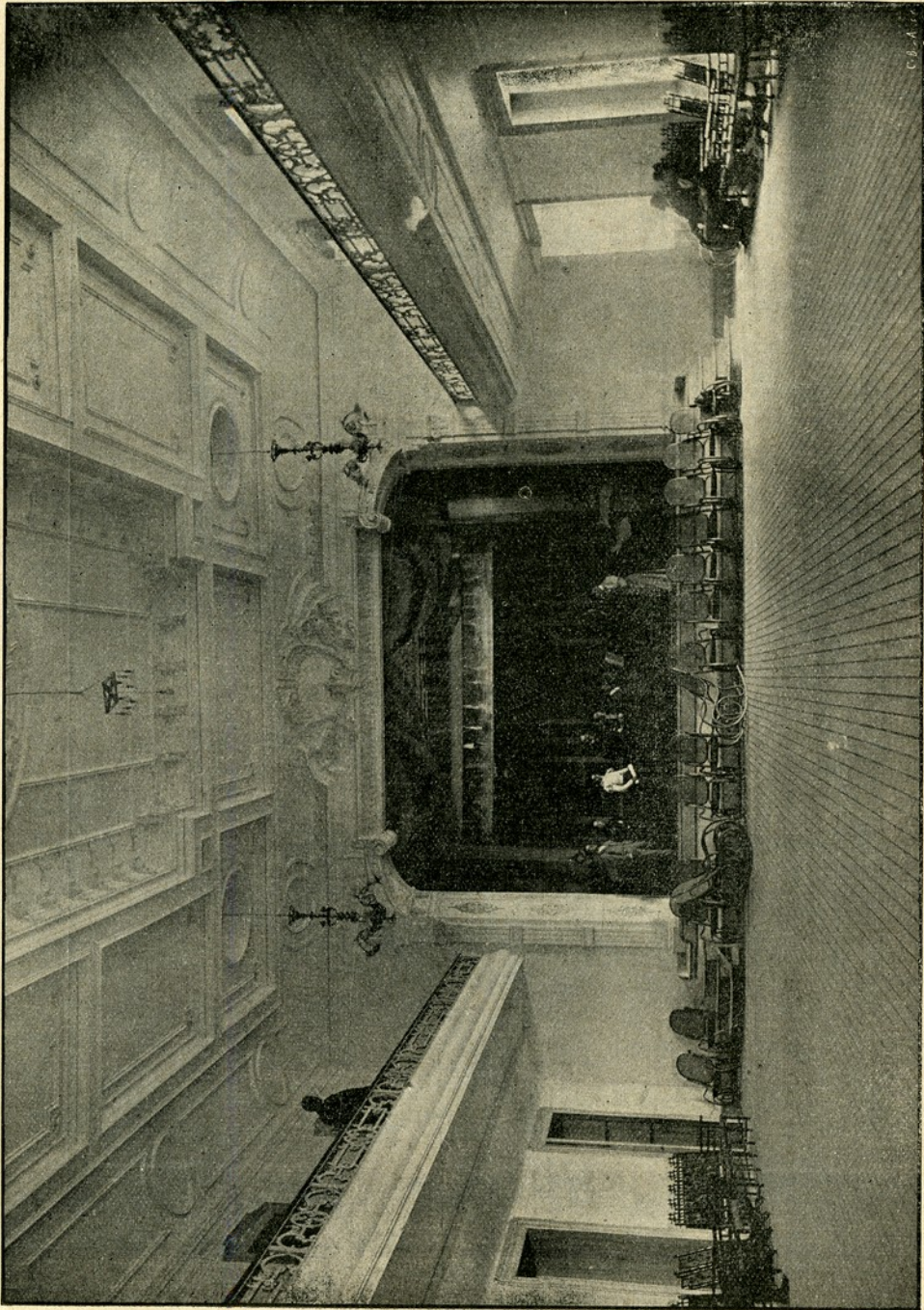


Gabinete do director

* * *

Em uma das dependencias compõe-se e imprime-se um semanario, *La temporada em Mondariç*, que se dis-

costumes da Galiza», de Rivera y Vasquez; «Apontamentos historicos da Provincia de Pontevedra», de Manuel Morguia; descripções das bellezas naturaes d'aquella região; poesias firmadas por varios aquistas; e noticias referentes ás *veladas*, ás diversões liricas e dra-



SALÃO DO THEATRO

tribue gratuitamente pelos que frequentam o Estabelecimento.

e Presumo que é redigido pelo dr. D. Enrique Peinador e seus filhos; mas tem extraordinariamente collaboração variada, interessante e instructiva; em alguns números do anno passado, vi um precioso estudo «A alma popular» do redactor do *Liberal* Alfredo Vicenti; Typos e

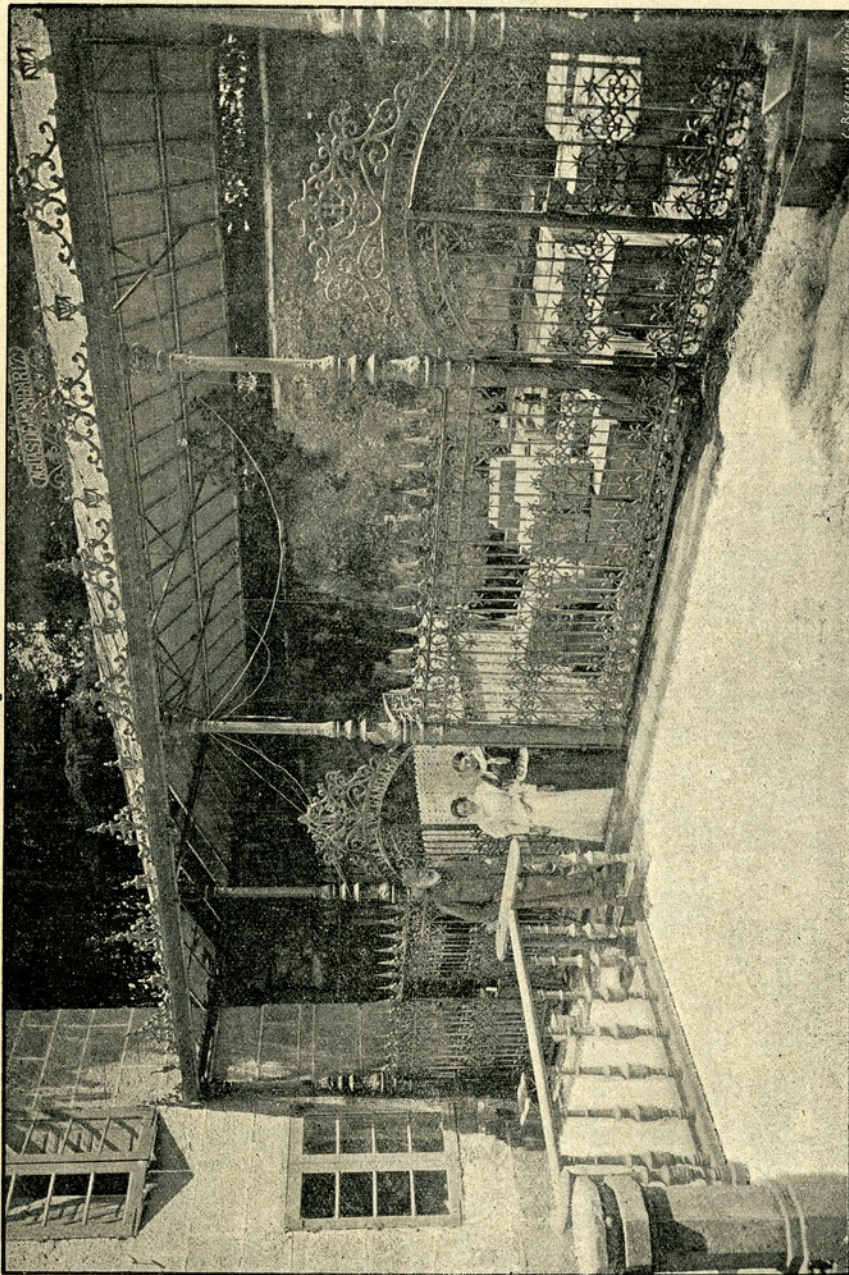
maticas, que amenizam as noites, alli decorridas no salão-theatro, no mais distincto e agradável convívio. O folhetim d'esse semanario era occupado pelo illustre hydrologo, que ha mais de vinte annos desempenha proficientemente o cargo de director clinico do Estabelecimento, o considerado dr. Pondal; e todos liam com o mais vivo interesse, os seus estudos sobre as enfermida-

des do estomago, bexiga, etc., e ácerca da acção physiologica e therapeutica d'aquellas prodigiosas aguas, sobre cujas virtudes e applicação damos agora a palavra ao sabio clinico :

* * *

«A verdadeira especialidade curativa das aguas de Mon-

dariz refere-se á diabetes saccharina, polyuria simples, gota, artritismo chronico, enfartamento e colicas do fígado, dos rins, etc. E' indubitavel a sua acção effizaz na inappetencia, nos vomitos incoerciveis da gravidez, catharro chronico do estomago, gastralgias, dyspepsias, coqueluche, asma, etc. etc.; em todos os casos em que seja necessario modificar profundamente a nutrição, como na chlorose e anemia, e na convalescença de enfermidades agudas, especialmente dos typhos. A maior parte dos que concorrem a Mondariz comecam por tomar um quarteirão, que elevam paulatinamente até um quartilho de manhã, e outro á tarde, usando-as tambem ás refeições, já puras, já associadas ao vinho. Os ulcerados do estomago usam-as com parcimonia, misturadas com sôro de leite; os diabeticos e gotosos tomam as em grandes doses. A temporada não deve ser inferior a 20 dias; e a muitos doentes recommenda-se que as usem em tres ou quatro temporadas por anno.



MONDARIZ — Fonte da Gandara no recinto do grande estabelecimento balnear

dariz refere-se á diabetes saccharina, polyuria simples, gota, artritismo chronico, enfartamento e colicas do fígado, dos rins, etc. E' indubitavel a sua acção effizaz na inappetencia, nos vomitos incoerciveis da gravidez, catharro chronico do estomago, gastralgias, dyspepsias, coqueluche, asma, etc. etc.; em todos os casos em que seja necessario modificar profundamente a nutrição, como na chlorose e anemia, e na convalescença de enfermidades agudas, especialmente dos typhos. A maior parte dos que concorrem a Mondariz comecam por to-

* * *

«A alimentação excessiva, ou a escassa e mal constituida; o abuso de substancias aperitivas e excitantes; a incompleta mastigação dos alimentos; o excesso de bebidas; certos medicamentos; a vida sedentaria; os trabalhos mentaes continuos; e a subita mudança de temperatura são as mais frequentes causas dos padecimentos que estas aguas combatem. Ora os que concorrem a

Mondariz, em virtude da pureza dos ares, da mudança de vida, do exercicio activo e da acção das aguas da Gandara, sentem um augmento de appetite a que cumpre fructas sezonadas, especialmente as assucaradas ou acidas não são em geral contra indicados pelo uso das aguas que, em muitos casos, coadjuvam a sua acção. A ali-



MONDARIZ — Uma rua do bosque

não satisfazer completamente, para evitar esforços violentos do estomago.

O vinho de pasto, simples com as aguas, o leite, as

mentação deve ser mixta, de substancias animaes e vegetaes.

Alli, onde não costumam sentir-se os rigores do estio,

é preferível usar trajas de lã que se opponham aos resfriamentos subitos da pelle.

De resto, exercicios moderados, passeios pelo parque, pelo jardim, ou pelos diversos pontos da região, taes são em resumo as prescripções que se aconselham aos aquistas.»

*
* * *

A composição chimica das aguas é a seguinte :

Agua.....	1 Litro.	
Acido carbonico livre.....	0 gr.	983
Bicarbonato de soda.....	2 "	284
Idem de potassa.....	0 "	199
Idem de cal.....	0 "	156
Idem de magnesia.....	0 "	041
Idem de ferro.....	0 "	037
Chlorureto de sodio.....	0 "	148
Silica.....	0 "	069
Lithina.....	}..... Indicios.	
Arsenico.....		
Estronciana.....		
Iodo.....		

*
* * *

No *Libro de recuerdos* do Estabelecimento, album cheio de desenhos, poesias e impressões dos aquistas que por alli vão desfilando, destacam os nomes de muitos dos nossos compatriotas illustres, condes da Ribeira Grande, de Valenças, de Samodães, Lopo Vaz, etc.; e de outros hespanhoes, arcebispos, bispos, dignidades capitulares, duques, senadores e uma infinidade de marquezas, condessas, professores cathedraicos e medicos, comprovando e agradecendo o beneficio das aguas. No alto d'uma pagina apparece este breve conceito, bem caracteristicamente hespanhol: — *Despues del agua del bautismo y del agua bendita, la de Mondariz sigue en categoria.*

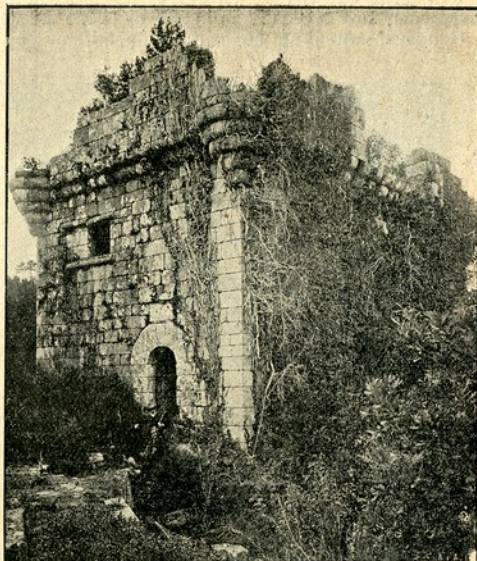
E' arrogante e absoluto; mas é patriotico.

Esse *Libro de recuerdos* faz lembrar os paineis que contam curas maravilhosas, alcançadas pela intercessão dos santos. Ha alli confissões agradecidas, firmadas por individuos de todas as classes sociaes. Um arcebispo de Valladolid exclama :

«Bemdito seja Deus que em tão formoso valle colloca duas fontes, como as da Gandara e Troncoso, cujas maravilhosas aguas realisam diaramente verdadeiros milagres, devolvendo a perdida saude a milhares de enfermos, curando muitos e aliviando a todos dos seus tristes e penosos padecimentos».

Voltando a pagina, lemos o seguinte, firmado por um nosso illustre patricio:

«Se bem me recordo, na *Espana Sagrada* li que ainda no tempo de Philippe II havia previsões sobre o ouro d'esta região e os direitos do prelado de Tuy. Ora Fi-



MONDARIZ — Castello feudal de Sobroso

lippe II foi cognominado o *Prudente*; e, sendo o maior potentado que tem existido no globo, dispondo das minas de ouro do Brazil, das perolas da India, dos perfumes da Arabia, de tudo quanto representava riqueza, não teve em minima conta o que tornava valioso este paiz.

«Haverá alguém, no nosso tempo, que n'este local procure explorar os filões auriferos? Não me consta; mas o que sei é que, em toda esta região e especialmente aqui se explora mina que vale muito ouro, e mais do que ouro vale, o que ha de mais precioso — a saude.

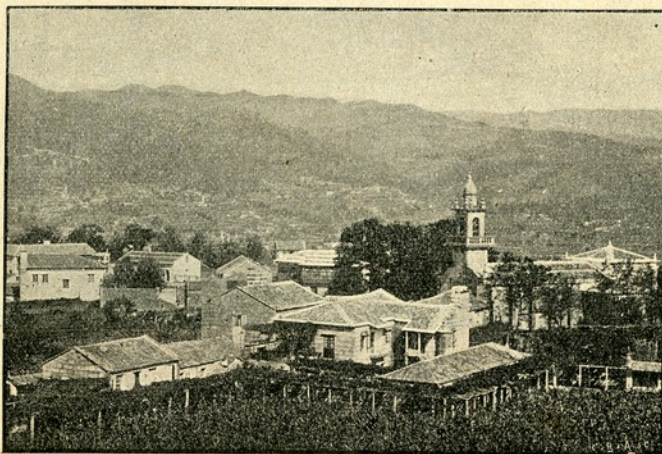
«E' essa mina que vim visitar a Mondariz, e com ella admirar quem a patenteiou aos necessitados que, trabalhados pelos morbos, vem sollicitar ás aguas, benditas por Deus, allivio aos seus padecimentos. A frente d'esta obra, a um tempo lucrativa e humanitaria, deparo um homem que admiro e respeito: homem que pensa, sabe, pôde, quer, produz, progride, cumpre a sua missão, é bemfeitor dos seus semelhantes, dá gloria a Deus, nas alturas, e, na terra, corresponde grato ás mercês recebidas.

«Esse homem é D. Enrique Peinador que tem aqui feito prodigios, auxiliando, com a energica cooperacão da sua vontade e sciencia, a assombrosa obra da divina providencia.

«Se Philippe II resuscitasse e viesse aqui, reconheceria que o verdadeiro ouro de fino quilate se encontrava nos meios descobertos para o robustecimento das forças e recuperacão da saude. E' n'isto que consiste o valor, esse metro por onde se aferem as riquezas, cuja definição ainda os economistas não souberam formular. Venham elles aqui e aprenderão a definil-o. N'estas prestimosas thermas, trata-se do corpo e não se descura a alma. Eis o elio das aguas e de quem as administre.

Mondariz 18-7-96. CONDE DE SAMODÃES.»

*
* * *



MONDARIZ — Egreja parochial (photographia de F. Pardo)

Em 1890, um aquista de bem aparada penna, deixando no *Libro de recuerdos* do primitivo hotel, as suas impressões, escreveu :

«Praza ao ceu que a triumphante roda do progresso, accelerando a sua magestosa marcha, colloque o Estabelecimento, possuidor de tão inexgotavel the-

souro, ao nível dos primeiros de Hespanha e ainda do estrangeiro.»

Decorridos sete annos, o voto do aquista era um facto consummado; o Estabelecimento eil-o ahi está, sobrepujando todos os congeneres da peninsula e muitos do estrangeiro, em grandeza, magestade architectonica, dimensões, numerosas accomodações, commodos e attractivos.

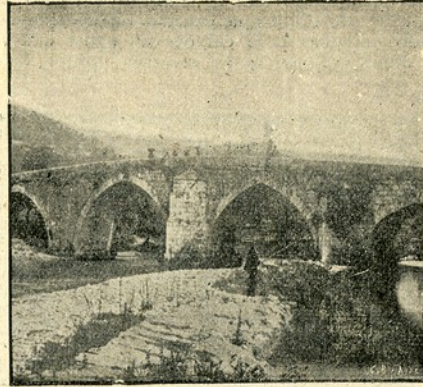
O Estabelecimento possui interiormente ainda: banhos de immersão, de agua potavel e mineral, com bellas banheiras de marmore; inalações; douches; sala d'armas e de gymnastica; ampla sala de administração; sala de visitas; de cabelleireiro; gabinete do director economo; gabinete do director clinico; amplissimo salão de restaurante, em via de conclusão; sala de distribuição do correio; sala de leitura etc. etc.

*
* *

A bibliotheca tem revistas illustradas e numerosos livros de historia, de viagens, romances etc. Recebem-se jornaes francezes, inglezes, allemães, hespanhoes e portuguezes, predominando os galegos e madrilenos. Mas apparecem frequentemente outros, em outras linguas, dirigidos aos aquistas que alli acodem de todas as partes do mundo.

Na capella, dedicada á Virgem do Carmo e provisoriamente installada em uma sala do grande edificio, celebra-se missa diariamente pelo capellão da casa. Alli avulta uma valiosa tela de Rubens. No anno passado estava em via de conclusão uma capella elegantissima, construida em um monticulo do bosque proximo, a alguns passos do Estabelecimento.

No recinto arborisado conservam-se ainda e funcionam a casa do primitivo hotel e dois chalets que podem

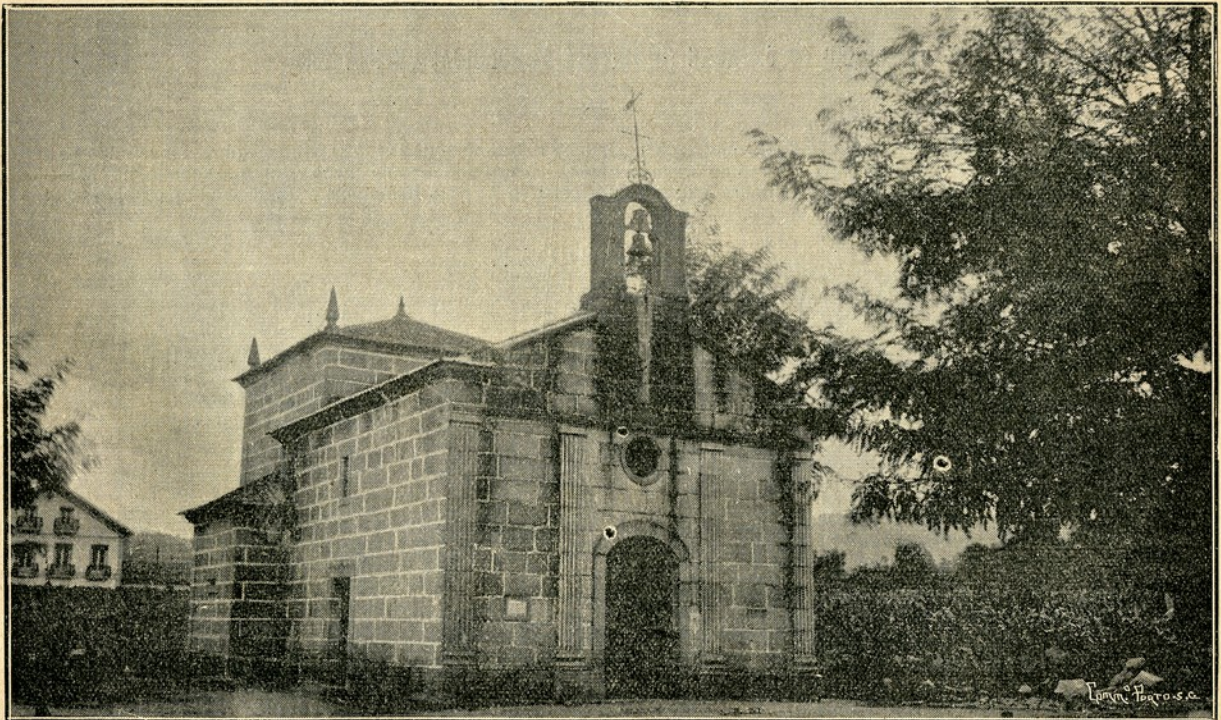


MONDARIZ — Ponte de Cernadela

tas. Essa area está ajardinada em parte, tendo um terreno destinado aos jogos do *lawn tennis*, *cricket*, etc.; parte é cultivada, tendo bellas ramadas, arvores de fructa e plantações hortícolas.

*
* *

Em uma casa, independente do edificio, um motor de 65 cavallos aquece agua para banhos; lev a agua a todas as dependencias; produz luz electrica para 15.000 lampadas que illuminam o palacio, o parque e jardim; move uma serraria mechanica onde se fazem as caixas que transportam as garrafas para expedição; move uma la-



MONDARIZ — Capella de Troncoso

accommodar uma centena de hospedes. O edificio do novo hotel deve ter importado em 200 contos, segundo ouvimos, além do custo da vasta area onde está situado e que os proprietarios adquiriram, para recreio dos aquis-

vanderia e faz girar o prelo que imprime o semanario *La temporada de Mondariz*.

A um dos lados do edificio, mas isoladamente e a bastante distancia, fica a cocheira, com carros, trens e dili-

gencias que transportam os aquistas, fazendo o melhor serviço. No alto do bosque está a cavallariça. Na estrada, puxando carroças com caixões de aguas que vão até Vigo, donde seguem para diversos pontos, transitam



MONDARIZ — Proximo do rio Tea

diariamente 25 cavallos, pertencentes ao Estabelecimento. A exportação de garrafas sobe a milhares de milhões annualmente, o que não admira, visto que as aguas bicarbonatadas de Mondariz são consideradas como as

mais alcalinas de Hespanha, tendo a preconisal-as os medicos mais considerados do paiz.

No *Libro de recuerdos*, que já citamos por vezes, recommendam o uso das aguas proclamando as suas virtudes, celebridades medicas como Espina y Capo, Cortezo, Zavala, Simonena, Pulido, Bivar, Diaz Benito, San Martin, Bombin, etc., corporações inteiras de cathedaticos, que á palavra juntam o exemplo, indo alli veranear e reconstituir a saude.

Tal é, a traço rapido, a descripção d'este famoso balneario, situado no valle de S. Pedro, limitado pelos montes Landin e Picarãna, fecundado pelo rio Tea, em uma de cujas margens encantadoras está a fonte de Troncoso, que com a da Gandara, dentro do parque, constituem os dois mananciaes das privilegiadas aguas.

O dr. D. Enrique Peinador, um dos proprietarios, formado em medicina, é um perfeito cavalheiro, do mais captivante tracto; e toda a sua familia é d'uma bondade extrema, prodigalizando todas as atencções e commodos aos aquistas.

Os Irmãos Peinador dotaram a Hespanha com aquelle monumento, que é para Mondariz, outr'ora uma obscura e insignificante aldeia, um thesouro inexgotavel.

Honra lhes seja.

*
* *

O representante em Portugal e Brazil das aguas de Mondariz é o sr. Alfredo Antonio da Costa Braga, á rua de Santo Antonio, 194, Porto.

Porto 1-3-1898

G. C.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O CURSO DO 5.º ANNO (DIREITO E THEOLOGIA) DE 1897-1898

Publicamos hoje a letra da *Ballada* que, com musica do quintanista de Direito, Soares Nobre, foi cantada na tradicional recita de despedida que o curso do 5.º anno theologico-juridico levou á scena hontem, sabbado, no theatro-circo em Coimbra. No proximo numero daremos um escorço da peça *Bohemios*, obra do talentoso poeta das *Cinças* — Gonçalves Cerejeira.

NA DESPEDIDA ! . . .

VOZ:

Morre nos labios o nosso canto,
Para que havemos de nós cantar ?!
Temos no peito fontes de pranto,
Que não se cansam de soluçar !

CÔRO:

A vida alegre vae-nos fugir . . .
Temos as pastas já desbotadas.
Ai ! que saudades vamos sentir
Das nossas capas esfarrapadas ! . . .

VOZ:

O sol doirado da Mocidade
Nunca mais entra no coração :
Andam os homens em cada idade,
De braço dado com a Illusão !

CÔRO:

Adeus, Mondego, desfeito em pranto,
A quem dissemos as nossas maguas,
Veste de lucto, não corras tanto,
Leva-nos, manso, nas tuas aguas !

VOZ:

C ahem cançados os nossos braços !
E os nossos olhos querem chorar !
Não temos forças p'ra dar abraços :
Ah ! quem nos dera saber falar . . .

CÔRO:

Adeus, amigos, que inda ficaes
Sob as caricias d'esta Alvorada :
Guardae no peito, não esqueçaes,
Os versos tristes d'esta ballada.

VOZ:

Partimos todos, d'alma dorida,
Segundo o bando das Illusões . . .
Linda Coimbra, na despedida,
Ahi te ficam os corações !

CÔRO:

Morre nos labios o nosso canto,
Para que havemos de nós cantar ?!
Temos no peito fontes de pranto,
Que não se cansam de soluçar !

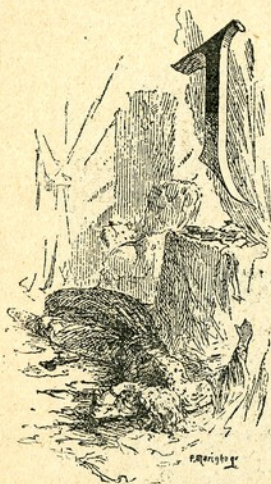
VILLELA PASSOS.

THEATRO D. AMELIA



UMA NOITE DE ZARZUELLA, por Jorge Collaço

O JUSTICEIRO



INFELIZMENTE, o drama consummou-se.

Não se pôde negar que a nossa sociedade se renova inconscientemente, sem dar tento das leis existentes. Cada um tem a sua moral, a sua justiça, a sua religião.

Ha algumas semanas, uma senhora de vinte e dois annos, a condessa de Prémédís, foi encontrada morta, estendida no tapete do seu salão, na sua villa dos arredores de Nice. Tinha recebido um tiro de revolver no meio do peito.

Ter-se-hia suicidado, a condessa? Porque o teria feito?

No livro de baptismo ella tinha o nome de Martha Férier, e o Paris mundano sabia-a filha do marquez de Morenay e de uma bailarina da Opera.

Estes nomes são todos suppostos; e, hoje, estando os principaes personagens em segurança, a historia pôde ser narrada sem nenhuma consequencias para um homem de sentimentos elevados, que se fez o justiceiro da sua casa. Este homicidio passa além da moral ordinaria.

O senhor de Morenay tinha mettido a filha da bailarina n'um convento em voga. Pela sua situação e razões de familia, não podia casar com a mãe; mas, mais tarde, reconheceu a filha. Martha de Morenay era uma creança encantadora.

Nas Tulherias e nos Campos Elysios, os passeiantes paravam para a olhar. Tudo, n'ella, era harmonia e graça. Os seus compridos cabelos, de tres tons diferentes de loiro, cahiam-lhe, ondeantes, pelas costas; os olhos pareciam dois diamantes negros.

Oh! a deliciosa creaturinha, com as suas pernas nugas, o seu vestido azul, a sua touca branca!

No convento era amada até á adoração; tão verdadeira é que a belleza é a lei suprema. Desde a professora mais elevada á companheira mais infima, todos a enchiam de beijos e de caricias.

Terminada a sua educação, o sr. de Morenay levou Martha para junto de si e deu-lhe por dama de companhia uma joven irlandeza de uma familia distinctissima, obrigada a ganhar a vida trabalhando. Martha teve os seus aposentos particulares: tres salas que deitavam para o jardim, no palacio de Morenay, na rua Saint-Guillaume. O marquez não lhe recusava nada. Ella tinha a sua carruagem com arreios de luxo para sahir a passeio, um cavallo de sella sobre o qual Martha brilhava no Bosque, acompanhada ora pelo marquez, ora por um creado com a libré dos Morenay.

No jardim do palacio, Martha tinha mandado collocar no fundo da estufa um viveiro de aves de lustrosas e coloridas plumagens, que lhe diziam as canções das grandes solidões do Brazil, do Mexico e do Senegal.

Martha preferia a estufa ao seu salão. Passava alli os seus dias, ora tocando piano, ora percorrendo a sua bibliotheca, dada pelo marquez de Bébé, um pequeno bulldog, comprado em Londres por cem luizes, alegrava ora com as suas corridas, ora com os seus latidos, umas vezes irritados, outras cheios de alegria, aquelle jardimzinho da sultana,

Um dia, o conde de Prémédís, que era, como de Morenay, membro de tres clubs, a *União*, o *Jockey* e o *Agricola*, foi jantar ao palacio do marquez, á rua Saint-Guillaume.

Quando vieram os charutos, Martha beijou a testa do sr. de Morenay e recolheu aos seus aposentos.

De Prémédís, visivelmente embaraçado, disse ao dono da casa:

— Meu caro Morenay, o sr. conhece-me bem. Tenho 80:000 francos de rendimento. A minha certidão de baptismo dá-me trinta e nove annos incompletos. Estou profundamente apaixonado pela menina de Morenay, e peço-lhe a sua mão.

De Morenay soprou a cinza do charuto, tossiu ligeiramente, e respondeu:

— Reflectiu bem, meu caro Prémédís?

— Fiz commigo mesmo todos os raciocinios possiveis; calculei a differença de edades: dezenove annos! Mas jurei que, á força de attentões, conseguirei dar á minha joven esposa uma alta opinião do meu amor, uma tal fé na minha abnegação, que ella não verá outra coisa senão o que deve respeito a ella ou a mim. Passado este peor transe, virão os dias melhores. Pensei que um berço poderia ser um vinculo mais para a joven mãe... Que lhe direi? Tenho fé n'este casamento.

— Meu caro conde, disse então de Morenay, só me resta consultar minha filha. Dentro de uma hora terá a minha resposta.

O marquez levantou se.

— Mas sabe quem era a mãe d'esta rapariga! Só ella o ignora. Não tenho senão uma coisa a dizer-lhe. Eu dei-lhe o meu nome, o sr. dá-lhe o seu.

«Se algum dia a condessa de Prémédís faltar ao que dever á sua honra, não será o sr., o marido, que lavará a mancha feita no seu nome; serei eu, o pae, que me encarregarei de fazer justiça. Procure ser feliz; eu velarei.»

Martha, que tinha muita vez procurado o mysterio do seu nascimento e tinha apanhado, aqui e alli, fragmentos de confidencia dos indifferentes, estremeceu de alegria pensando que poderia tomar no arrabalde Saint-Germain o logar que até então tinha conquistado.

O sr. de Prémédís era ainda novo; era admirado quando caracolava na avenida das Acacias; tinha uma



Procure ser feliz; eu velarei

bella reputação como homem de espada; almoçava com o principe de Galles e jantava com o grão duque Casimiro. Era muito requestado pelas mundanas mais em voga. Por tudo isto, Martha pensou que o titulo de condessa de Prémédís lhe daria entrada n'essa sociedade que não deixa forçar as suas portas.

O casamento fez-se com uma certa solemnidade, e os noivos fizeram a sua viagem de nupcias pela Italia.

No regresso, fecharam-se em Nice, onde de Prémédís comprou uma villa nas alturas de Mont-Coron. A con-

dessa tinha dois filhos: uma menina, a quem deram o nome de Martha Ivonne, e mais tarde um futuro membro do Jockey Club, que recebeu o nome de Thiago Raul,

O amor do conde de Prémédís por sua mulher não se tinha desmentido um só instante.

* * *

O hypnotismo é de invenção moderna e não levou muito tempo que fizesse rápidos e importantes progressos. E' um estado nervoso, definido, que se pôde observar em determinadas condições nervosas.

Fazia reserva de um meio de acção de ordem mental, operando sobre a imaginação, enquanto Braid usava de uma acção puramente physica. A estas theorias veiu accrescentar-se uma terceira: a da propridade physiologica da suggestão.

A suggestão é toda a historia da humanidade.

Uma noite, no theatro italiano, Martha sentiu-se perturbada. A sua vista escureceu de repente; sentiu como um grande fogo na cabeça e atirou fóra o ramo de flôres que tinha posto no rebordo do camarote, attribuindo ao perfume muito forte das violetas e dos *resingás*, aquella indisposição passageira.

Mas, erguendo os olhos, viu em frente de si, olhando-a fixamente, o principe de San Vitale que, mais de uma vez, nos bailes, tinha dansado com ella.

San Vitale tinha trinta annos; tinha esse encarnado italiano que se torna branco sob a luz de uma vela e os olhos eram admiravelmente negros...

Desde aquella noite, Martha fez tudo quanto San Vitale quiz; obedecia-lhe sem saber por que; não vivia senão da sua presença ou da sua recordação, quando o não tinha junto d'ella. Deu-lhe tudo — a sua alma e o seu corpo.

Um dia, o sr. de Morenay entrou na *villa* de Mont-Coron.

Para entrar, esperou que o sr de Prémédís tivesse sahido. De Morenay despediu todos os creados; depois, entrando na sala onde estava a filha, ficou de pé deante d'ella.

— Meu pae! exclamou a condessa empallidecendo.

— Não, o seu juiz. «Se um dia a condessa de Prémédís faltar ao que deve á sua honra, não será o sr., disse eu a seu marido, que lavar á injuria feita ao seu nome; serei eu, o pae, que me encarregarei de fazer justiça. Seja feliz; eu velarei!»

Martha, aterrada, tremula, cahiu de joelhos e murmurou:

Perdão!

— Não ha perdão possível — respondeu o marquez com voz forte. — Martha Férier, filha de uma mãe impura, cujo sangue lhe corre ainda nas veias, não podia desmentir essa origem!

— Martha tinha-se levantado.

— Em nome de meu filho, perdão! Perdão!...

O marquez fez fogo e a donzella, ferida em pleno peito, cahiu no tapete.

Quando, uma hora depois, o sr. de Prémédís entrou em casa, ficou surprehendido de não encontrar nem porteiro nem creados. Entrou na sala e vendo o marquez que caminhava ao seu encontro, perguntou:

— Que aconteceu?

Com um gesto, de Morenay mostrou-lhe o corpo da condessa estendido no tapete.

O conde deu um grito; ajoelhou, poz a mão no coração



Perdão!

de Martha, agarrou-a convulsamente nos braços, chamando-a, supplicando-lhe que vóltasse á vida.

— Martha — disse o marquez gravemente — tinha manchado o vosso nome. Cumpra a minha palavra, conde. Lavei a lama com o sangue.

— Ah! — exclamou de Prémédís — que foi fazer?

E accrescentou, em meio de um soluço que lhe sahio do mais fundo do peito:

— Eu ter-lhe-hia perdoado!...

No andar de cima, uma voz plangente de creança, clamava:

— Mamã! mamã!

(Trad.)

BOB.

D. GUIOMAR

A Diniz Gomes

O velho solar ostentava-se altivo, magestoso, como um enorme gigante a desafiar os seculos.

Semelhante á alma terna d'uma velhinha, lá dentro vivia D. Guiomar, a filha do fidalgo, linda como o sorriso de uma aurora boreal, a mirar-se no niveo espelho das geleiras; bondosa como uma creança.

Brilhava-lhe nas faces a formosura das florinhas desabrochadas sobre uma campã, que o pobre coração nãdava em amargura.

Ondas de luar espriam se pelo infinito, e ondas de fragrancia do trevo e do lyrio voam té aos céus, onde se recreia, n'uma gondola de brilhantes, a pallida Phebe. No leito do arroio proximo dançam chorêas difficeis as irradiações do luar, parecendo odaliscas hystericas em inebriante bacchanal.

No olmeiro secular, visinho do castello, entõa a philoméla dôces melopêas, segredando á Natureza, na sua rhythmica linguagem, mysterios d'amores.

E o trovador, alma de poeta, sonhador de devaneios, sequioso de glorias, canta endexas sob o balcão da camara de D. Guiomar. Canta os seus amores, as suas maguas e as maguas dos seus amores, que a viração, qual

fiel mensageiro discreto, conduz á fidalguinha, entrelaçados com os melancolicos arpejos do uldaue, enquanto ella, a sua Bem-amada, vae confessando na missiva as emoções da sua alma, os encantamentos dos seus sonhos, e as agruras d'uma realidade acerba. Nas cortinas da alcova dançam projecções exóticas, creadas pela bruxuleante chamma da lampada alabastrina que pende ante a imagem da Virgem. Orvalham a carta algumas lagrimas, que bem traduzem quanto o velho fidalgo se oppõe aos seus amores, lagrimas nascidas talvez d'algum mysterio. Qual branca mariposa, muda mensageira de muitas novas, volita a carta, cahindo aos pés do trovador, que, em grande arroubamento, a oscula.

Já não canta a philoméla — treme o olmeiro — choram os mochos os seus agouros — o inverno é tenebroso. Ruge imprecações de furia o temporal. Está mudo o alaude, que morreu o trovador no prelio de seu pae com o pae da sua amada. E ella, pobre violeta a estiolar-se de dôr e saudade, vae esperando nas phantasias da sua mente desvairada, o regresso do amante que dorme o derreadeiro somno, velado pela Lua, envolta em escuro véu.

Ilhavo

MARQUES MACHADO.

IR BUSCAR LÃ...

(Concluido do n.º anterior)



COISAS ALEGRES

... Pois que ha de mais *alegre, portuguez e authenticico*, do que o caso da «festa do gallo», que Trindade Coelho nos conta n'aquella sua prosa que tem o *gout du terroir*, tão apreciado pelos francezes nos vinhos?...

E' como se estivessemos a vê-lo.

Ora leiam :

H.

«A festa do gallo é das melhores e mais risonhas tradições da escola portugueza, e consistia em offerecer ao Mestre, no dia de entrudo, o melhor gallo das redondezas.

Era comprado o gallo por subscrição entre os rapazes, e cada um dava o que queria, e quem dava um vinem já dava muito. Reunidos os vintens todos, ia se então pelas aldeias á roda, á cata do melhor gallo, e apparecia sempre, por um pinto até seis tostões, o mais chibante gallo que se podia querer ! Comprava-se, está visto ; — e no domingo gordo, fazia-se então uma festa de arromba ! O gallo era mettido n'um grande carro enfeitado de colchas, puchado a juntas de bois ; e escoltado por toda a rapaziada, cada um vestido *miltarmente* como podia, mas ao menos com uma barretina de papel e uma espada de cana (sendo o ideal um espadalhão velho, floreado, algum dia, por um capitão-mór) — lá ia o cairo pela aldeia acima, seguido em massa pelo povileu, e ás vezes por charolas feitas de cadeiras, tambem enfeitadas, dentro das quaes, como sultanas, iam gallinhas !

Seguia o prestito p'las ruas da aldeia ; e ao chegar á porta do Mestre, já este o esperava á janella, ou na varanda se a casa a tinha, vestido com o seu melhor fato.

N'uma janella estava já a criada do Mestre ; e na janella vis-a-vis da casa fronteira, alguma rapariga, — quasi sempre a mais linda da povoação. Uma corda passava então d'uma janella á outra, segura, nas extremidades, pela criada e pela rapariga ; — mas a meio da corda, seguro pelos pés e de cabeça p'ra baixo, lá estava o gallo !

Começavam então as *lôas*, rompidas, quasi sempre, pelo *decurião*, que dizia em verso, voltado para o Mestre, o que vinham alli fazer os seus discipulos, e entrava, n'uma declamação cantarolada e gesto classico, a dizer o *Testamento do Gallo*, que era depois, quadra por quadra, continuado por cada um dos outros, que para tanto avançava á frente. E cada qual, finda a respectiva quadra, forcejava por acertar no gallo uma espadeirada, atirando-lh'a com toda a gana, — ao tempo a que a moça

mais a rapariga fronteira, retezando a corda com presteza, livravam o gallo do golpe mortal, e o auditorio, á roda e pelas janellas visinhas, se escangalhava a rir como um perdido !

Começava o *Testamento do Gallo* por uma especie de nénia, em que o *condemnado* se carpa da sua triste sorte, e lançava, aos quattros ventos, o pregão da sua desgraça ; depois do introito, vinham as *deixas* : da garganta ; da crista ; das pennas do pesçoço, do corpo e do rabo ; das unhas ; das pernas ; do bico ; do figado e da moéla do papo ; e emfim... do miolo das tripas !

Deixo o miolo das tripas,
E toda a mais demasia,
A' mulher mais rabujenta
Que houver n'esta freguezia.

A seguir ás *deixas*, vinham os conselhos aos outros gallos para que se acautelassem dos rapazes ; admoestações prudentes ás gallinhas ; disposições avulsas d'ultima-vontade, como

Deixo por uma só vez
Que a este corpo defunto
Nas exequias se lhe junte
Bôa porção de presunto !

e por fim, bella philosophia em bellas *piadas* :

Mulheres quando solteiras
Todas são muito briosas,
Umas, bellas tecedeiras,
Outras, nada preguiçosas.

Mas apenas são casadas,
Todas têm nariz torcido :
E só têm a lingua prompta
P'ra responder ao marido !

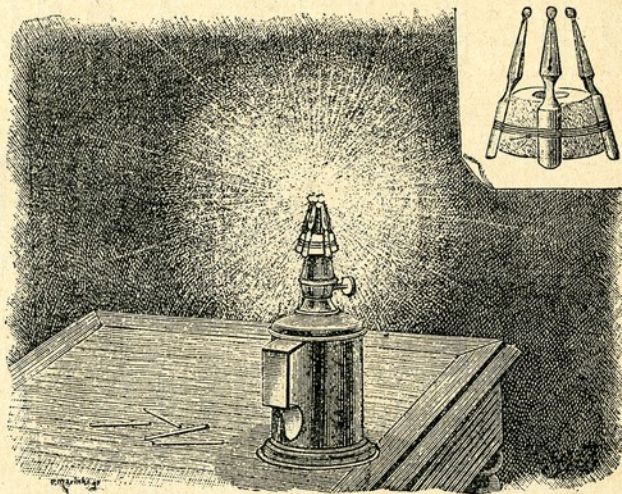
Claro está que depois da versalhada, o gallo era tirado da corda ; e uma vez entregue ao Senhor Professor, não tardava que fosse morto e depennado, e em seguida mettido na panella, — com arroz !...

TRINDADE COELHO.

SECÇÃO RECREATIVA

A LAMPADA DE INCANDESCENCIA

Quando se queima um phosphoro de madeira, fica uma cinza branca, muito leve, que com extrema facilidade se torna incandescente. Fixe-se uma pequena porção d'essa cinza nos bicos de quatro penas de escrever, presas em volta de uma rolha lisa, tendo ao centro um largo furo; se houver difficuldade em fixar a cinza nas extremidades das penas de aço, espetam-se-lhes [quatro pedaços de palitos de phosphoros, accendendo-os depois. Colloque-se, com a maior cautella, a rolha sobre uma lampada de alcool, de fórma que a chamma atravesse o furo da rolha. Se accendermos a lampada, conservando muito baixa a torcida, de modo a produzir apenas uma imperceptivel chamma azulada, vêr-se-ha que os quatro



boccados de cinza se tornam incandescentes e tomam um brilho intenso, sendo difficil, sem fatigar a vista, sup-portal-o; a claridade obtida por este meio póde comparar-se á de uma lampada electrica.

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa
Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis	2\$600 réis
Africa Portugueza.....	800 „	1\$600 „	3\$200 „
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis

OBRAS DE TEIXEIRA DE QUEIROZ

Os noivos, romance, 2.^a edição, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 enc. 1\$400.

D. Agostinho, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Morte de D. Agostinho, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Amores, amores, romance, 1 vol. br. 600 réis, enc. 800 réis.

Arvoredos, contos escolhidos, 1 vol. illustrado por Casanova, br. 800 réis, enc. 1\$100 réis.

ILLUSÕES PERDIDAS

Novo livro de versos de

ALBERTO BRAMÃO

1 volume com um prefácio, e o retrato do auctor, br. 300 rs.

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

52, Rua Augusta, 54—LISBOA

CANÇÃO DO BERCO
b b

VERSOS DE

JOAQUIM DE ARAUJO

5.^a edição, precedida d'uma interessantissima carta posthuma do

Dr. Sousa Martins

PREÇO 200 RÉIS

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

52, Rua Augusta, 54—LISBOA